

ISSUE N.
003
MAY/2023
EITAMAGAZINE.COM

EITA!! MAGAZINE

FANTASTICAL
BRAZILIAN
TALES COMPENDIUM
FIO / GUIMARÃES
MOREIRA / VIAL
VILAS BOAS & AZEVEDO
AUTHORS



table of contents

[O Artesão de Duramere](#)

[The Maker of Duramere](#)

[Tânia \(Rio de Janeiro\) - PT](#)

[Tânia \(Rio de Janeiro\) - EN](#)

[Aguanambi - PT](#)

[Aguanambi - EN](#)

[Antes Havia Pássaros](#)

[There Used to be Birds](#)

[Coração dos Outros, Terra de Ninguém](#)

[Heart of Others, Land of None](#)

[Demônios](#)

[Devils](#)

[Agradecimentos / Acknowledgments](#)

Eita! é uma revista criada para promover a ficção científica e fantasia brasileiras para o público estrangeiro, revelando as tendências da nossa FFC e inserindo a produção brasileira na discussão cultural internacional.

Eita! is a magazine created to promote Brazilian science fiction and fantasy to a foreign audience, revealing the tendencies of our national SFF works and to insert Brazilian production in the worldwide cultural discussion.

Créditos dessa edição / Credits for this issue:

Edição/Edited by André Colabelli, André da Cunha Melo, Iana A., Jayne Oliveira, Vanessa Guedes

Tradução/Translated by André Colabelli, Júlia Serrano, Marina Ferreira, Natalle Moura, Renata Torres, Vanessa Guedes

Preparação/Copyedited by Bianca Zaiman, Ingrid Pereira, Júlia Serrano, Maira M. Moura, Marina Ferreira, Natalle Moura, Rayane Sátiro, Renata Torres, Vitória Vozniak

Direção de arte/Visual concept by Raphael Andrade

Capa e Ilustrações/Cover and internal art by Ian Santos

Redes sociais e comunicação/Social media management and Communications by Larissa Picchioni

Equipe de comunicação/Communications team Lígia Colares, Júlia Serrano, Raphael Andrade

Design do e-book/E-book design by Lucas Ferraz

E36 Eita! Magazine / ed. Iana Araújo ... [et al.] ; direção de arte Raphael Andrade. – N. 3 (abr. 2023)- . – Recife, 2023-

Periodicidade semestral.

ISSN 2763-8227

Disponível em <https://www.eitamagazine.com>

Equipe fixa: Iana Araújo, Lucas Ferraz, Vanessa Guedes, André Colabelli, Natalle Moura (pessoas editoras); Júlia Serrano, Larissa Araújo, Lígia Colares (comunicação); Raphael Andrade (direção de arte).

1. Literatura brasileira. 2. Ficção científica. 3. Fantasia.

I. Araújo, Iana.

CDU 821.111(81)

Catalogação na publicação: Natascha Helena Franz Hoppen – CRB10/2150

Este e-book foi montado usando o software Sigil e as fontes Alfa Slab One e Brasilêro.

This eBook was composed using the software Sigil and the fonts Alfa Slab One and Brasilêro.

© 2023, Eita! Magazine

www.eitamagazine.com

o artesão de duramere

ESCRITO POR

Lis Vilas Boas

EDITADO POR

Vanessa Guedes

PREPARADO POR

Vitória Vozniak



As pupilas reptilianas demoraram um pouco para se ajustar contra as luzes néon da Feira de Mundos. Cipriano acompanhou com curiosidade a movimentação da senhorinha entre os stands. O interesse aumentou quando ela passou a caminhar em linha reta na direção dele.

Era só mais um dia na Feira, realizada toda terça-feira dos meses pares de acordo com o calendário da Quinta República. Como sempre, ele e seu robô tinham chegado bem cedo porque gostavam de arrumar a barraca com calma e seu setor ficava no final da plataforma. A desvantagem era o barulho dos geradores da cúpula vácuo-magnética, mas o lado bom era que tinha a melhor vista para o cinturão de asteroides e do céu infinito por trás. Não que a paisagem influenciasse nos negócios, mas as vendas andavam devagar e Cipriano gostava de ter o cenário para admirar. E era isso que estivera fazendo, até se dar conta da mulher idosa caminhando e ignorando os estandes ultratecnológicos.

Não parecia interessada nos letreiros anunciando as últimas obras da engenharia – satélites habitacionais, moradias atravessadoras de hiperespaço, mega construções do tamanho de átomos. Nem olhou para cima quando passou pelo holograma projetando a criação mais recente dos mestres engenheiros: um planeta totalmente customizável para um único habitante (“Porque o espaço nunca é grande demais pra você!” dizia o anúncio orbitando a projeção do planeta). A senhora não era mesmo o tipo de cliente comum da Feira, muito menos do que costumava ir até a barraca dele.

A maioria das vendas de Cipriano vinha de engenheiros querendo incluir uma cidade no projeto – um item curioso que donos de planetas e luas poderiam exibir para possíveis visitas, um catalisador de conversas pseudo-intelectuais.(Como o costumeiro: “e pensar que as pessoas viviam assim, todas juntas” ou “que fabulosamente arcaico, bem a cara de seres humanos”.)

A verdade era que não gostava daquele tipo de encomenda caprichosa, mas pagava as contas e os projetos mais artesanais que fazia para si. Assim, tentou não ficar muito empolgado com a aproximação da humana e o projeto em potencial que ela trazia. Era baixinha e usava roupas antigas do Siste-

ma Solar, com destaque para o casaquinho de crochê puído nos cotovelos. A pele preta escura tinha poucas rugas, contrastando com cabelos grisalhos presos num coque – devia ter um bom implante estabilizador de envelhecimento. Talvez estivesse na faixa dos 50-100 ou 100-200 anos, difícil dizer.

Cipriano deixou o café de lado e ofereceu o melhor sorriso de vendedor que tinha, mostrando os dentes afiados de sua espécie.

— Bom dia!

— Já é de tarde no Sistema Solar.

— Sim, comprehendo, mas na Feira trabalhamos com o fuso da Quinta República.

— Boa tarde — a senhora insistiu.

— Boa tarde... no que posso ajudá-la?

— Aqui é a barraca do Cipriano?

— Sim! Eu sou Cipriano e aqui você encontra a pólis feita para você!

— Esse não é um slogan muito bom.

— Ah... sim, certo, obrigado, vou colocar sua observação na caixinha de sugestões. Enquanto isso... — Com um sinal seu, o robô acionou o balcão e acendeu o display com os moldes holográficos mostrando as cidades que fabricava. — Por que a senhora não avalia o mostruário? Esses são apenas modelos básicos, completamente modificáveis a seu gosto. Também trabalho com plantas prontas, se a senhora tiver uma.

Ela encarou o robô, uma unidade doméstica flutuante, com certa desconfiança. Cipriano tentou atrair a atenção dela de volta para o balcão.

— Veja, temos cidades litorâneas, grandes ou pequenas. Povoados de montanha, metrópoles megalomaníacas... O que a senhora deseja?

Seria falta de educação perguntar logo de cara quanto estava disposta a pagar, e de qualquer forma ele costumava ter um coração mole quanto à remuneração. Fazia cidades pela arte, não pelo crédito.

— Eu quero um lugar bom para minhas netas viverem.

Apesar do olhar crítico observando os hologramas, a voz veio carregada com emoção — algo tão raro quanto cidades naqueles tempos, depois que os inibidores de emoções tinham virado moda entre humanos. Cipriano às vezes não entendia aquela espécie que estava sempre tentando se transformar em outra, sempre envergonhada de seus processos fisiológicos. Ele se dava melhor com humanos quando se apresentavam como aquela senhorinha — como de fato eram, apenas pessoas.

— Vó!

Uma garotinha veio correndo com um milkshake na mão. Atrás dela, uma moça com um olhar tão sério que o atravessou como um laser de solda — Cipriano levou as mãos ao peito para garantir que as placas de sua carapaça não tinham derretido. Ali estava outro tipo de ser humano que gostava muito, apesar de seu corpo reptiliano raramente ser gostado de volta.

A criança se lançou num relato acelerado sobre a experiência na mini montanha-russa virtual cinco estandes atrás. A moça mais velha parou e cruzou os braços, encarando Cipriano com tanta animosidade que fez seu sangue frio aquecer e o coração lento bater mais rápido. As duas eram muito parecidas com a avó.

— O senhor já explicou pra dona teimosa que o projeto dela é impossível? — A moça arqueou uma sobrancelha.

Os ouvidos reptilianos eram capazes de atribuir sensações distintas aos sons e a voz da moça era afiada. Nem grave, nem aguda, apenas a frequência certa para fatiá-lo em pedacinhos e fazê-lo se sentir grato por isso.

— Ora, veja bem, eu não-

— Não é impossível. — A avó o interrompeu.

— É sim! Cidades precisam de espaço, e organização, e pessoas! — A moça suspirou, levando a mão ao nariz. — Além disso, a senhora não pode

pagar.

Por alguns segundos, o som da mais nova sugando o milkshake dominou a conversa. O robô emitiu um bip constrangido. O rosto da senhorinha estava congelado numa máscara de determinação — o olhar brilhava a ponto de acumular lágrimas nos cantos, e naquele instante Cipriano teve a resposta para a pergunta que não fizera. Ela parecia disposta a arcar com qualquer custo, mesmo se no momento não tivesse os créditos necessários.

Cipriano pigarreou, tentando dissipar o momento tenso. E, também, para atrair o olhar da moça brava de volta, se fosse sincero.

— Tenho certeza de que podemos combinar a-

— Se o senhor for um artesão honesto, não vai alimentar a ilusão dela.

Palavras cortantes como a voz, e um último olhar furioso antes de sair andando. Foi tudo muito rápido, mas Cipriano viu a lágrima teimosa querendo escapar do olho dela.

— Melina, querida — disse a avó baixinho —, vai atrás da sua irmã.

A garotinha encarou a avó e depois Cipriano. Ela exalava fofura de cada poro e o derretia de um jeito diferente. Se passasse mais tempo com aquela família, precisaria de uns dias numa câmara de hibernação para se recompor.

— Moço, eu queria uma sorveteria azul na cidade, pode ser?

— Isso com certeza pode ser providenciado.

Ela sorriu e saiu correndo, chamando a irmã:

— Laila, me espera!

Cipriano e a senhora se encararam. Do bolso do casaquinho de crochê, ela tirou um chip e o deixou sobre o balcão.

— Seus modelos são bonitos, mas tudo que eu quero tá nesse livro. — Então sorriu com resignação. — Mais a sorveteria azul.

— Certo, e quanto ao pagamento nós podemos...

Ele foi parando de falar quando ela sacudiu a mão no ar e lhe deu as costas.

— Volto na semana que vem pra ver o primeiro esboço.

*

Deixou para abrir o chip e na nave-casa. Era um romance. “Os cartões postais de Duramere”, por Cerolina Aman.

“*No céu arroxeado cheio de estrelas de Duramere, uma nave cortava a atmosfera, se aproximando, fazendo um coração humano bater mais rápido.*”

O começo bastou para fisgar Cipriano. De tão imerso, esqueceu de ligar as lâmpadas de calor, seu corpo foi esfriando e amolecendo enquanto se perdia nas ruas da história e no amor de Lita e Pérolo. Foi salvo pelo robô, que iniciou o protocolo de emergência após seis horas de inatividade na mesma posição — deitado, lendo o livro holográfico, e consideravelmente apaixonado.

Começou a planejar assim que os órgãos reptilianos ficaram aquecidos o suficiente, sob os bips reprovadores do robô. Trabalhar sem garantia de pagamento nunca era uma boa ideia, mas a essa altura se importava menos com o serviço e mais com a satisfação de criar com inspiração.

Projetou as ruas curvas, os prédios inclinados para a direita, os jardins suspensos. Não foi difícil achar espaço para a sorveteria azul porque Duramere tinha sido feita para sonhos, tinha descrições perfeitas de lugares importantes e pontos turísticos ao mesmo tempo que deixava becos em aberto onde algo novo poderia surgir. Pensou nos suspiros de Pérolo para moldar espaços vazios e nos olhos de Lita para escolher as cores.

Para os materiais, teve que usar mais imaginação. Pensou em como uma voz afiada melhor reverberaria entre as construções e em como cabelos crespos balançariam ao passar do vento entre prédios.

*

Uma semana depois, estava relendo o livro pela décima vez, absorto na cidade fictícia e completamente esquecido da Feira de Mundos. Foi trazido de volta à realidade por um pigarreio tão cortante que todas as placas da superfície de seu corpo tremeram.

— Ela não pôde vir.

Era a moça, Laila, tão brava e afiada quanto da outra vez. Quis convidá-la para passear em Duramere, mas em vez disso colocou o sorriso de vendedor no lugar. Seus olhos sensíveis ao calor viram as bochechas dela esquentando, captaram o leve sacudir da cabeça, e seu próprio coração bateu mais rápido em resposta.

— Ela está numa unidade de saúde.

— E você veio avaliar o esboço no lugar dela?

— Não, vim me certificar que essa loucura não siga em frente. Não quero desperdiçar o seu tempo e...

Laila engoliu em seco, encarando o balcão onde Cipriano tinha deixado o livro holográfico aberto. O sangue abandonou sua face.

— O senhor leu?

— Mais fácil dizer que fui transportado. Fecho os olhos e me vejo nas ruas, sinto o calor das barraquinhas da praça e o cheiro-

— O cheiro das flores carnívoras na beira do lago. — Ela completou num sussurro, o canto da boca se inclinando suavemente para cima. — O senhor não precisa citar Duramere pra mim.

— Meu nome é Cipriano, não sou um senhor ainda, para os padrões rep-tilianos...

O quase sorriso aumentou só um pouquinho antes dela suspirar. Laila lhe deu as costas e se apoiou no balcão, fazendo viajar até suas narinas um perfume cítrico — ele logo pensou que poderia replicar o aroma nos jardins de Nova Duramere, como vinha chamando o projeto.

— Muita gente vem aqui encomendar cidades saudosistas?

— Quase ninguém. — Ele se apoiou no balcão, chegando mais perto do cheiro. — As pessoas veem cidades como coisa do passado, coisa de huma-nos selvagens. No fundo, acho que têm medo.

— Por quê?

— Viver em cidades significa olhar num tipo de espelho, saber quem você é e as atitudes que toma por uma comunidade. As pessoas podem fingir que não, mas todo mundo sabe... Na cidade não dá pra fugir do outro, e nem do que esse outro reflete sobre você. É menos constrangedor viver só numa nave ou em coabitacões onde ninguém se encontra.

— Talvez...

— Você sente falta de conviver com mais gente?

— Fisiologicamente, não — sussurrou.

Observaram a Feira em silêncio. A mente de Cipriano vagou devagar pelo cenário e logo voltou a se concentrar em Laila, e no motivo dela não querer uma cidade. Se perguntou quem seria o outro de quem ela preferia fugir.

— Não é por isso que não quero minha avó gastando todas as economias numa cidade — ela falou como se em resposta aos seus pensamentos. — Pessoas sempre vão precisar umas das outras, numa cidade ou não.

— Então, por quê?

— Porque as pessoas também precisam viver no mundo real. Não é do sonho de uma escritora que Melina e eu precisamos.

O tom de navalha tinha voltado e ao mesmo tempo que o sangue de Cipriano esquentou, seus ouvidos captaram o estremecer ao redor da palavra ‘escritora’. Não era seu lugar perguntar, mas gostaria que fosse.

— Sua avó só quer dar o melhor pra vocês.

— Mas não é o que precisamos.

— Talvez. Ou talvez dar Duramere a vocês seja do que ela precisa. Não precisam viver nesse sonho se não quiserem, mas... olha em volta. Viver num sonho não é justamente o sonho de tantas espécies há milênios? Escolher o sonho onde morar não parece má ideia.

Laila o espiou pelo canto do olho, um brilho diferente ali.

— Não sabia que reptilianos eram sonhadores.

— Fisiologicamente, não. — Ele sorriu. — Compensamos nas artes.

*

Quando não estava pensando em Laila e se perguntando se a conversa tinha sido suficiente para convencê-la, Cipriano dedicava-se a criar algo que a impressionasse.

No livro, Lita e Pérolo se encontravam nos cartões postais de Duramere e se desencontravam na rotina do dia a dia. Se encantavam um pelo outro nos lugares mais bonitos e descobriam facetas não tão boas nas bordas da cidade. O primeiro beijo acontecia num lugar que não era nem um nem outro, uma rua qualquer que passou a ser a favorita do casal. Cipriano tentou consertar problemas, deu casas boas e comércio para a periferia, alargou ruas onde não passavam ônibus, mas as deixou tortuosas. Quis dar ao projeto as mesmas possibilidades da história — que pessoas pudesse se amar e

que esse amor fizesse da cidade o lugar mágico para onde era transportado quando lia.

Terminou o projeto e passou para a construção à base de lixo espacial e poeira de estrela. Precisou raspar todas as economias que tinha, mesmo usando aqueles materiais barateados depois que as tecnologias de manipulação de matéria escura tinham bombado no mercado.

*

Estava tudo pronto quando as encontrou de novo. A senhora já estava na barraca quando ele chegou na Feira, sentada numa cadeira magnética com suporte de vida.

— Ah, que prazer emvê-la! Como está passando?

— Passando... Estive debilitada numa nave hospitalar por um tempo e espero que Laila não tenha feito o senhor desistir.

— De forma alguma. Eu-

— Vó!

A cena se repetiu, mas foi Laila quem veio correndo, seguido de Melina andando atrás, de novo com um milkshake.

— A senhora não estava de alta!

— Os preguiçosos estavam demorando demais então eu me dei alta, e vim ver nossa cidade.

— Não é nossa cidade porque com os créditos nós vamos pagar seu novo estabilizador de saúde!

— Olha, eu- — Cipriano tentou falar.

— E você fica fora disso! — Laila o cortou.

— Laila, eu vou comprar essa cidade!

— Não vai! Eu não quero uma mentira!

— Você não precisa morar nela se não quiser, pode ir me visitar, porque é em Duramere que eu vou viver até o fim dos meus dias.

— Que não vão ser muitos se não usar os créditos pra coisa certa!

O silêncio que se seguiu tinha gosto de mágoa e amor nas narinas bifurcadas de Cipriano. Os seres humanos eram contraditórios aos sentidos reptilianos, talvez por isso gostasse deles ao natural.

— Eu vou fazer a cidade de graça — falou antes que Laila cortasse mais do que realmente pretendia. Atraiu a atenção das três. — Quer dizer, quase. Meu preço é bastante simbólico.

— Quanto? — a avó perguntou, os olhos brilhando.

— Uma casa no Bairro das Palmeiras, com uma loja. Eu também quero morar em Duramere. Assim a senhora guarda os créditos pra aproveitar a cidade por muitos anos mais.

— Eu não sei se é um acordo justo pra você... — A avó piscou devagar, a testa franzida. — Mas não vou ser boba de recusar um presente desses, o universo tinha mesmo uma dívida comigo. O que me diz, Laila?

A moça encarava Cipriano, queixo caído e olhar indignado.

— Não faz diferença, ainda é só um sonho.

Ela foi embora sem despedidas, causando uma pontada dolorosa no coração reptiliano. Talvez ele tivesse merecido por se intrometer em assuntos de família, mas também não era de recusar as oportunidades da vida.

— Moço? — Melina chamou depois que a irmã sumiu na multidão. — Você pode colocar uma fábrica de chocolate para Laila? Caso ela mude de ideia e vá morar com a gente?

— Posso... mas isso não é outro livro?

— É, mas minha mãe sempre disse que em Duramere cabiam várias histórias.

— Sabe... estou contando com isso.

*

Cerolina Aman era a filha de Cássia Aman, quem lhe contou tudo depois da mudança para Nova Duramere.

A cidade orbitava ao redor de uma pequena lua no Sistema Coralonar, nas bordas da Quinta República, exatamente onde sua autora tinha desejado. Sendo uma novidade, já havia uma lista de moradores interessados — uns poucos fãs do livro e um punhado de gente querendo voltar aos velhos costumes. Por enquanto eram só os três e as palavras do romance fictício ecoando pelas ruas.

— Cerolina escreveu o livro para o pai das meninas, antes de descobrir que ele não merecia receber a dedicatória e deixar as três para trás. — Cássia contou um dia enquanto caminhavam pela Praça das Estações.

— Então é por isso que Laila...

— Medo e teimosia. — Ela suspirou. — Minha filha morreu procurando pelo idiota, acreditando no sonho. Por isso Laila acha que sonhos não valem a pena, acha que sempre se acorda deles num pesadelo.

Os dois observaram Melina se balançar nas gangorras pneumáticas na companhia silenciosa do robô. Ela também devia guardar os próprios traumas infantis daquela história.

— Mas e a senhora? Por que quis isso tudo de verdade?

— Porque Duramere foi o último lugar onde minha filha foi feliz. Não pude dar isso pra ela em vida, mas pelo menos está aqui pras meninas. Com isso, vou ser feliz também.

Cipriano aceitou a resposta, sabia que ainda teria tempo para descobrir motivações mais profundas. Por hora, o encanto de estar habitando a própria criação bastava. Estava satisfeito consigo mesmo e cheio de esperança.

— Eu coloquei a fábrica de chocolates.

Cássia riu.

— Não sabia que reptilianos eram românticos.

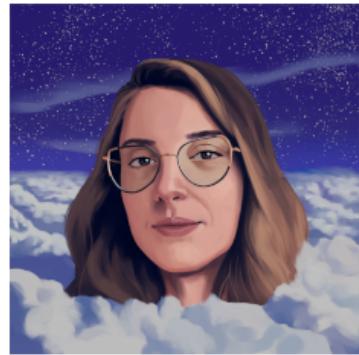
— Fisiologicamente, não. Compensamos nas artes.

As palavras trouxeram uma pontada de anseio, junto do aroma cítrico que fizera questão de espalhar pela cidade.

— Acha que ela vai vir? Um dia?

— Laila, no final das contas, é igual a mãe dela... e a única que tem nos-sa localização por enquanto... — Cássia sorriu, apontando para cima.

No céu arroxeadão cheio de estrelas de Duramere, uma nave cortava a at-mosfera, se aproximando, fazendo um coração reptiliano bater mais rápido.



LIS VILLAS BOAS

Lis Villas Boas é de Volta Redonda, cidade fluminense criada com a implantação da CSN e cercada de cidades históricas que foram parte do ciclo cafeeiro. Lis é escritora de ficção especulativa representada pela Agência Magh e pesquisadora de oceanografia. Tem textos publicados nas revistas Pretérita, Faísca (Mafagafo), Hexagon e Seaborne. Vive com o marido no Rio de Janeiro, e é uma grande apreciadora de café e jujubas vermelhas.

Instagram: <https://www.instagram.com/lisquercafe>

Twitter: https://twitter.com/Lis_Bitt

the maker of duramere

WRITTEN BY

Lis Vilas Boas

EDITED BY

Vanessa Guedes

TRANSLATED BY

Júlia Serrano

COPY EDITED BY

Natalle Moura



The reptilian pupils took a while to adjust to the bright neon lights of the Worlds' Fair^[1]. Cipriano followed curiously the movement of the old lady between stands. His interest increased when she started beelining towards him.

It was a day just like any other on the Fair, which happened every Tuesday of the even months on the Fifth Republic's calendar. As usual, Cipriano and his robot had arrived quite early because they enjoyed taking their sweet time putting together the stand, and their sector was near the end of the platform. The downside was the noise coming from the generators of the vacuum-magnetic dome but the good side was it had the best view of the asteroid belt and the endless sky behind it. Not that the background had any influence on the sales—no—but since sales were slow, Cipriano enjoyed having the scenery to admire. And that's what he was doing until he noticed the old lady walking up to him while ignoring all the high-tech stands.

She didn't seem interested in those luminous signboards announcing the latest engineering marvels—habitational satellites, hyperspace trekker houses, atom-sized mega constructions. She didn't even look up when passing under the hologram of the most recent feat by the engineering masters: a one-person planet made-to-measure, fully customizable—The ad orbiting over the projection read “Because space is never too big to you!”. The old lady was really not the usual type of customer at the Fair, much less the kind who used to go to his stand.

Most of Cipriano's sales came from engineers wanting to include a city in their projects—a curious item that moon and planet owners could show off to possible visitors, a pseudointellectual conversation catalyst. (Like the usual “And to think people used to live like this, all together” or even “how fabulously archaic; such a human thing to do”.)

The truth was he didn't like these fanciful commissions, but they paid the bills and his more self-indulgent artisanal projects. So, he tried not to get overly excited about the human's approach and the potential project she might be bringing him. She was short and used old Solar System clothing,

most notably her dainty crocheted coat, worn on the elbows. Her dark skin had few wrinkles, and it contrasted with the gray hair in a bun—she must've had a good aging-neutralizer implant. She might've been around her 50's-100's or 100's-200's, hard to tell.

Cipriano put his coffee aside and offered her his best businessman smile, it showed the sharp teeth of his species.

“Good morning!”

“It’s already afternoon in the Solar System.”

“Yes, I understand, but at the Fair, we work in the Fifth Republic time zone.”

“Good afternoon,” the elderly woman insisted.

“Good afternoon... How may I help you?”

“Is this Cipriano’s stall?”

“Indeed, it is! I’m Cipriano and here you’ll find the perfect polis for you!”

“That is not a very good slogan.”

“Oh... yes, right, thank you. I’ll add your note to the suggestions box. Meanwhile”—and with a signal from him, his robot activated the counter and lit up the display with holographic models of the cities he had made—“why don’t you examine the showcased pieces? These are just some of the basic models, completely adjustable to fit your tastes and needs. I also work with pre-made blueprints if you have one.”

She stared at the robot, a hovering domestic unit, with some distrust. Cipriano tried to bring her attention back to the showcase.

“See, we have coastal cities, big and small. Mountain villages, megalomaniac metropolises... What is it you desire?

It would be impolite to ask right out of the gate how much she was willing to pay, and he had a soft spot on this matter anyway. He did it for the

art, not the credit.

“I want a good place for my granddaughters to live in.”

Despite the critical eye watching the holograms, the voice came full of emotion—something as rare as cities in those days, after the emotion inhibitors had become a fever among humans. Cipriano sometimes didn’t understand that species, always trying to become another, always ashamed of its own physiological processes. He got along better with humans when they presented themselves in a way like that lady—as they were, just people.

“Grandma!”

A little girl came running with a milkshake in her hand. After her, came a woman with a gaze so stern it blasted through Cipriano like a laser welding machine—he put his hands to his chest to make sure the plates of his carapace hadn’t melted. There it was, the other type of human being that he liked very much, even though his reptilian body was rarely liked back.

The child went on a speedy retelling of her virtual mini rollercoaster experience from five stands ago. The older one stopped and crossed her arms, staring at Cipriano with such animosity it warmed his cold blood and made his slow heartbeat faster. Both were really similar to their grandmother.

“Have you explained to Miss Difficult here yet that her project is impossible?” the lady raised an eyebrow.

The reptilian ears were capable of attributing different sensations to sounds, and that woman’s voice was sharp. Not low, not high, just the perfect frequency to slice him to bits and make him feel grateful for it.

“Well, see, I don’t—”

“It’s not impossible,” the grandmother interrupted.

“It is! Cities need space, organization, and people!” The lady sighed, covering her nose with a hand. “Besides, you can’t afford it.”

For a few seconds, the sound of the youngest sucking on her milkshake dominated the conversation. The robot emitted an awkward beep. The face of the old lady was frozen in a mask of determination—her gaze gleamed with the tears at the corner of her eyes, and at that moment, Cipriano found the answer to the question he hadn't asked. It seemed she was willing to pay any price, even if she didn't have enough credits at that moment.

Cipriano cleared his throat, trying to dissipate the tension. And, also, if he were to be completely honest, to turn the angry lady's gaze back to him.

"I'm sure we can find an adequate—"

"If you are an honest artisan, you'll not fuel her delusion."

With words as sharp as her voice, she shot him a furious look before walking away. It was all so fast, but Cipriano caught a glimpse of a stubborn tear trying to escape her eye.

"Melina, dear," the old lady said softly, "go after your sister."

The little girl stared at her grandmother and then at Cipriano. She exuded cuteness from every pore and could melt him in a whole different way. If he stayed a while longer with that family, he'd need a couple of days in a hibernation chamber to collect himself.

"Sir, I want a blue ice cream shop in the city, is that okay?"

"That can certainly be arranged."

She smiled and ran off calling for her sister.

"Laila, wait!"

Cipriano and the old lady looked at each other. From the pocket of her dainty crocheted coat, she took out a chip and left it on the counter.

"Your models are beautiful, but all I want is in this book" she smiled her resignation "Plus the blue ice cream shop."

"Of course, and regarding the service fee we could..." he trailed off when she waved her hand in the air and turned away from him.

“I’ll come back next week to see the first draft.”

*

Cipriano waited until he was at his house-ship to access the chip. It was a novel. “Postcards from Duramere”, by Cerolina Aman.

Over at the purplish sky full of stars of Duramere, a spaceship cut through the atmosphere, drawing closer, making a human heart beat faster.

The start was enough to hook Cipriano. He was so absorbed he forgot to turn on the heat lamps, and his body began to cool and turn mellow while he lost himself in the streets of the story and the love of Lita and Pérolo. He was saved by the robot, which initiated the emergency protocol after six hours of continued torpor—lying still, reading the holographic book, considerably smitten.

He started planning as soon as his reptilian organs warmed up enough, still under the reproaching beeps of the robot. Working without assurance of payment was never a good idea, but at this point, he cared less about the job than he did about the satisfaction of inspired creation.

He planned its curved streets, buildings that leaned to the right, the hanging gardens... It wasn’t hard to make space for the blue ice cream shop, because Duramere had been made for dreams, it had perfect descriptions of relevant places and tourist attractions but left open alleys where new things could emerge. He thought of Pérolo’s sighs to mold empty spaces and of Lita’s eyes to choose the colors.

For the materials, Cipriano had to be even more imaginative. He thought about how a sharp voice would better reverberate through the buildings and how coily hair would sway as the wind blew between buildings.

*

A week later, he was rereading the book for the tenth time, wandering through the fictional city and completely oblivious to the Worlds' Fair, when the rasping sound of a throat brought him back to reality. The sound was so intense it made all the plates that covered his body shiver.

“She couldn’t come.”

It was the woman, Laila, as angry and sharp as she was the last time he’d seen her. He wanted to ask her if she’d like to go for a walk in Duramere, but instead, he just put on his businessman smile. His thermo-sensitive eyes saw her cheeks warming up, captured the subtle shaking of her head, and so his own heart beat faster in return.

“She’s in a health unit.”

“And you came to check the initial draft in her place?”

“No, I came to make sure this madness doesn’t go any further. I don’t wanna waste your time and—”

Laila swallowed hard, staring at the counter where Cipriano had left the holographic book open. Her face was livid.

“Have you read it?”

“I’d say rather I was transported. I could close my eyes and see myself in its streets, I’d feel the warmth of the kiosks at the square and the smell of —”

“The smell of the carnivore flowers by the lake,” she finished in a whisper, the corners of her mouth tilting up slightly. “You don’t need to quote Duramere for me, sir.”

“My name is Cipriano, no need for honorifics. I’m not even old enough for them by reptilian standards^[2]...”

Her almost-smile widened just a tiny bit larger before she sighed. Laila turned her back on him and leaned against the counter, sending a citric perfume to his nostrils—he quickly thought to himself that he could replicate the scent in the gardens of New Duramere, as he'd been naming the project.

“Do many people come here commissioning nostalgic cities?”

“Almost no one,” he leaned on the counter, getting closer to the scent, “People see cities as something from the past, from the times of barbaric humans. Deep down, I think they’re scared.”

“Why?”

“Living in a city means to stare into a kind of mirror, to know who you are and the attitude you have towards your community. People might pretend they don’t, but everybody knows... In a city you can’t escape the others, nor what they show about you. It’s less embarrassing to live alone in a spaceship or in cohabitation facilities where no one meets.”

“Maybe...”

“Do you miss living with more people?”

“Physiologically, no,” she whispered.

They stared at the Fair in silence. Cipriano’s mind wandered slowly through the scenery and then refocused on Laila and the reason she might not want the city. He asked himself who was this other she preferred to run away from.

“That’s not why I don’t want my grandmother to spend all her money on a city,” she said as if reading his thoughts. “People will always need one another, in a city or not.”

“Then, why?”

“Because people also need to live in the real world. It’s not the dream of a writer that Melina and I need.”

Her razor-sharp tone was back, and as Cipriano's blood rushed, his ears noticed how her voice faltered at the word *writer*. It wasn't his place to ask, but he wished it was.

"Your grandmother only wishes to give you the best that she can."

"But that's not what we need."

"Maybe. Or maybe giving you Duramere is what she needs. You don't need to live in this dream if you don't want to, but... Look around you. Hasn't living in a dream actually been the dream of so many species for millennia? Choosing the dream to live in doesn't sound like a bad idea."

Laila gave him a side glance, there was a different gleam showing there.

"Didn't know reptilians were such dreamers."

"Physiologically, no," he smiled. "We make up for it with art."

*

When he wasn't thinking about Laila and wondering if their conversation had been enough to convince her, Cipriano dedicated himself to creating something to awe her.

In the book, Lita and Périlo met each other at the must-see destinations and missed each other in day-to-day life. They fell for each other in the most beautiful places and found not-so-great features at the edges of town. The first kiss happened in between, in a nameless street that became the couple's favorite. Cipriano tried to fix the problems, he gave good houses and businesses to the suburbs, and widened streets where buses couldn't go through, but left them winding. He wanted to give the project the same possibilities as the story—that people could love each other, and that this love turned the city into this magical place he was transported into when he read the book.

He finished the project and began the construction using space junk and stardust. He had to scrape together all the savings he had, even using those materials that cheapened after the dark matter manipulation technologies had exploded in the market.

*

Everything was ready when he met them again. The old lady was already at the stall when he arrived at the Fair, sitting in a magnetic wheelchair with installed life support.

“Oh, what a pleasure to see you! How have you been?”

“I’ve been... I’ve been debilitated in a hospital ship for a while, and I hope Laila didn’t make you give it up.”

“Not at all. I—”

“Grandma!”

The scene repeated itself, but it was Laila that came running this time, followed by Melina that walked behind her, again with a milkshake.

“You were not discharged!”

“Those lazy folks were taking too long, so I discharged myself, and came to check on our city.”

“It is not our city because we’re using the credits to buy you a new health stabilizer!”

“Look, I—” Cipriano tried speaking.

“You stay out of it!” Laila cut him dry.

“Laila, I’m buying this city!”

“No, you’re not! I don’t want a lie.”

“You don’t have to live in it if you don’t want to, you can come to visit because I’m living in Duramere ‘til the end of my days.”

“Which won’t be too long if you don’t use the credits for the right thing!”

The silence afterward tasted like hurt and love in the bifurcated nostrils of Cipriano. Human beings were so conflicting to reptilian senses, maybe that’s why he enjoyed them in their natural state.

“I’m making the city for free,” he said before Laila cut off before hearing it all. That got the attention of all three of them. “I mean, almost. My price is quite symbolic.”

“How much?” The grandmother asked, gleaming eyes.

“A house in the Palmeiras neighborhood, with a store. I also want to live in Duramere. That way you can keep your credits to enjoy the city for many years to come.”

“I don’t think that’s a good deal to you...” The grandmother blinked slowly; her brow furrowed. “But it would be silly not to accept a gift like that, the universe did owe me a debt. What do you say, Laila?”

The woman stared at Cipriano, jaw dropped and looking outraged.

“Doesn’t make a difference, it’s still just a dream.”

She went away without saying goodbye, painfully stinging the reptilian heart. Maybe he deserved it for meddling in family matters, but he wasn’t one to turn down life’s opportunities either.

“Sir?” Melina called after her sister disappeared in the crowd. “Can you make a chocolate factory for Laila? In case she changes her mind and comes live with us?”

“I can... But isn’t that from a different book?”

“Yeah, but my mom always said that many stories can fit in Duramere.”

“You know what?... I’m counting on it.”

*

Cerolina Aman was the daughter of Cássia Aman, who had told him everything after they moved to New Duramere.

The city orbited a small moon at the Coralonar System, at the edges of the Fifth Republic, exactly where its author had wished. For the novelty of it, there was already a list of people interested in living there—a couple of fans of the book, and a handful of people wanting to go back to the old ways. But for now, there were only the three of them and the words of the novel echoing through the streets.

“Cerolina wrote the book for the girls’ father, before she found out he didn’t deserve its dedication and left the three of them behind,” Cássia told him one day while they walked around the Seasons’ Square.

“So, that’s why Laila...”

“Fear and stubbornness,” she sighed. “My daughter died searching for the idiot, believing in the dream. That’s why Laila thinks dreams are not worth it, she thinks you’ll always wake up in a nightmare.”

They both watched as Melina played at the pneumatic seesaw accompanied silently by the robot. She must also have had her own childish traumas from that story.

“And how about you? Why did you really want all of this?”

“Duramere was the last place where my daughter was happy. I couldn’t give this to her in life, but at least it’s here for the girls now. And so, I can be happy too.”

Cipriano accepted the answer, he knew he’d have time to figure out deeper motivations. For now, the excitement of inhabiting his own creation was enough. He was satisfied with himself and full of hope.

“I added the chocolate factory.”

Cássia laughed.

“Didn’t know reptilians were romantics.”

“Physiologically, no. We make up for it with art.”

The words stirred in him a yearning along with the citric scent he made certain to spread throughout the city.

“Do you think she’ll come? One day?”

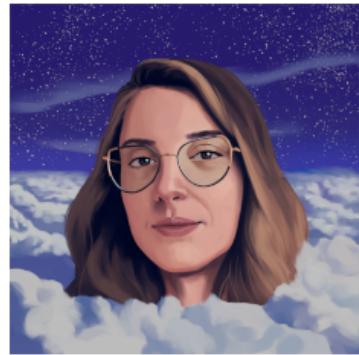
“Laila, at the end of the day, is just like her mother... And right now, she’s the only one with our location...” Cássia smiled pointing upward.

Over at the purplish sky full of stars of Duramere, a spaceship cut through the atmosphere, drawing closer, making a reptilian heart beat faster.

All the translator’s notes were authorized by the original author, Lis Vilas Boas. I thank her very much for allowing me to indulge myself.

[1] Translator’s note: not to be confused with the big house ships from more ancient and Earthly times.

[2] Translator’s note: Reptilians, much like Brazilians, address older male individuals as "sir".



Lis VilAS BOAS

Lis Villas Boas was born in Volta Redonda, a city in the state of Rio de Janeiro, named after the round shape of a river stream. The historical town is a place of innovation and political movements, surrounded by other historical villages in the area of the coffee cycle.. Lis is a speculative fiction writer, represented by Magh Agency, and an oceanography researcher at UERJ. She has works published by Pretérita, Faísca (Mafagafo), Hexagon and Seaborn magazines. She lives with her husband in Rio. Lis is also very fond of coffee and red jelly beans.

Instagram: <https://www.instagram.com/lisquercafe>

Twitter: https://twitter.com/Lis_Bitt

tânia (rio de janeiro)

ESCRITO POR

Elisa de Magalhães e Guimarães

EDITADO POR

André Colabelli

PREPARADO POR

Vitória Vozniak



Nota: Se procura por outros significados de Tânia, veja [Tânia \(desambiguação\)](#).

Este artigo sobre [municípios do Brasil](#) é um esboço. Você pode ajudar a Wikipédia [expandindo-o](#).

Tânia é um município brasileiro da [região metropolitana](#) do [estado](#) do [Rio de Janeiro](#). Localiza-se em um ponto nas divisas entre os municípios de [Niterói](#), [Maricá](#) e [São Gonçalo](#). A [latitude](#) e [longitude](#) ainda não foram definidas oficialmente. A [altitude](#) é de aproximadamente 1,65 metros, segundo a [costureira](#)^[1] e os [exames médicos](#)^[2] mais recentes. A área total e a [população](#) de Tânia ainda não são conhecidas. Porém, testemunhas da [fundação](#) estimam que o município abrigue por volta de 100 mil habitantes[carece de fonte].

Embora seja considerado um município litorâneo por seus habitantes e pelas [empresas](#) do [ramo imobiliário](#), a saída para o mar de Tânia é contestada pelas [prefeituras](#) de Niterói e Maricá^[3].

Índice

- 1 [História](#)
- 2 [Administração](#)
- 3 [Cidade-irmã](#)
- 4 [Referências](#)
- 5 [Ligações externas](#)

História

No dia [15 de janeiro de 2022](#), a corretora de imóveis aposentada [Tânia Maria Gomes Medeiros](#), de 63 anos, lavava a calçada em frente à sua [casa](#) no [bairro](#) de [Maria Paula](#), [zona rural](#) de Niterói^[4]. Por motivos ainda desconhecidos, Tânia derreteu, misturando-se ao [asfalto](#), à [terra](#), à [água](#) e ao [sabão](#). Seu corpo liquefeito se expandiu e espalhou-se por toda a [região](#) em torno do bairro, ocupando o território que hoje é considerado um município à parte.

A separação de Tânia dos outros municípios foi efetivada no dia [1 de fevereiro](#) de 2022^[5]. Em [17 de janeiro](#) de 2022^[6], primeiro dia útil após a [liquefação](#) de Tânia, a prefeitura de Niterói enviou uma equipe técnica para averiguar a situação. Nos dias seguintes, São Gonçalo e Maricá também enviaram suas próprias equipes. [Pesquisadores](#) dos departamentos de [Biologia](#), [Arquitetura e Urbanismo](#) e [Engenharia Civil](#) da [Universidade Federal Fluminense](#) (UFF) também estiveram presentes no local. Após intensa discussão com Tânia e sua família, foi elaborado um [laudo pericial](#) recomendando a [emancipação político-administrativa](#) do território^[7]. O laudo foi enviado para as prefeituras de Niterói, Maricá e São Gonçalo, bem como para a [Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro](#) (Alerj) e para o [governador](#) do estado. A emancipação de Tânia foi votada em caráter de urgência na Alerj e publicada no [Diário Oficial](#) no dia [25 de janeiro](#) de 2022, com data de efetivação para o primeiro dia útil do [mês](#) seguinte^[8].

Ainda não foi determinado o motivo pelo qual ocorreu a liquefação. Pesquisadores da UFF, da [Universidade Federal do Rio de Janeiro](#) (UFRJ) e da [Fundação Oswaldo Cruz](#) (Fiocruz) estão em tratativas para recolher amostras do solo de Tânia para estudos. Contudo, embora Tânia não se incomode em ceder as amostras, os pesquisadores encontram resistência de dois dos cinco filhos da aposentada-município, [Juninho](#) e [Everaldo](#), que consideram o recolhimento uma ofensa grave à sua mãe^[9].

Administração

Tânia é, atualmente, a única [cidade consciente](#) e autoadministrada do [Brasil](#)^[carece de fonte]. Quatro dos cinco filhos de Tânia – Juninho, Everaldo, [Pedro Henrique](#) e [Bruna](#) – estão em processo de mudança para o território da mãe para auxiliar em questões relativas a [saúde](#), [educação](#), [comércio](#), [transporte](#) e [turismo](#)^[carece de fonte]. As únicas áreas que devem permanecer

sob [administração](#) exclusiva de Tânia são moradia e planejamento urbano. Em um comunicado oficial enviado por meio do [aplicativo WhatsApp](#), Tânia declarou: “Eu não vou na casa de ninguém dar pitaco, não quero ninguém dando pitaco na minha”^[10].

O controle da pessoa física Tânia sobre a cidade fez surgir um grupo de moradores insatisfeitos com a administração local. O [Movimento Tânia para os Tanienses](#) (MOTATAN) reivindica [eleições diretas](#) para prefeito e a formação de uma [câmara municipal](#), bem como a criação de [secretarias](#) referentes às diversas áreas da administração pública^[11].

Uma queixa comum dos membros do MOTATAN diz respeito à expulsão de moradores de Tânia de maneira arbitrária. Um caso emblemático é o da filha mais nova de Tânia, [Graziela](#), impedida de se mudar para a cidade por “ser trouxa e continuar sustentando aquele folgado do [Dilsinho](#)”^[12].

Cidade-irmã

A [cidade-irmã](#) de Tânia está prevista para ser reconhecida no dia [25 de agosto](#) de 2022, quando pesquisadores da [Universidade Federal do Paraná](#) (UFPR) estimam que a [professora](#) aposentada [Sônia](#), de 67 anos, terminará de se fundir ao chão da entre as cidades [paranaenses](#) de [Londrina](#) e [Ibiporã](#)^[13].

Sônia dirigia para a casa da [sogra](#) quando precisou parar o [carro](#) devido a um vazamento de óleo. Ao pisar no óleo, seu pé começou a se fundir com o asfalto^[14]. Devido à pouca quantidade da substância vazada, o processo de assimilação de Sônia vem sendo mais lento do que o de sua irmã [carece de fonte]. Porém, as prefeituras e câmaras municipais de Londrina e Ibiporã já se anteciparam em passar leis regulamentando a emancipação da nova aposentada-município.

Referências

1. ↑ Bloco de anotações de Ana Cristina dos Santos Ferreira. Consultado em 11 de março de 2022.
2. ↑ Prontuário da Clínica Nossa Senhora de Lourdes. Consultado em 7 de março de 2022.
3. ↑ Eduardo Sobrinho (2 de março de 2022). <<Niterói e Maricá entram na justiça contra Tânia por praias oceânicas>>. Jornal *O Fluminense*.
4. ↑ <<Corretora aposentada derrete em Niterói>>. Portal G1. (15 de janeiro de 2022)
5. ↑ <<Corretora que derreteu em Niterói vira município>>. Portal G1. (1 de fevereiro de 2022)
6. ↑ <<Técnicos estudam derretimento de aposentada no Leste Fluminense>>. Jornal *Extra*. (18 de janeiro de 2022).
7. ↑ <<Parecer técnico referente às causas e impactos ambientais e sociais do derretimento de Tânia Maria Gomes Medeiros>>. Universidade Federal Fluminense. Consultado em 7 de março de 2022.
8. ↑ <<Fundação do Município de Tânia>>. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, ano XLVIII, nº 15, terça-feira, 25 de janeiro de 2022.
9. ↑ Aline Maranhão (5 de abril de 2022). <<Pesquisadores encontram resistência para recolher amostras de Tânia>>. Jornal *O Globo*.
10. ↑ Mensagem enviada por Tânia para grupo de moradores da cidade. Consultada em 16 de abril de 2022.
11. ↑ <<Nossas demandas>>. MOTATAN – Movimento Tânia para os Tanienses. Consultado em 18 de maio de 2022.
12. ↑ <<Exposed>>. Graziela e Dilson (perfil de casal). Instagram. (13 de abril de 2022)
13. ↑ Edson Delgado (10 de julho de 2022). <<Fundição de professora com asfalto deve se concretizar em agosto, diz UFPR>>. Folha de Londri-

na.

14. ↑ *Ibid.*

Ligações externas

Prefeitura.

MOTATAN – Movimento Tânia para os Tanienses .

Facebook de Tânia.



ELISA DE MAGALHÃES E GUIMARÃES

Elisa é goiana de nascença, niteroiense de criação e, atualmente, mora no Rio de Janeiro. Trabalha escrevendo e escreve nas horas vagas. Publicou os microcontos "Os moradores" e "Ticket pendente" na antologia Escritos da Quarentena e na newsletter Faísca, respectivamente.

Twitter: <https://twitter.com/elisanemrima>

tânia (rio de janeiro)

WRITTEN BY

Elisa de Magalhães e Guimarães

EDITED BY

André Colabelli

TRANSLATED BY

Natalle Moura

COPY EDITED BY

Marina Ferreira



For other uses, see [Tânia \(disambiguation\)](#).

This article about a [municipality in Brazil](#) is a stub. You can help Wikipedia by [expanding it](#).

Tânia is a [municipality](#) in [Rio de Janeiro \(State\)](#). Tânia shares borders with the municipalities of [Niterói](#), [Maricá](#) and [São Gonçalo](#). Tânia's [coordinates](#) are not officially defined yet. The [altitude](#) is approximately 1.65 meters, according to a [seamstress](#)^[1] and the latest medical [tests](#)^[2]. The total area and population of Tânia are not known yet. However, witnesses of the initial [founding](#) estimate that the municipality is home to around 100,000 inhabitants [citation needed].

Although it is considered a coastal municipality by its inhabitants and by [real estate companies](#), Tânia's shoreline on the [Atlantic Ocean](#) is contested by the [municipalities](#) of Niterói and Maricá^[3].

Contents

- [1 History](#)
- [2 Government and Politics](#)
- [3 Sister city](#)
- [4 References](#)
- [5 External links](#)

History

On [January 15, 2022](#), retired realtor Tânia Maria Gomes Medeiros, 63, was washing her house's sidewalk in the [Maria Paula neighborhood](#), in Niterói^[4]'s [countryside](#). For reasons still unknown, Tânia melted, mixing with the [pavement](#), [earth](#), [water](#) and [soap](#). Her liquefied body expanded and spread throughout the [region](#) around the neighborhood, occupying the territory that is now considered a new municipality.

The separation of Tânia from the other municipalities took effect on [February 1, 2022](#)^[5]. On [January 17, 2022](#)^[6], the first [business day](#) after the [liquefaction](#) of Tânia, the city hall of Niterói sent a technical team to invest-

igate the situation. Researchers from the Biology, Architecture and Urbanism and Civil Engineering departments at the Fluminense Federal University (UFF) were also present at the site. After intense discussion with Tânia and her family, a white paper was prepared recommending the political-administrative emancipation of the territory^[7]. The report was sent to the municipalities of Niterói, Maricá and São Gonçalo, as well as to the Legislative Assembly of the State of Rio de Janeiro (Alerj) and the state governor. Tânia's emancipation was voted on as a matter of urgency at Alerj and published in the Diário Oficial on January 25, 2022, with an effective date scheduled for the first working day of the following month^[8].

The reason for the liquefaction has not yet been determined. Researchers from the UFF, the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) are negotiating to collect soil samples from Tânia for analysis. Although Tânia does not mind providing the samples, the researchers find resistance from two of the five children of the pensioner-municipality, Juninho and Everaldo, who consider the sampling a serious offense to their mother^[9].

Government and Politics

Tânia is currently the only self-administered, conscious city in Brazil [citation needed]. Four of Tânia's five children – Juninho, Everaldo, Pedro Henrique and Bruna – are in the process of moving to their mother's territory to help with issues related to health, education, commerce, transport and tourism [citation needed]. The only areas that will remain under Tânia's sole management are housing and urban planning. In an official statement sent through the instant-messaging application WhatsApp, Tânia stated: "I don't go meddling into anyone's house, I don't want anyone meddling in mine"^[10].

The control of Tânia over the city led to the creation of a group of residents dissatisfied with the local administration. The [Movimento Tânia para os Tanienses](#) (Tânia for the Tanienses Movement, also called MOTATAN) demands direct mayoral [elections](#) and the formulation of a [municipal council](#), as well as the creation of [administrative offices](#) relative to the different areas of public administration^[11].

A common complaint from MOTATAN members concerns the arbitrary eviction of Tânia's residents. A particular case is that of Tânia's youngest daughter, [Graziela](#), who was prevented from moving to the city for “being a fool that keeps supporting that slacker [Dilsinho](#)”^[12].

Sister city

Tânia's [sister city](#) is expected to be recognized on [August 25](#), 2022, when researchers from the [Federal University of Paraná](#) (UFPR) estimate that retired [teacher](#) Sônia, 67, will finish merging into the ground between the cities of [Londrina](#) and [Ibiporã](#)^[13].

Sonia was driving to her [mother-in-law](#)'s house when she had to stop the car due to an oil leak. When she stepped on the oil, her foot began to merge with the asphalt^[14]. Due to the small amount of the leaked substance, Sonia's assimilation process has been slower than that of her sister^[citation needed]. However, the prefectures and municipal councils of Londrina and Ibiporã have already anticipated laws regulating the emancipation of the new retiree-municipality.

References

1. ↑ Ana Cristina dos Santos Ferreira's notebook (March 11, 2022).
2. ↑ Medical records of Nossa Senhora de Lourdes Clinic (March 7, 2022).

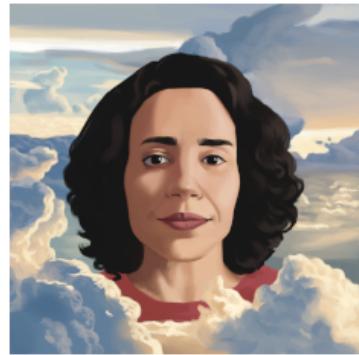
3. ↑ “Niterói and Maricá go to court against Tânia for ocean beach shore”. Eduardo Sobrinho, O Fluminense Newspaper (March 2, 2022).
4. ↑ “Retired realtor melts in Niterói”. G1 Portal (January 15, 2022). (in Portuguese)
5. ↑ “Realtor who melted in Niterói becomes a municipality”. G1 Portal (February 1, 2022). (in Portuguese)
6. ↑ “Researchers study the melting of a pensioner in East Fluminense”. Extra Newspaper (January 18, 2022). (in Portuguese)
7. ↑ “Technical assessment regarding the environmental and social causes about the impacts of the melting of Tânia Maria Gomes Medeiros”. Federal Fluminense University (March 7, 2022). (in Portuguese)
8. ↑ “Tânia Municipality Foundation”. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro City Hall's Official Newspaper), v. XLVIII, n. 15, (January 25, 2022). (in Portuguese)
9. ↑ “Researchers meet resistance to collect samples of Tânia”. Aline Maranhão, O Globo Newspaper (April 5, 2022). (in Portuguese)
10. ↑ Message sent by Tânia to a group of inhabitants through Whatsapp group (April 16, 2022).
11. ↑ “Our Demands”. Tânia for the Tanienses Movement (MOTATAN) (May 18, 2022). (in Portuguese)
12. ↑ “Exposed”. Graziela e Dilson (couple's profile). Instagram (April 13, 2022). (in Portuguese)
13. ↑ “The merging of a teacher with asphalt should be completed in August, says UFPR”. Edson Delgado, Folha de Londrina (Londrina News-paper) (July 10, 2022). (in Portuguese)
14. ↑ *Ibid.*

External links

[City Hall.](#)

[Tânia Movement for the Tanienses \(MOTATAN\) \(in Portuguese\).](#)

[Tânia's Facebook.](#)



ELISA DE MAGALHÃES E GUIMARÃES

Elisa was born in Goiás, raised in Niterói, and currently lives in Rio de Janeiro. Writing is her job and, when she gets some time off, she writes. She has published the very short stories "Os moradores" and "Ticket pendente" in the anthology Escritos da Quarentena and the newsletter Faisca, respectively.

Twitter: <https://twitter.com/elisanemrima>

aguanambi

ESCRITO POR

Márcio Moreira

EDITADO POR

Iana A. e Jayne Oliveira

PREPARADO POR

Ingrid Pereira



Primeiro, o obelisco da faculdade de Direito criou raízes. Eu e meia dúzia de pacientes assistimos na TV da sala de espera, os três estudantes bem vestidos que escalavam o monumento na praça. O povo já se amontoava ao redor do fenômeno. O concreto havia se tornado árvore, galhos brancos de cal brotando da coluna, oferecendo frutos de cimento. Quando um

dos homens caiu, a multidão irrompeu em vaia: ieeeeei! A repórter conteve um risinho. O corpo docente da instituição, encontrava-se reunido para analisar a possibilidade de um processo contra violação das leis naturais.

— Isso é pedra — disse a recepcionista, interrompendo a reportagem. Achei que se referia ao obelisco, mas ela continuou: — Menino rico fuma pedra e fica doido, aí vê planta em todo canto. Igual ao amigo daquele primo de Carlinha... Márcio Moreira?

— Desculpa, não conheço Carlinha — respondi, confuso.

— Doutor Cássio vai lhe atender. — falou ela, por fim.

Entrei no consultório. Meu caso não era pedra, mas um abcesso dentário, foi o que o dentista disse depois de examinar minha boca e sugar os dentes, como quem descobre um vazamento na caixa de marchas. Não entendo nada de carro.

Tantos dias de antibiótico, um comprimido por dia. E resolve? Não, mas precisamos diminuir a inflamação primeiro. Ah.

Quando deixei a clínica, minha boca latejava. Embarquei no carro de aplicativo e afundei no banco de trás, olhos fechados. O som das buzinas me irritava e por isso ignorei o que tinha atrapalhado o trânsito: o semáforo da Raul Barbosa parou de funcionar quando desabrochou em flor.

*

Nos próximos dias, a cidade virou de cabeça para baixo. No Centro, uma farmácia havia brotado no meio-fio da Duque de Caxias. Ainda era pequena, mas já pedia o CPF para qualquer um que tentasse abrir suas portas. Os tratores da obra na Aguanambi começaram a cavar tocas de tatu e se enrolar defensivos quando o expediente começava. Alguém filmou as estátuas de Iracema fazendo um encontrão na Lagoa da Messejana.

Máquina agia como bicho, que agia como planta, que agia como empreendimento comercial. Só os humanos agiam como eles mesmos. Dito isso, o consenso sobre a situação era de que a Prefeitura não levava o contribuinte a sério.

Enquanto isso, eu curtia o atestado. Passava o dia dormindo e a noite cochilando — quando conseguia um espacinho no qual coubesse deitado. Terceiro semestre de Publicidade, eu morava sozinho num quarto-sala que, somados, não davam um banheiro. Um ecossistema de roupas, louças e livros prosperava nos poucos metros quadrados.

Meus pais haviam visitado uma única vez, de pernoite antes de voltar para o interior. Não gritaram quase nada enquanto eu procurava a cama debaixo do entulho. Quando acordei, no outro dia, eles já tinham ido embora, acho. Não sei o que o bioma do apartamento faria com uma espécie invasora.

Antes de ir, mamãe havia deixado o congelador abarrotado de potes de manteiga, em fileiras iguais, como o exército de terracota, se ele fosse feito de feijão. Naquela tarde, alcancei um dos soldados para aliviar a dor no dente. Uma ex-De Férias com o Ex, falava na TV sobre a viagem mágica ao Amazonas que havia inspirado sua marca de açaí homeopático. A tarde zumbia preguiçosa, então, enquanto Sônia Abrão me convencia a fazer harmonização facial, o telefone piou como um sabiá. Olhei para ele suspeito, aguardando três toques para ter certeza de que não levantaria voo.

— Tu não responde mais mensagem? — perguntou Nina, do outro lado da linha. Era a minha melhor amiga desde o colégio.

— Fiquei off pro pessoal do trabalho pensar que tô doente.

— Mas tu não tá doente?

— Exato.

Nina suspirou.

— Assiste ao vídeo que te mandei, marmota.

— Espera.

Abri o link e projetei o vídeo na TV.

O casal na tela parecia cansado. Em segundo plano, podia-se ver um escritório apertado de Universidade, com direito ao PC amarelado de uso ocupando meia escrivaninha. Um mapa de Fortaleza tomava o lado esquerdo do enquadramento.

— Podemos perceber aqui que o fenômeno se concentra no Centro da cidade, mais forte nas áreas da praia até a Aguanambi — disse o homem, desenhando um círculo vermelho ao redor do território —, e rareando quanto mais distante da área de impacto.

— Mas o que isso significa? — Agora, a mulher se espremia para se dirigir à câmera. — Por que estas anomalias naturais, justo nestes lugares?

Ela levantou um papel, mas era impossível ler os rabiscos desfocados.

— Essa é a área em que a cidade de Fortaleza nasceu. Acreditamos que não seja por acaso: segundo os princípios da psicogeografia, o território afeta indivíduos emocional e espiritualmente. Os indivíduos, por sua vez...

— Os portugueses achavam que haviam fundado a cidade depois de expulsar os indígenas e os holandeses — O homem interrompeu, suor escorria de suas têmporas. A mulher tentou protestar, mas ele a manteve afastada com o cotovelo. — Mas já existia... espera, Nara... já existia vida nesse lugar.

— Gabriel, a gente combinou...

O homem se levantou da cadeira em que estava e se aproximou da câmera, tomando toda a tela.

— Os fenômenos são uma mensagem: a terra nos quer fora daqui. Ela está viva! *Genius loci!* O espírito do...

A tela escureceu.

Fiquei em silêncio por alguns instantes.

— Alô? — disse Nina, do outro lado da linha. — Tá aí?

— Doido... — articulei, finalmente.

— Maluco — ela respondeu.

— Isso é teoria da conspiração, né?

— Teu telefone cantou igual a um passarinho quando liguei?

— Foi...

— Mas tu não lembras de ter trocado o toque.

— Como é que tu... ah.

Sacudi a cabeça, buscando outra explicação. Tinha que haver um motivo racional, como um acidente bioquímico ou um vórtex transespacial da zona... certo, pensei, eu desisto.

— Tá, então digamos que seja verdade. O que a gente faz agora?

— Tu, eu não sei, mas eu já estou fazendo — o som de aspiração seguido de uma tosse súbita veio do outro lado da linha. — Vou para praia com a galera do coletivo. Vamos tentar comunicação com Gaia.

Ouvi o exalar de fumaça e quase pude sentir o cheirinho de DCE.

— Bora?

— Fica para próxima — respondi, ainda pensando no vídeo. — Mas espera. Tu acreditas nessa história? Que é, tipo, um espírito assombrando a cidade?

— Por que não? — indagou Nina. — Você ouviu o cara. Esse país inteiro é um cemitério indígena.

*

@patriotadeniobio

tá com medo de fantasma chama a mamãe. os homens de verdade vão ficar e lutar pelo que é nosso!

@Crisodonto

gente, muito séria a situação em Fortaleza!!!! força para toda a galera de Pernambuco tmj

@drebasantos

isso é história de fantasma pra boi dormir. o verdadeiro filme de terror é como o governo trata o Nordeste. n vamos cair em cortina de fumaça!

@manoempreendedor

Dizem que fantasmas têm negócios pendentes na Terra. Então não espere para começar o seu! Matricule-se em nossos cursos e aprenda como empreender em tempos de crise espiritual!

@lucabjardim

uma preguiça entrou na minha casa lol

*

A teoria da assombração se espalhou como fofoca no Natal em família. Era difícil não acreditar. A cada esquina, postes e árvores se confundiam, perdidos na grama escura que brotava do asfalto, como se a vida transbor dasse por cada brecha e rachadura, encontrando caminho até a superfície. Não importava o quanto se cortasse, ela teimava em florescer.

E, se a metrópole se tornava natureza, também a mata parecia mimetizar o asfalto: grandes cajueiros nasciam com varanda gourmet, enquanto roli-

nhas saíam do ovo cantando buzinas de caminhão. Como duas cidades sobrepostas, uma delas, toda concreto e ferro, e a outra, paisagem de verde a perder de vista.

Muita gente arrumou as malas e fugiu naqueles dias, mas a maioria não arredava o pé, por medo de perder o resto da história, ou porque não tinham para onde ir. Minha orientadora, por exemplo, se mudou anunciando que não aguentava mais essas loucuras de planta da cidade e iria para o interior, viver perto da natureza.

Da minha parte, recebi uma série de mensagens de áudio da mamãe. Era como ler a enciclopédia num biscoito da sorte:

“Bom dia, filho”.

“Falei com seu pai”.

“Hoje de manhã”.

“O que você comeu”.

E assim por diante. Em resumo, queria que eu fosse para casa, cidade grande não era lugar para um rapaz sensível como eu, com essa violência toda e ainda por cima um pé de farmácia. Tentei acalmá-la da melhor maneira que pude: ouvindo calado enquanto ela reclamava por quarenta minutos, divididos em suaves prestações de 67 áudios. Na mesma noite, papai me telefonou:

— Falei para ela se acalmar, mas tu conheces tua mãe. Isso aí é besteira. Tu devias ver na época do FHC, Marcílio de Socorro plantou uma batata que parecia o Odair José, apareceu até na televisão. Tinha gosto de batata.

Acho que só entendi a proporção real dos acontecimentos quando recebi, pelo grupo da faculdade, um vídeo de Gabriel Psicogeógrafo (@gabriel_psico), comendo tutu mineiro na Ana Maria. Percebi, então, que nada mais seria o mesmo.

Logo depois, o jornal local entrevistou Dona Adélia, liderança Tapeba no estado. Sem resposta dos botânicos e influencers, a imprensa finalmente havia procurado uma indígena. A mulher, que já havia visto de tudo, não acreditava em fantasmas. Ela explicou que espíritos, sim, tudo tem um espírito, mas o passado não é algo que assombra, assim como a Terra não é de vingança.

No dia seguinte, a capa do jornal anunciava: “ESPÍRITOS POR TODA PARTE”.

*

Foi decidido então, que aquele não era caso de simples visagem, mas possessão das brabas. A posição oficial era a de que um espírito atrapalhava o aterramento do rio Aguanambi e todo o progresso que ele trazia só podia ter parte com o tinhoso. O prefeito logo anunciou que enviara uma carta ao Vaticano (depois, diante de protestos da oposição, admitiu que também tinha mandado SMS para agilizar os processos), enquanto os pastores da cidade organizaram um grande evento de música e louvor no aterro da Praia de Iracema.

O culto foi um sucesso, mesmo que ninguém soubesse exatamente como ele ajudava com a situação.

Já o cardeal enviado da Itália, chegou sem alarde numa quinta-feira. Giácomo aparentava qualquer coisa entre 70 e 120 anos, e tinha a dignidade quieta daqueles que fazem xixi sentados. Pousou no aeroporto um dia antes do anunciado e hospedou-se no convento das irmãs de Santa Terezinha. No dia seguinte, depois da missa, foi assistir a comitiva de recepção que o esperava no terminal de desembarque.

— Perché il trambusto? — perguntou a um rapaz que esperava em meio à pequena aglomeração.

— Opa, minha joia — ele respondeu. O cearense é capaz de fuxicar em qualquer língua — O exorcista da Igreja tá pra chegar hoje. Parece que só perde na pêia pro Papa.

Giácomo avaliou o espetáculo de longe. Fez um muxoxo de desgosto à vista das faixas e flores que o aguardavam no terminal. E bebês, muitos bebês esperando para serem beijados. Era isso. Aproveitando que não havia sido reconhecido, deu meia-volta e foi embora no rumo da cidade.

Quando o avião chegou sem padre dentro, a consternação foi geral.

— Cadê o Papa?

— Não é o Papa. É primo dele!

— Alguém procura no banheiro.

— Estão dizendo que chegou ontem!

— Meu avô é igual, não pode sair pra padaria que aparece no boteco.

— Perdemos o santíssimo!

Procura, procura, procura, acharam duas semanas depois. Um servidor da Secretaria da Fazenda reconheceu o senhorzinho que havia montado tapera na Praça da Estação, agora um grande jardim. Quando o Prefeito em pessoa foi ter com ele, Giácomo ensinava a um par de papagaios um canto gregoriano.

— Questo è Dio, mio figlio — disse o padre. E por aí ficou, se fazendo de rogado a todo pedido de exorcismo e rezação, em parte porque não falava português.

Mais tarde, quando o Prefeito finalmente deu a ordem de retirada, os assessores o ouviram bodejar baixinho:

— Tanto padre no mundo e me mandam logo um franciscano.

*

Eventualmente, o inevitável aconteceu.

Acabou a manteiga. O que não era tão ruim porque também não tinha mais pão em casa. O problema mesmo eram os analgésicos. Já fazia semanas que eu estava de atestado e começava a suspeitar que a empresa havia esquecido que eu trabalhava lá. Decidi, então, que já era hora de sair.

No fundo, esperava encontrar uma zona de guerra. Jornais falavam em milícias nas ruas e desobediência civil. Não foi bem o que encontrei, o lado de fora me parecia... maior, descortinando-se diante de mim como um horizonte esquecido por muito tempo no armário. Em todo lugar, movimento. Mas não o ronco alto da cidade em seu tráfego cinza, era o ruído vasto de muitas vidas respirando ao mesmo tempo.

Na Gentilândia, senhorinhas cuidavam de pés de mamão, auxiliadas pelos nômades que costumavam vender bijuterias na calçada. Mais adiante, uma gangue de meninos corria com a carteira de um senhor abotoado. E, por todo o lado, pessoas. Cachorro, galinha e criança se misturavam nos terreiros verdes que haviam nascido de estacionamentos e bares.

Esquecido das compras, me permiti à deriva. Apenas sentir as pernas me levarem pelo relevo da cidade, sem trabalho à espera ou hora que atrasasse. À minha volta, carros ainda se moviam a muito custo, mas pareciam supérfluos. Todo o resto, sim, parecia se deslocar com propósito. O mundo inteiro era vivo, camadas de musgo sobre a cidade tornavam cada fachada um organismo novo.

Minha vida vai mudar, pensei. Amanhã vou arrumar o quarto, procurar uma academia. Sem falta.

Caminhei por algumas horas. Acabei entrando no parque da CDL, perto do Dragão do Mar. No mundo de antes, era um canal fedorento com um punhado de esculturas modernas. Agora, era um pedaço de selva que não parecia caber nos limites de granito.

Devagar, percorri a trilha batida até a ponte vermelha que cruzava o canal. Sempre quis saber como era, mas tinha medo de assalto. Apoiado no aparador, vi meu reflexo na água corrente lá embaixo.

— Enquanto eu dormia, o mundo mudou — falei, sozinho. — Acho que prefiro ele assim.

Foi quando uma pessoa levantou-se do fundo do canal, toda musgo e aguapé. Sabia que devia ter deixado o celular em casa.

— Ah... oi? — eu disse. Depois, lembrando de ser educado. — Bom dia!

A criatura pareceu olhar para mim. Era difícil ter certeza. Seu rosto parecia ao mesmo tempo humano e vegetal, os traços mudavam com os movimentos das folhas e sapos.

— Bom dia — respondeu.

— Tu... fala português — deixei escapar.

— Falamos os dois a língua da água. Porque a água corre dentro de ti.

— Hm...

Ficamos quietos por alguns instantes. Considerei se podia colocar isso no currículo.

— Tu és o Espírito? O que está fazendo tudo isso?

A criatura se aproximou como se contasse um segredo, mas algo a impedia de chegar muito perto.

— Eu sou o rio, sou o espírito do rio. Pajeú, chamavam. A primeira água.

— Primeira...?

— Quando o branco chegou, fui testemunha. Cresceu regado de mim, árvores-de-toda-fruta. Mas ele teme a memória, a história da água.

Notei pela primeira vez seus pés. Uma corrente grossa de metal o prendia à terra, fincada no filete estreito do canal que percorria a praça. Lembrei-me do desenho nos primeiros mapas da cidade, o fio de água azul que abastecia a Fortaleza vila. Nunca havia me perguntado aonde estava o rio agora, talvez porque sempre estivesse no mesmo lugar. Ele corria no subterrâneo.

— É verdade, então... esse é o *twist*, igual naquele filme do Shyamalan. As plantas vieram atrás de vingança.

Pude jurar que Pajeú sorriu.

— O homem não é contra, é por-causa-de. Eu vi toda labuta sob o sol, névoa-nada e fome-de-vento. Entendem as coisas mar à nascente... tem tempo de plantar e tempo de colher. Se enterrar a vida, ela não seca. Ela brota.

— “A vida encontra um meio” — assenti. — Não, espera, todo mundo morre nesse filme também.

— Geração-que-vai, geração-que-vem, e a terra durando para sempre. O homem pode sufocar...

Pajeú estendeu uma das mãos abertas. No centro dela, estava meu dente. A raiz esburacada guardava um pequeno broto verde.

— ..., mas tudo o que vive encontra o caminho do sol.

Segurei meu rosto como se ele fosse cair. Finalmente, entendi. Eu sabia porque tudo aquilo estava acontecendo.

Mas o que eu podia fazer com aquela informação? Jogar nas redes sociais? Enviar para a prefeitura? Para a CIA? Decidi voltar para casa e planejar meus próximos passos cuidadosamente. Não era o momento de ser impulsivo, o destino da cidade estava em minhas mãos.

Acabei pegando no sono.

Acordei no dia seguinte com uma batida na porta. Era a Nina.

— O que aconteceu aqui? — ela perguntou, entrando no apartamento sem convite. Sua expressão estava entre o nojo e o fascínio.

— Dor de dente — respondi. Então, a lembrança da noite anterior me atingiu como uma xícara de café.

— Nina! — exclamei, segurando seu rosto. — Eu sei o que tá acontecendo! Sei por que a natureza surtou!

— Então vamos — ela respondeu, se desvencilhando — ou a gente vai perder a parte boa.

— Quê?

— Ué, você não disse que sabia? — então, percebendo minha confusão, continuou: — A natureza não surtou, ela só precisava de algum lugar para escapar depois que a gente cobriu tudo com asfalto. O espírito do Pajeú contou para todo mundo.

— Contou?

— É, parece que alguém ouviu ele falando ontem e foi passar a história a limpo. Ele sabe tudo o que rola na cidade. Fofoqueiro fino.

Sentei na cadeira, sem acreditar.

— Não acredito.

— Sério! Ele disse que não contou antes porque ninguém perguntou?!

— Eu fui lá ontem. Falei com ele...

— Tá bom... — Nina respondeu, cética. — Pois vai se vestir, anda.

— Para quê?

— A gente vai libertar um rio.

*

Aparentemente, eu não era tão especial quanto havia pensado. Depois que a história do Pajeú circulou, a cidade inteira deduziu o que eu já tinha descoberto: os fenômenos começaram por causa da obra de aterramento na Aguanambi. Mais um rio seria transformado em esgoto e isso bagunçou os chakras da cidade, ou coisa assim.

Por isso os espíritos haviam transbordado para a superfície. Não era bem uma possessão, mas um problema hidráulico. O prefeito se recusou a interromper as obras, alegando que não ia ceder às demandas de ecoterroristas. Além disso, a maior contribuição de sua campanha vinha das empreiteiras.

A população não concordou e decidiu exercer seu direito democrático com marretas e martelos. Quando chegamos à avenida, uma multidão já se dedicava a destruir os enormes tubos de concreto destinados a prender o curso do rio. Depois que metade da cidade se transformou em jardins e pomares, as pessoas não queriam mais trabalhar tanto assim. Sobrava muita energia ociosa.

Nina correu na minha frente, se jogando no trabalho com entusiasmo. Chutei algumas pedras para não me sentir excluído, mas queria mesmo assistir ao espetáculo. Não fazia ideia do que seria a vida a partir dali. O que seriam dos hospitais, dos bancos e do aluguel que eu não pagava há dois meses. Na verdade, tinha quase certeza de que morar no meu apartamento, agora, configurava crime ambiental. Mas, naquele exato momento, nada daquilo importava.

Antes que a população pudesse terminar o trabalho, a corrente do Aguarnambi arrastou os últimos pedaços de concreto. O rio estava livre. Suas águas subiam ao céu e caíam como chuva sobre nós, que pulávamos e nos abraçávamos no elevado da avenida. Contra as gotas, podíamos ver a silhueta de seu espírito, manifesto em garoa. Estendia-se vasto, do tamanho da tarde.

Lá embaixo, um Celta verde nadava ao sabor das águas a caminho do mar.



MÁRCIO MOREIRA

Márcio Moreira é de Fortaleza, uma cidade irreverente. Ele publicou HQs como Sapacoco (com Débora Santos) e Sexta-Feira (com Talles Rodrigues), parte da antologia ganhadora do prêmio HQ Mix, com ‘Mayara e Annabelle: Hora Extra’. Seu primeiro romance, A Outra Máquina, foi publicado em 2022 pela editora Dame Blanche.

Twitter: <https://twitter.com/marciomorena>

Instagram: <https://www.instagram.com/marciomorena>

aguanambi

WRITTEN BY

Márcio Moreira

EDITED BY

Iana A. and Jayne Oliveira

TRANSLATED BY

Natalle Moura

COPY EDITED BY

Maira M. Moura and Iana A.



The Law School obelisk taking root was the start. Half a dozen patients and I watched on the waiting room TV as three well-dressed students climbed the monument at the square. People were already swarming around the phenomenon. The concrete had become a tree, white lime branches sprouting from the column, offering fruits made of cement. When one of

the men fell, the crowd erupted in boos—“Boooooo!” The reporter suppressed a chuckle. The Institution’s faculty had a meeting to analyze the prospect of a lawsuit for violation of the laws of nature.

“That’s rock,” the receptionist said interrupting the reporter. I thought she was referring to the obelisk, but she continued. “Rich boy smokes crack and gets crazy, then he sees plants everywhere. Just like that friend of Carlinha’s cousin... Márcio Moreira?”

“Sorry, I don’t know Carlinha,” I replied, confused.

“Doctor Cassio will see you now,” she said, finally.

I entered the office. My case wasn’t rock, but a dental abscess. That’s what the dentist said after finishing the dental suction and examining my mouth, like someone who finds out that the transmission fluid is leaking. I don’t know anything about cars.

A few days of antibiotics, one pill a day. And that’s all? No, but first we need to reduce the inflammation. Oh.

When I left the clinic, my mouth was throbbing. I got in the car I had called on the app and sank into the backseat, eyes closed. The sound of the horns annoyed me to such an extent I ignored the cause of the traffic jam: the traffic light on Raul Barbosa Avenue had stopped working as it bloomed into flowers.

*

In the next few days, the city turned upside down. Downtown, a pharmacy had sprung from the curb at Duque de Caxias Avenue. It was still small, but it already asked for the ID of anyone who tried to open its doors. The tractors on an Aguanambi Avenue construction site started digging armadillo burrows and defensively rolling up when working hours began.

Someone filmed the statues of Iracema beach promoting a massive gathering at Messejana Lake.

Machines acted like animals, that acted like plants, that acted like a commercial enterprise. Only humans acted like themselves. That said, the consensus on the situation was that the City Hall did not take taxpayers seriously.

Meanwhile, I enjoyed the sick leave. I spent the days sleeping and the nights napping—when I could find a space to lie down. As a junior student at a Marketing School Marketing, I lived alone in a flat that, as a whole, wasn't much bigger than a regular bathroom. An ecosystem of clothes, books, and dishes thrived on a few square meters.

My parents had visited only once, for an overnight before returning to the countryside. They barely shouted at me as I searched for the bed under the rubble. When I woke up the next day, they were already gone, I think. I couldn't tell what the apartment biome would do to an invasive species anyway.

Before leaving, Mom had left the freezer crammed with repurposed pots of butter lined up in even rows, like the Terracotta Army, if it were made of beans. That afternoon, I chose one of the soldiers to relieve my toothache. On TV, an ex on *Ex on the Beach* was speaking about the magical trip to the Amazon that had inspired her to create a homeopathic açaí brand. The afternoon was buzzing lazily, so while Sônia Abrão tried to convince me to do facial harmonization, the phone chirped like a thrush. I looked at it suspiciously, waiting for three rings to make sure it wouldn't take off.

“Don’t you reply to messages anymore?” Nina asked on the other end of the line. She was my best friend since high school.

“I went off the grid so the people at work would think I’m sick.”

“But aren’t you sick?”

“Exactly.”

Nina sighed.

“Watch the video I’ve sent you, silly.”

“Wait a sec.”

I clicked the link and streamed it to the TV.

The couple on the screen looked tired. In the background, a cramped University office could be seen, it even had a yellowed old PC occupying half a desk. A map of the city of Fortaleza took up the left side of the screen.

“We can see here that the phenomenon is concentrated in the downtown area, stronger from the beach to Aguanambi sectors,” said the man, drawing a red circle around the territory, “and becomes rarer the further away it is from the impact area.”

“But what does it mean?” Now the woman was squeezing herself to address the camera. “Why these natural anomalies, specifically in these places?”

She held up a paper, but it was impossible to read the blurry scribbles.

“This is the area where the city of Fortaleza was born. We believe that it is not by chance: according to the principles of psychogeography, the territory affects individuals emotionally and spiritually. Individuals, in turn...”

“The Portuguese thought they had founded the city after expelling the indigenous people and the Dutch,” the man interrupted, sweat dripping from his temples. The woman tried to protest, but he kept her away with his elbow. “But there was already—wait, Nara—there was already life in this place.”

“Gabriel, we agreed—”

The man rose from the chair he was in and approached the camera, taking up the entire screen.

“The phenomena are a message: the Earth wants us out of here. She is alive! *Genius loci!* The spirit of...”

The screen went dark.

I was silent for a few moments.

“Hello?” Said Nina on the other end of the line. “Are you there?”

“That’s crazy...” I finally articulated.

“Wild,” she replied.

“That’s a conspiracy theory, isn’t it?”

“Did your phone sing like a bird when I called?”

“Yeah...”

“And you don’t remember changing the ringtone.”

“How do you... Oh.”

I shook my head, seeking another explanation. There had to be a rational reason, like a biochemical accident or a zone’s trans-spatial vortex...
Okay, I thought, I give up.

“Okay, so let’s just say it’s true. What do we do now?”

“I don’t know about you, but I’m already doing it.” A sucking sound followed by a sudden cough came from the other end of the line. “I’m going to the beach with the collective. Let’s try to communicate with Gaia.”

I heard the exhalation of smoke and could almost smell the student union room from college.

“Wanna go?”

“Next time,” I replied, still thinking about the video. “But wait. Do you believe that story? That there is, like, a spirit haunting the city?”

“Why not?” asked Nina. “You heard the guy. This entire country is an indigenous cemetery.”

*

@niobiumpatriot

If you're afraid of ghosts, call your mommy. real men will stay and fight for what is ours!

@Dentistcris

Guys, the situation in Fortaleza is very serious!!!! Thoughts and prayers for all you guys from Pernambuco gotchu fam

@drebasantos

this is just a tall tale. the real horror movie is how the government treats the Northeast. Let's not fall for a smoke screen!

@entrepreneurbro

Ghosts are said to have unresolved businesses on Earth. So don't wait to deal with yours! Enroll in our courses and learn how to start a business in times of spiritual crisis!

@lucabjardim

a sloth entered my house lol

*

The haunting theory spread like family gossip at Christmas. It was hard not to believe it. At every corner, streetlights and trees blended, lost in the dark grass that sprouted from the asphalt, as if life spilled through every

crack and crevice, finding its way to the surface. No matter how much it was trimmed, it insisted on blooming.

And, as the metropolis became nature, the forest also seemed to mimic the asphalt: large, new cashew trees featured gourmet balconies, while squeakers hatched already singing like truck horns. It was as if there were two overlapping cities, one all concrete and iron, the other a green landscape as far as the eye could see.

A lot of people packed their bags and ran away in those days, but most wouldn't budge, for wanting to witness the rest of the story, or because they had nowhere to go. My academic advisor, for example, moved out announcing that she couldn't take this crazy botanotropolis any longer and would go to the countryside, to live closer to nature.

For my part, I received a series of audio messages from mom. It was like reading the encyclopedia from a series of fortune cookies:

“Good morning son.”

“I spoke with your father.”

“This morning.”

“What did you eat.”

And so on. In short, she wanted me to go home, the big city was no place for a sensitive boy like me, with all the violence and a drugstore tree on top of that. I tried to calm her down as best as I could: listening quietly as she complained for forty minutes, in a speech divided into smooth installments of 67 audio messages. That same night, dad called me:

“I told her to calm down, but you know your mother. Those things are bullshit. You should see it at the time of President Fernando Henrique Cardoso, Marcílio de Socorro planted a potato that looked like Odair José^[1], it was even on television. They said it tasted like potatoes.”

I think I only understood the real proportion of the events when I received, through the college WhatsApp group, a video of Gabriel Psycho-geographer (@gabrielpisco) eating tutu mineiro at the Ana Maria TV show. I realized then that nothing would ever be the same again.

Soon after the local newspaper interviewed Dona Adélia, a Tapeba tribe leader in the state. With no response from botanists and influencers, the press had finally looked for an indigenous woman. The woman, who had seen it all, did not believe in ghosts. She explained that she did believe in spirits though; yes, everything has a spirit, but the past is not something that haunts, as the Earth is not vengeful.

The next day, the front page of the newspaper announced: SPIRITS EVERYWHERE.

*

It was then decided that this was not a case of a regular apparition, but a frenetic possession. The official statement was that a spirit was interfering with the reclamation of the Aguanambi River, and all the benefits that came with it could only mean that there was a deal with the Wicked One. The mayor soon announced that he had sent a letter to the Vatican (later, in the face of opposition protests, he admitted that he had also sent a text message to expedite the response), while the city's pastors organized a large musical praise and worship event at the Iracema beach section of the reclaimed land.

The worship was successful, even though no one knew exactly how it would help with the situation.

The cardinal sent from Italy arrived without fanfare on a Thursday. Giácomo looked somewhere between 70 to 120 years old and had the quiet dignity of those who pee sitting down. He landed at the airport a day earlier

than expected and stayed at the convent of the Sisters of Santa Terezinha. The next day, after Mass, he went to see the reception committee that was waiting for him at the arrivals gate.

“*Perché il trambusto?*”^[2] He asked a young man who was waiting in the middle of the small crowd.

“Hey, fam,” he replied. People from Ceará are capable of gossiping in any language. “The Church’s exorcist is due to arrive today. Looks like he’s only second to the Pope himself.”

Giácomo regarded the spectacle from afar. He pouted at the sight of the banners and flowers that waited for him at the gate. And babies, lots of babies waiting to be kissed. That was it. Taking advantage of the fact that he had not been recognized, he turned around and walked away towards the city.

Then the plane arrived without a priest, much to everyone’s consternation.

“Where’s the Pope?”

“It’s not the Pope. It’s his cousin!”

“Someone should go search in the bathroom.”

“They’re saying he arrived yesterday!”

“Just like my grandpa, he will go out for groceries to be found at the bar.”

“We have lost the Holiest!”

Search, search, search—the priest is found two weeks later. A government employee from the Secretary of Finance spotted the little old man at the hut he had set up in Estação square, now a large garden. When the mayor himself came to meet him, Giácomo was teaching a Gregorian chant to a pair of parrots.

“Questo è Dio, mio figlio,”^[3] said the priest. And so, he kept around, turning a deaf ear to every request for exorcism and prayer, in part because he couldn’t speak Portuguese.

Later, when the mayor finally gave the order to withdraw, the advisors heard him mutter under his breath: “So many priests in the world and of course they send me a Franciscan.”

*

Eventually, the inevitable happened.

I ran out of butter. Which wasn’t too bad because there wasn’t any more bread in the house either. The real problem was the painkillers. It had been weeks since I’d been put on sick leave and I was beginning to suspect that the company had forgotten I worked there. So, I decided it was time to leave the house.

Deep down, I was expecting to find a war zone. Newspapers spoke of militia activity on the streets and civil disobedience. It wasn’t quite what I found, the outside seemed to me... bigger, unveiling itself before me like a horizon long forgotten in the closet. Everywhere, movement. Not the loud roar of the city in its gray traffic, but rather the vast noise of many lives breathing all at once.

In the Gentilândia neighborhood, little old ladies tended to papaya trees with the help of the nomads who used to sell costume jewelry on the sidewalk. Farther on, a gang of boys was running around with the wallet belonging to a buttoned-up old man. And everywhere, people. Dogs, chickens, and children mingled in the green yards that had grown out of parking lots and bars.

Forgetting about my shopping, I allowed myself to drift. Just to feel my legs take me across the city grounds, with no job to return to nor time that could make me late. Around me, cars were still moving with great difficulty, but they seemed superfluous. Everything else, yes, seemed to move with purpose. The whole world was alive, layers of moss over the city made each facade a new organism.

My life will change, I thought. Tomorrow I'm going to tidy up my room and look for a gym. Without fail.

I walked for a few hours. I ended up entering the CDL park, near the Dragão do Mar Cultural Center. In the world before this, it was a stinking canal with a handful of modern sculptures. Now it was a patch of jungle that didn't seem to fit within the granite boundaries.

Slowly, I followed the trail to the red bridge that crossed the canal. I'd always wanted to know what it was like, but I was afraid of being robbed. Leaning against the railing, I saw my reflection in the running water below.

“While I was sleeping, the world changed,” I said to myself. “I think I prefer it that way.”

That's when a person rose from the bottom of the canal, all moss and water hyacinth. I knew I should've left my phone at home.

“Oh... hi?” I said. Then I remembered to be polite. “Good morning!”

The creature seemed to look at me. It was hard to know. Their face looked both human and vegetable, the features changing with the movements of the leaves and frogs.

“Good morning,” they replied.

“You... speak Portuguese,” I blurted out.

“We both speak the language of water. For water runs inside you.”

“Hmm...”

We were quiet for a few moments. I considered if I could put that on my resume.

“Are you the Spirit? That is doing all this?”

The creature approached as if telling a secret, but something stopped them from getting too close.

“I am the river; I am the spirit of the river. Pajeú, they called me. The first water.”

“First...?”

“When the white man arrived, I was a witness. He grew watered by me, all-fruits-trees. But he fears memory, the history of water.”

I noticed their feet for the first time. A thick metal chain anchored them to the earth, embedded in the narrow ridge of the canal that ran through the square. I remembered the design on the first maps of the city, the blue thread that supplied the town fortress. I had never asked myself where the river was now, perhaps because it was always in the same place. It ran underground.

“It’s true, then... that’s the twist, just like in that Shyamalan movie. The plants came after revenge.”

I could swear that Pajeú smiled.

“The man is not against, it is *because-of*. I saw all the toil under the sun, *nothing-fog*, and *hunger-for-wind*.^[4] They understand sea things at the source... there is a time to plant and a time to harvest. If you bury life, it doesn’t dry up. It springs”.

“‘Life finds a way’,” I nodded. “No, wait, everyone dies in that movie too.”

“Generation-that-goes, generation-that-comes, and the earth lasting forever. Man can suffocate...” Pajeú extended one of their open hands. In

the center of it was my tooth. The holed root held a small green shoot: “... but everything that lives will find the path of the sun.”

I held my face as if it was going to fall. Finally, I understood. I knew why all of this was happening.

*

But what could I do with that information? Share on social media? Send it to the city hall? To the CIA? I decided to go home and plan my next steps carefully. This was not the time to be impulsive, the fate of the city was in my hands.

I ended up falling asleep.

I woke up the next day to a knock on the door. It was Nina.

“What happened here?” she asked while entering the apartment uninvited. Her expression was somewhere between disgust and fascination.

“Toothache,” I replied. Then the memory of the night before hit me like a cup of coffee.

“Nina!” I exclaimed, holding her face. “I know what’s going on! I know why nature flipped out!”

“Then let’s go,” she replied, pulling away from me, “or we’ll miss the good part.”

“What?”

“Hey, didn’t you say you knew?” Then, noticing my confusion, she continued: “Nature didn’t flip out, it just needed somewhere to escape after we covered everything with asphalt. The spirit of Pajeú told everyone.”

“They did?”

“Yeah, looks like someone overheard them talking yesterday and went to clarify the story. They know everything that goes on in the city, a real

snoop.”

I sat in a chair, in disbelief.

“I can’t believe it.”

“It’s true! They said that they didn’t say anything before because no one asked?”

“I went there yesterday. I spoke to them...”

“Okay...” Nina replied skeptically. “Well, get dressed, come on.”

“Why?”

“We’re going to set a river free.”

*

Apparently, I wasn’t as special as I had thought. After the story of Pajeú circulated, the entire city deduced what I had already discovered: the phenomena started because of the reclamation work at Aguanambi Avenue. One more river would be turned into a sewer and that messed up the city’s chakras or something.

That’s why the spirits had overflowed to the surface. It wasn’t possession, it was a piping problem. The mayor refused to stop the works, claiming that he would not give in to the demands of eco-terrorists. Plus, his biggest campaign support had come from construction companies.

The population did not agree and decided to exercise their democratic rights with hammers and sledgehammers. When we reached the avenue, a crowd was already focused on destroying the huge concrete pipes intended to restrain the river’s course. Since half the city had turned into gardens and orchards, people had lost the will to work hard, which piled up the idle energy.

Nina ran ahead of me, throwing herself to the work with enthusiasm. I kicked some rocks so I wouldn't feel left out, but what I really wanted to do was to watch the show. I had no idea what life would be like from then on. What would become of the hospitals, the banks, and the rent I hadn't paid in the last two months. In fact, I was pretty sure that living in my apartment now constituted an environmental crime. But at that moment, none of that mattered.

Before the population could finish the work, the current of the Aguanambi dragged the last pieces of concrete. The river was free. Its waters rose to the sky and fell like rain on us, and we jumped and hugged each other on the elevated boulevard. Through the drops, we could see the silhouette of the river's spirit, manifested in the drizzle. They stretched out wide, the size of the afternoon.

Below, a green Mini Cooper swam lazily through the water on its way to the sea.

[1] Famous Brazilian singer.

[2] “Why all this fuss?” in Italian, which is understandable for Portuguese speakers.

[3] “This is God, my son” in Italian, also understandable for Portuguese speakers.

[4] Haroldo de Campos’ poetic translation of the Qohélet directly from Hebrew (I, 14-15). The English translation is: “14. I have seen all the works that are done under the sun; and, behold, all is vanity and a striving after wind.” and “15. That which is crooked cannot be made straight; and that which is wanting cannot be numbered.”



MÁRCIO MOREIRA

Márcio Moreira is from Fortaleza, a town full of irreverent manners. He has published comics such as Sapacoco (with Débora Santos) and Sexta-Feira (with Talles Rodrigues), part of the winning anthology of HQ Mix awards, with 'Mayara e Annabelle: Hora Extra'. His first novel, A outra máquina (The other machine), was published in 2022 by Dame Blanche.

Twitter: <https://twitter.com/marciomorena>

Instagram: <https://www.instagram.com/marciomorena>

antes havia pássaros

ESCRITO POR
Moacir Fio
EDITADO POR
André da Cunha Melo
PREPARADO POR
Ingrid Pereira



Tia Celinha estava outra vez grávida e por isso passariam mais tempo na casa da avó em Piranji, foi o que a mãe disse, enquanto preparava tudo na noite anterior à viagem. Precisava cuidar da irmã prestes a ter bebê, e Alisson ouviu os gritos do pai através da parede – os palavrões, as ameaças – e quando partiram na manhã seguinte, as malas dele ficaram no corredor.

Temia que ele fosse embora novamente e voltasse a ser uma sombra em fins de semana esparsos, mas esqueceu as preocupações quando o mar surgiu pela janela do carro. Até ali, a viagem tinha sido péssima. O irmão, Vítor, chorava o tempo todo perguntando pelo pai, e a mãe aumentara o volume do rádio para disfarçar os próprios soluços. Alisson tinha onze anos e já sabia que algumas coisas são tão complicadas que nem merecem atenção.

Chegaram antes do almoço. Mesmo por trás das nuvens, o sol fazia da rua de piçarra um rio de fogo. As casas se abriam para a praia, exceto a da família, que ficava no fim da vila e se voltava para o morro, invencionice do bisavô, que diziam ter-se amalucado. A avó apareceu no portão para receberê-los, uma mulher que se casara muito cedo e repetia em todo aniversário que aquele seria o seu último.

A casa estava abafada, e a mãe entrou já abrindo as janelas para correr o vento. A avó resmungou da friagem, mas nada fez. Tia Celinha surgiu da cozinha, o barrigão imenso, pedindo abraços. Alisson deu um beijo na tia, perguntou se Marquim estava dormindo, largou as mochilas no quarto e saiu para o alpendre, onde sabia encontrar Dalva.

A prima desenhava com um graveto na areia, debaixo do pé de acerola. Essa daí gosta de ficar no sol, dizia a avó, porque Dalva puxou ao pai, pescador da vila que morrera num acidente logo depois dela nascer. O pai de Alisson repetia sempre: cuidado, que homem naquela casa morre ou endoida.

— Vieram pro fim de semana? — perguntou Dalva.

— Até tua mãe ter o bebê.

— Então vão passar as férias? A gente vai conseguir terminar!

Alisson saiu para o sol e deu um abraço desengonçado na prima. Apesar de um ano mais velha, Dalva era menor. Ficaram admirando o desenho no chão, o pequeno mapa de curvas e as linhas tortas.

— Quer ver como tá ficando a cidade antes de chamarem a gente?

Correram para o morro, rindo e reclamando da areia quente sob os pés descalços, e desceram para o riacho fedido que se arrastava para o mar, com raízes de mangue cruzando a água como dedos de velho. Quando o vento soprava, tudo fedia a ovo podre, e Tia Celinha dizia ser o resto de esgoto da antiga escola. Ali, na parte da lama seca onde dava para pisar sem afundar, era onde brincavam – ali onde não chegavam os siris nem os maruins, onde antes havia pássaros e, agora, silêncio, só de vez em quando quebrado pelo som de algo mexendo na água. Não fosse por Dalva, Alisson admitiria medo.

À distância, viu por entre a folhagem que a cidade crescera. Dalva tinha erguido doze novas casinhas, maiores do que as outras que construíram nas férias passadas, usando gravetos e pedaços de tijolo encontrados na escola. Estavam todas alinhadas umas ao lado das outras em quarteirões e ruas que desembocavam numa avenida principal, interrompida aqui e ali por troncos retorcidos e pequenas pilhas de entulhos. Ele e a prima vinham erguendo a cidade desde o ano anterior, e Alisson ficou surpreso com o tanto que Dalva fizera sozinha e também um pouco chateado. Ao menos, o espaço maior, bem no meio da avenida central, ainda estava livre. Ali fariam o casarão para o homem de lama.

Quando voltaram, a avó esperava à mesa. Ninguém tinha tocado na comida. O cheiro do frango cozido se misturava com o do mingau que Tia Celinha preparava para Marquim, que engatinhava entre os bonecos de Vítor. A mãe pediu que se limpassem, mas um olhar da avó os congelou bem onde estavam. Ela pegava muito pesado com Dalva, talvez porque a prima não tinha pai e morava ali com Tia Celinha, dividindo a casa com persianas sempre abaixadas. Odeio essa bruaca, dizia Dalva, viver aqui é uma merda. Alisson concordava para não a aborrecer, invejando-a um pouco. Quando

você se acostuma com o horizonte da praia, o apartamento em Fortaleza parece um caixote sem graça.

Depois do almoço, foi preciso esperar o sol esfriar para voltarem a sair. A mãe os obrigou a levar Vítor, que já começava a bater em Marquim, logo, foram com os brinquedos para a praia, onde o chato poderia correr com sua bola de futebol e não ficaria ouvindo o que planejavam.

— Mãe disse que a tia já escolheu o nome do menino. Vai chamar Antônio, né? Que nem o vô.

Dalva sugou o resto de toddynho pelo canudo e jogou a caixa para as ondas, mas o vento a mandou de volta, fazendo-a rolar sobre a areia.

— Caguei — disse. Não gostava da ideia de ter mais um irmão e já confessara a Alisson acreditar que, fossem só ela e a mãe, conseguiram sair da casa da avó, quem sabe até morar em Fortaleza. Talvez fosse mesmo verdade, porque Alisson se lembrava de sua mãe falando de arrumar um canto para Dalva e Tia Celinha, um tempo antes da gravidez de Marquim.

— Também não gosto do Vítor — disse Alisson, observando à distância o irmão se jogar na água.

— Só quero ir embora.

— Queria ir junto.

— Pra quê? Tua vida é um sonho.

Alisson escondeu o rosto. Queria ser capaz de explicar de onde vinha a sensação de estar sempre distante e só, como aquilo tinha se acumulado lá dentro, e crescia e virava um troço selvagem que arranhava, que parecia sempre prestes a escapar, atacar e morder. Como, se tinha um quarto com cama, se tinha internet e celular, se a mãe e o pai nunca batiam nele, se até mesmo voltara a ter pai? Mas então, Dalva disse a melhor coisa que poderia dizer.

— Se tu quiser mesmo, de verdade, falo com o homem de lama pra te levar comigo.

Alisson esqueceu dos olhos cheios de lágrimas e sorriu. O homem de lama só falava com a prima, pois Alisson fechava os olhos sempre que ele se aproximava. Acreditava que a criatura não gostava dele, e quem ia gostar de um pivete mimado que só aparece duas vezes por ano, se havia Dalva, corajosa, esperta e boca-suja? Além disso, o homem de lama vinha sempre fazendo um grande esforço, gemendo como se estivesse a ponto de morrer, e parecia muito difícil pedir qualquer favor a alguém assim, no fim da vida.

— A gente só precisa terminar a cidade? — perguntou Alisson.

— E fazer o casarão.

— Isso vai ser difícil.

— O mais difícil era a porta, mas já arrumei. Tá por trás das jangadas velhas, bora lá?

Alisson concordou, mas logo que se levantaram Vítor veio perguntando aonde iam e passou a segui-los aos pinotes. Dalva mandou o merdinha à puta que pariu, e disse a Alisson que ficaria para depois, quando não tivessem mais que pastorear um bebê cagão.

No quarto que dividia com Marquim e Tia Celinha, Dalva mostrou a Alisson as anotações com os ensinamentos do homem de lama. Escondia o fichário dentro da rede, enrolada no armador. Ela reclamava de ter que dormir na rede, as costas doíam, dizia, mas Marquim só conseguia respirar se ficasse deitado de barriga para cima na cama, chiando feito uma panela de pressão até pegar no sono, e a velha nunca que ia comprar um beliche, se nem guarda-roupas tinha no quarto — as coisas todas amontoadas na cômoda velha fedendo a naftalina.

O fichário tinha na capa a foto dos meninos de uma banda de *k-pop* que Alisson trouxe para Dalva da última vez, cinco anjos de cabelos coloridos,

magros e talentosos e incríveis. Nunca que Alisson seria daquele jeito, graças às pernas curtas da mãe e a cara de fuinha do pai, mas ficava feliz só de ver que Dalva colou a imagem com adesivos de coração. As primeiras páginas do fichário eram *funkos* desenhados com giz de cera, pétalas de bromélias descoloridas, uma asa seca de figuinha-do-mangue ainda com as penas azuladas e uma coleção de unhas roídas coladas com durex. Então, começavam os mapas da cidade e as plantas de quatro ou seis retas de cada casa, e os círculos que seriam praças, e os retângulos compridos que seriam prédios. No papel, a cidade era mais impressionante e também não tinha a sujeira preta da lama nem as folhas das árvores, tudo limpo e óbvio. A letrinha miúda e cheia de curvas de Dalva indicava o que faltava construir e fazia observações: isso vai ser legal, isso tem que ser bem grande, isso tem que cheirar bem... e Alisson achou aquilo um pouco bobo, mas jamais se atreveria a falar.

Ela o impediu de folhear a próxima página.

— Primeiro, tu tem que jurar que vai comigo, se o homem de lama deixar.

— Tá.

— Pela vida da tua mãe.

— Juro.

Então ela deixou que ele visse os rabiscos a lápis, estrelas riscadas várias vezes e um rosto que poderia ser monstruoso ou apenas mal desenhado. Alisson perguntou quem era, apesar de já saber. De quem mais seria aquela cara escura sem olhos e aqueles dentes? E Dalva não respondeu, porque não precisava. Mostrou como tinha que ser o casarão que o homem de lama pediu: três paredes com uma cobertura no topo, galhos, folhas... o que conseguissem. Também deveria ser grande o suficiente para um adulto entrar aga-

chado, e claro que tinha que ter a porta, mas nem precisava de fechadura, só ficar encostada. O casarão seria o coração da cidade.

— A gente tem que cavar um buraco lá dentro — disse Dalva —, não cavar muito, só um pouco, pra marcar.

— Marcar o quê?

— O canto pro túnel.

Pelo túnel passariam para o outro lado, para dentro da cidade com a qual Dalva sonhava desde pequena, muito antes de aparecer o homem de lama e confirmar que era tudo verdade. Ela já tinha certeza que era real, porque sempre que fechava os olhos na rede acordava numa rua cheia de árvores floridas e passarinhos, ou numa pracinha com bancos de cimento e grama e gatos se esfregando em suas canelas. O oposto de Piranji, dizia ela — o oposto dessa vila de merda sem um canto para sentar além das cadeiras bambas dos botecos, um lugar cheio de mato seco e aqueles cachorros magros que seguiam as pessoas para lhes cheirar os fundos. Como Alisson nunca sonhava com nada ou se sonhava esquecia, acreditava em Dalva.

— Por que a gente não dá um nome pra cidade? — perguntou.

Ela apertou os lábios e pareceu gostar da ideia, mas então balançou a cabeça e disse que as coisas se estragam quando a gente dá nomes, como o irmão que ainda nem nasceu e já estava estragado, porque todo nome tem uma história e tudo que tem história fede a coisa podre. Que a cidade ficasse como estava, quando atravessassem o túnel poderiam pensar em alguma coisa, mas até lá nada de nomes mofados, nada de coisa velha, velha, velha, repetiu. Alisson disse tudo bem, mas para isso acontecer, para que fossem juntos à cidade, era preciso antes o homem de lama deixar.

O buraco, cavaram com as mãos, e as paredes em duas semanas ficaram prontas. Custaram a encontrar tijolos mais ou menos inteiros nas ruínas da escola, que não escorregassem quando postos uns sobre os outros, e com os galhos para o telhado também tiveram trabalho, pois chovera no mês anterior e as plantas vicejavam firmes. Pediram na bodega que lhes arrumassem palhas secas de coqueiro, e como ia demorar uns dias, aproveitaram para expandir a cidade até as casinhas quase tocarem a água esverdeada. Mas as palhas chegaram e, por fim, bastava a porta, um tampo de mesa todo roído de traça. Alisson se encheu de farpas ao transportá-la até a cidade e teve que mentir que tinha se machucado no balanço da escola abandonada. As mãos inflamaram e ele passou a noite com febre, a mãe tirando cada farpa à pinça, e a avó deu uma surra em Dalva porque já tinha falado várias vezes: não é pra perambular por aquelas bandas da escola que tá tudo destruído, pedaço de vidro, banda de telha, ponta de ferro, se esse menino cai e se acidenta e tem que ser levado pra Fortaleza, então quem vai cuidar de Célia e de Marquim e do menino pra nascer, tu é que não vai, imprestável, essas coisas caem sempre nas minhas costas.

Quando a avó ficava daquele jeito ninguém podia se meter, então por dois dias só se ouvia mesmo os risinhos de Vítor correndo pelo alpendre e as tosses de Marquim. Na manhã em que Alisson acordou melhor e pediu para sair, a mãe disse que só deixava se levasse o irmão junto e ficassem na praia, nunca mais o morro pros lados do riacho e da escola. Falava sério: olha a surra que tua avó deu na coitada da Dalva, disse. Era óbvio que Alisson não queria que a prima apanhasse de novo.

Não tiveram alternativa a não ser contar a Vítor sobre a cidade. Não falaram do homem de lama nem do túnel, mentiram que usavam as casinhas para brincar de boneca. Ele riu e ficou repetindo: Alisson brinca de boneca, Alisson brinca de boneca, mas logo em seguida pediu para participar. De-

ram a volta pela praia, acompanhando a margem do deságue até o mangue. Vítor ficou boquiaberto com a quantidade de casinhas se espalhando sobre a lama, de tamanhos diferentes, mas parecidas, e pulou entre as ruas e as esquinas, parando apenas para reclamar do fedor que a brisa levantava da água. Quis entrar no casarão, e como Dalva não deixou, se aborreceu e começou a tentar destruir a cidade, chutando telhados e empurrando paredes. Alisson deu-lhe um cascudo de arrancar choro e o expulsou de volta para a praia, que fosse brincar sozinho. Ele saiu prometendo contar tudo quando chegasse em casa.

— Tem que ser agora! — disse Dalva. — O merdinha vai avisar a todo mundo.

— Mas a gente nem se preparou, se despediu! Dá pra fazer mais casa, também. Tem espaço.

— A cidade tá enorme e o casarão tá pronto. Foi o que ele pediu, não foi? Se a velha ver isso, vai acabar com tudo, e aí nunca mais eu consigo sair daqui. Vou chamar ele.

Apertou a mão de Alisson e começou a assoviar de um jeito que só ela sabia, imitando o canto da figuinha-do-mangue. O sol já se escondia por entre as folhas das árvores quando o vento parou de soprar. Primeiro chegaram as moscas, o zumbido ao pé do ouvido, e depois aquela presença no ar pesado. A boca de Alisson ficou seca como sempre, e como sempre ele teve que fechar os olhos.

Dessa vez tinha algo diferente, porque pressentia o que via, e por isso via mesmo de olhos fechados. Viu o homem de lama se erguer da água e se arrastar em sua direção, o corpo sem forma, o rosto sem rosto. Percorreu as ruas da cidade, cercado não pelas casinhas de Alisson e Dalva, mas por muros enormes de crânios de passarinhos. O chão se movia sob o homem de lama, e Alisson percebeu que os gemidos não eram dele, vinham de baixo,

dos pequenos buracos que se abriam a cada passo. Parou de frente para eles, ao lado do casarão, este sim ainda igual, no centro de uma estrada larga, sob um céu cinza como os rabiscos no fichário de Dalva.

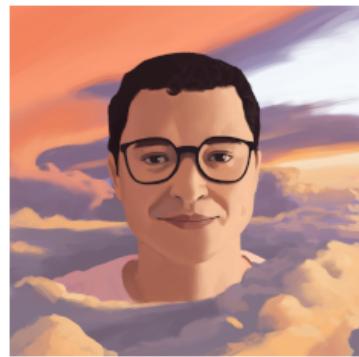
— Tu vem? — ela perguntou ao primo.

Ela não via aquela cidade de ossos? Alisson balançou a cabeça negativamente, a boca travada. Se pudesse, dessa vez confessaria o medo. O homem de lama se esticou.

— Tu jurou — disse Dalva, e cresceu aquela solidão feroz na barriga de Alisson, lhe subindo sem controle pela garganta, lhe atravessando os dentes e, por fim, lhe escorrendo pescoço abaixo, pegajosa e fria, misturando-se à urina que já descia pelas canelas até tocar o chão e encontrar a lama, porque iguais se reconhecem. Deixou de ver. A gente tem que correr, pensou, mas a prima já começava a gritar, e então Alisson descobriu que gritos podem ser também uma forma de silêncio. Não ouviu mais nada até os dedos de Dalva afrouxarem e sua mão gelada se deixar largar. Ficou imóvel até a voz de Dalva se desvanecer em seus ouvidos, até o fedor e as moscas desaparecerem, até abrir os olhos e ver que era noite e a mãe, a avó e a tia finalmente haviam chegado, perguntando: cadê tua prima, cadê Dalva, cadê minha menina, e empurrarem o tampo de madeira velha para encontrarem o corpo com a cabeça enfiada no buraco.

Alisson passou semanas num hospital de Fortaleza. Todos os dias lhe faziam perguntas e ele repetia a mesma resposta, o homem de lama. Desistiram. Nunca mais retornou a Piranji. Viu Tia Celinha apenas no enterro da avó, e ela não lhe pediu abraços dessa vez. Sabia que todos achavam que tinha sido culpa dele, era o que a mãe pensava quando dizia tua priminha está com Deus, ou quando o pai repetia que a casa era amaldiçoada, ou quando Vítor se negava a dormir no mesmo quarto que ele. Não importava. A angústia se fora por inteiro, e Alisson tinha espaço dentro de si para construir

e toda noite se deitava ansioso para fechar os olhos, encontrar Dalva e dar as mãos e passear com ela pelas ruas repletas de árvores e flores e pássaros de lama.



MOACiR FiO

Moacir Fio é de Fortaleza, Ceará, onde vive com a esposa, quatro gatos e um jardim. É escritor, músico, editor e professor.

Twitter: <https://twitter.com/moacirfio>

Instagram: <https://www.instagram.com/moacirfio>

there used to be birds

WRITTEN BY

Moacir Fio

EDITED BY

André da Cunha Melo

TRANSLATED BY

Marina Ferreira

COPYEDITED BY

Maira M. Moura



Aunt Celinha was once again pregnant, meaning they'd spend more time at grandma's house in Piranji, mom said while she prepared the night before the trip. She had to care for her sister who was about to have a baby, and Alisson heard his father yelling through the wall – the swearing, the threats. When they left the next morning, his luggage was left in the hall-

way. Alisson was scared that he'd leave once again and go back to being a shadow lurking on seldom weekends, but forgot his worries once the sea appeared through the car window. Up until then, the trip had been awful. His brother, Vítor, cried the entire time asking for their dad, and his mom would turn up the radio volume to mask her own sobs. Allison was eleven years old and already knew some things were so complicated that they didn't matter.

They arrived before lunch. Even from behind the clouds, the sun would turn the dirt road into a river of fire. The houses opened up to the beach, except their family's, located at the end of the village facing the hill – his great grandpa's shenanigans, who was said to have gone mad. Grandma appeared at the gate to welcome them, a woman who had wed too young and repeated every birthday that this would be her last.

The house felt stuffy, and his mom entered already opening the windows to let a breeze in. Grandma complained about the chill, but did nothing of it. Aunt Celinha appeared from the kitchen, with a massive belly, asking for hugs. Allison gave his aunt a kiss, asked if Marquim was asleep, left his bags in the bedroom, and left to the porch, where he knew he'd find Dalva.

The cousin drew under the acerola cherry tree with a stick on the sand. This one likes being in the sun, said grandma, because Dalva's like her dad, a village fisherman who passed in an accident soon after she was born. Allison's dad always said: watch out, because men in that house either die or go mad.

“Did you come for the weekend?” asked Dalva.

“Until the baby is born.”

“So, you’re on vacation? We can finish it!”

Allison went to the sun and gave his cousin an awkward hug. She was a year older, but smaller. They admired the drawing on the sand, a little map made of curves and tilted lines.

“Wanna see how the city’s looking like before they call us back in?”

They ran up the hill, laughing and complaining about the hot sand under their bare feet, and walked down a stinky stream opening to the sea, with the mangrove roots crossing through the water like the fingers of an old man. When the wind blew, everything stank of rotten eggs – aunt Celinha would say it was leftover sewage from the old school. There, over the dried-up mud where you could step without sinking, was where they played – where neither crabs nor midges could get to, where there used to be birds, and now, only silence, on occasion disturbed by the sound of something moving in the water. If it weren’t for Dalva, Alisson would admit to being scared.

From a distance, he saw through the foliage that the city had grown. Dalva had erected twelve new little houses, bigger than the ones they built last summer, using twigs and pieces of bricks found in the school. They were all lined up one beside another in blocks and streets that lead down a main avenue, interrupted here and there by twisted roots and small piles of rubble. He and his cousin had been erecting the city since the year before, and Alisson was surprised by how much Dalva had built by herself, and a bit upset too. At least the larger area, right in the middle of the central avenue, remained clear. There they’d make the mansion for the mud man.

When they returned, grandma was waiting at the table. No one had touched the food. The smell of the cooked chicken mixed with that of the porridge Aunt Celinha cooked for Marquim, who crawled around Vítors’ figures. Mom asked them to clean up, but one look from grandma froze them in place. She was hard on Dalva, perhaps because she didn’t have a

father, and lived there with aunt Celinha, dividing the house with blinds always lowered. “I hate this hag,” said Dalva, “living here sucks.” Alisson agreed so as to not upset her, but he envied her a little. Once you get used to the beach horizon, an apartment in Fortaleza feels like a dull crate.

After lunch, they had to wait for the sun to cool down before going back out. Mom made them take Vítor, who was now hitting Marquim, so the toys were taken along to the beach, where the brat could run around with his soccer ball instead of listening to what they planned.

“Mom said aunt already chose the boy’s name. It’s gonna be Antonio, right? Like grandpa.”

Dalva slurped the rest of her chocolate milk through the straw and tossed the box towards the waves, but the wind brought it back, making it roll over the sand.

“I don’t care”, she said. She didn’t like the idea of having another brother, and had already confessed to Alisson, had it been just her and her mom, they’d be able to leave grandma’s house, maybe even live in Fortaleza. Perhaps this was true because Alisson remembered his mom talking about cleaning up a corner for Dalva and aunt Celinha, sometime before she was pregnant with Marquim.

“I also don’t like Vítor,” said Alisson, observing from a distance as his brother threw himself into the water.

“I just want to leave.”

“Wish I could come too.”

“Why? You have a dream life.”

Alisson hid his face. He wished he could explain where the feeling of always being distant and lonely came from, how it had built up inside, and grew into something wild scratching at him, always ready to escape, attack, and bite. How come — if he had a bedroom with a bed, if he had internet

and a cell phone, if his mom and dad never hit him, if he even had a dad again? But then, Dalva said the best thing she could've said.

“If you really want to, truly, I can talk to the mud man to take you with me.”

Alisson forgot about his eyes filled with tears and smiled. The mud man only talked to his cousin, because Alisson closed his eyes every time he came near. He thought the creature didn’t like him. Who would like a spoiled brat who came twice a year, when there was brave, smart, and foul-mouthed Dalva? Besides, the mud man always approached with such a great effort, moaning as if he was about to die, and it seemed hard to ask favors from anyone like that, at the end of their lives.

“We just need to finish the city?” asked Alisson.

“And build the mansion.”

“That’s gonna be hard.”

“The hardest is the door, but I’ve got this. It’s behind the old *jangadas*^[1], wanna go?”

Alisson agreed, but as soon as they stood up Vítor came asking where they were off to and started skipping after them. Dalva told the prick to fuck off and said to Alisson they’d have to do it later, when there was no big shit baby to take care of.

In the bedroom she shared with Marquin and aunt Celinha, Dalva showed Alisson the notes on the lessons from the mud man. She hid the binder inside the hammock, wrapped up by the wall hook. She complained about having to sleep on the hammock, her back hurt, she said, but Marquim could only breathe laying on his back on the bed, hissing like a pressure cooker until he fell asleep, and the hag would never buy a bunk bed when the room didn’t even have a wardrobe – their things piled up on top of the mothball-reeking old dresser.

The binder had on the cover a photo of a group of boys from a *k-pop* band that Alisson had brought for Dalva last time, five angels with colorful hair, lanky, talented, and incredible. Alisson would never look like that, thanks to his mom's short legs and his dad's fugly face, but he was happy that Dalva decorated the image with heart stickers. The first pages on the binder had funko pops drawn with crayons, discolored Bromelia petals, the dried wing of a bicolored conebill, the feathers still blue, and a collection of gnawed nails stuck on with Durex tape. Then, began the maps of the city, the four or six-line plans of each house, the circles representing the city's squares, and the long rectangles meant to be the buildings. On paper, the city was more impressive, it also didn't have the black dirt from the mud nor the leaves from the trees – everything was clean and certain. Dalva's small cursive writing indicated what still needed to be built and made observations: this would be cool, this has to be really big, this needs to smell good....and Alisson found it all a bit silly but would never dare to say so.

Dalva stopped him from flipping to the next page.

"First, you need to swear you're gonna come with me if the mud man says you can."

"Sure."

"On your mom's life."

"I swear."

Then she let him look through the pencil sketches, stars crossed out several times, and a face that could either have been monstrous or just poorly drawn. Alisson asked who it was, even though he knew it. Whom else would that dark face without eyes and those teeth belong to? And Dalva didn't answer, because there was no need to. She showed how the mansion needed to be, as the mud man had asked for: three walls with a roof on top, branches, leaves...whatever they could find. It should also be big enough

for an adult man to enter crouching, and of course, it needed to have a door, but it didn't even need a lock, shutting would be enough. The mansion was to be the heart of the city.

"We need to dig a hole inside," said Dalva "not too deep, just a bit, to mark it."

"Mark what?"

"A spot for the tunnel."

Through the tunnel, they'd cross to the other side, into the city Dalva dreamed of since she was small, long before the mud man appeared and confirmed it was all true. She was already sure it was real, because every time she closed her eyes on the hammock, she woke up on a street filled with flowering trees and little birds, or in a square with cement benches, and grass, and cats rubbing against her legs. The opposite of Piranji, she said, the opposite of this shit village without a place to sit except for the wobbly chairs at the bars, a place full of dried grass and those starving dogs that followed people around trying to smell their butts. Since Alison never dreamed about anything or forgot about it when he did, he believed Dalva.

"Why don't we name the city?" he asked.

She pressed her lips and seemed to like the idea, but then tilted her head and said that things spoil when you give them names, like the brother that hadn't yet been born and was already spoiled because every name has a story and everything that has a story stinks of rotten things. The city should stay as it was, and when they crossed the tunnel, they could think of something, but until then no moldy names, nothing old, old, old, she repeated. Alison said okay, but for that to happen, for them to go to the city together, the mud man needed to let them in.

The hole, they dug with their hands, and the walls were done in two weeks. They struggled to find tiles in the school rubble that were more or less intact and wouldn't slide down when overlapping one another, and getting branches for the roof was also a lot of work, since it had rained the previous month and the plants thrived firmly. They asked at the bodega for dry straw from coconut trees, and since it would take a few days, they took the time to expand the city. By the time the little houses almost touched the greenish water, the straw arrived, and, at last, they had only the door to finish, a tabletop entirely gnawed by moths. Alisson got splinters all over his hands while carrying it to the city and had to lie that he had hurt himself on the swings at the abandoned school. His hands got inflamed, and he spent the night with a fever, his mom removing each splinter with a tweezer; and grandma spanked Dalva, after all, she had said so many times: don't go wandering around the school where everything is torn down, there are pieces of glass, roof tile shards, iron tips, and what if this boy falls and gets hurt, and needs to be taken to Fortaleza, who's gonna stay and watch Celia, and Marquim, and the boy 'bout to be born, not you, you worthless piece of shit, these things always fall on my back.

When grandma hit the roof, no one could say anything, so for two days all one could hear were the giggles of Vítor running through the porch and Marquim's coughing. The morning Alisson woke up feeling better and asked to go out, his mom said he could only go if he took his brother with him and stayed by the beach, never again up the hill near the stream and the school. She meant it, "remember how your grandma spanked poor Dalva", she said. It was obvious that Alisson didn't want his cousin to get a beating again.

They had no alternative but to tell Vítor about the city. They didn't tell him about the mud man or the tunnel, they lied saying they used the little

houses to play with dolls. He laughed and repeated: Alisson plays with dolls, Alisson plays with dolls, but soon after asked to join in. They went along the beach, following the edge of the water up to the mangrove. Vítor was flabbergasted by the number of little houses spread through the mud, all similar but in different sizes, and jumped in between the streets and corners, stopping only to complain about the smell the breeze brought up with the water. He wanted to enter the mansion, but since Dalva didn't let him, he got upset and started trying to destroy the city, kicking roofs and pushing walls. Alisson gave him a knock on the head that made him cry and sent him back to the beach, to go play alone. The boy swore to tell everything when he got home.

“It has to be now!” said Dalva. “The little shit is gonna tell everyone”

“But we didn't even prepare, we didn't say goodbye! We can build more houses too, there's space.”

“The city is huge, and the mansion is ready. It's what he asked for, isn't it? If the hag sees this, she's gonna end everything, then I'll never be able to leave from here. I'm gonna call him.”

She held Alisson's hand and began whistling in a way only she knew how, copying the song of the conebills. The sun already hid between the leaves of the trees when the wind stopped blowing. First came the flies, the buzzing near the ears, and then the presence in the heavy air. Alisson's mouth was dry as usual, and as usual, he had to close his eyes.

This time there was something different because he could feel what was there, and so he could see even with his eyes shut. He saw the mud man rise from the water and crawl towards him, a shapeless body, a face without a face. He roamed the streets of the city, surrounded not by the little houses, but by giant walls made of bird skulls. The ground moved under the mud man, and Alisson noticed the moans didn't come from him, they came from

below, from the little holes that opened up with every step. He stopped in front of them, by the mansion, the only thing that still looked the same, in the middle of the wide road, under a grey sky the color of the scribbles in Dalva's binder.

"Are you coming?" she asked her cousin.

Didn't she see the city of bones? Alisson shook his head no, his mouth stuck. If he could, this time he'd confess being scared. The mud man stretched out.

"You swore," said Dalva, and fierce loneliness grew inside Alisson's belly, uncontrollably climbing up his throat, crossing his teeth, to eventually drip down his neck, sticky and cold, mixing with the urine running down his legs to touch the ground and find mud because equals recognize each other. He stopped seeing. We need to run, he thought, but his cousin was already screaming, and then Alisson understood that screams could be a form of silence. He didn't hear anything else until Dalva's fingers loosened and her icy cold hand slip away. He stood still until Dalva's voice faded away, until the stench and flies disappeared, until he opened his eyes and saw it was night, and his mother, grandma, and aunt had finally arrived asking: where is your cousin, where is Dalva, where is my girl, and they pushed the gnawed tabletop to find her body with her head stuck in the hole.

Allison spent weeks in a hospital in Fortaleza. Every day they asked him questions, and he repeated the same answer, "the mud man". They gave up. They never went back to Piranji. He only saw aunt Celinha again at his grandma's funeral, and this time she didn't ask for a hug. He knew everyone thought it was his fault, it was what his mom thought when she would say his little cousin was with God, or when his father repeated that the house was cursed, or when Vítor refused to sleep in the same room as him.

It didn't matter. The anguish was gone, and Alisson had room inside himself to build, and every night he lay anxious to close his eyes, to find Dalva and hold hands, and to walk with her through the streets filled with trees, flowers, and mud birds.

[1] A sailing raft; a floating board made of pieces of wood tied to one another. It is a traditional fishing boat in the northeast region of Brazil.



MOACiR FiO

Moacir Fio is from Fortaleza, Ceará, where he lives with his wife, four cats, and a garden. He is a writer, musician, editor, and teacher.

Twitter: <https://twitter.com/moacirfio>

Instagram: <https://www.instagram.com/moacirfio>

coração dos outros, terra de ninguém

ESCRITO POR
Bruno Vial
EDITADO POR
Júlia Serrano e Iana A.
PREPARADO POR
Ingrid Pereira



Foi saudade. Hulú Otávio entra no terreiro, e nada do que fizerem vai desatar aquele nó, enlaçado feito cipó em suas entradas, desde que tocou os pés cruzados na terra que não era sua. As palmas do povo traficado para aquela sua verdadeira terra ecoam além, e ele os vê como são, e eles o veem como é. Saudade, canção que ressoa alto, chamou ele ali. No terreiro, nesta

terra que não é de um nem do outro, terra que sou, eles se encontram. O mundo tem dessas coisas.

Não erra o caminho, caminha de trás para frente na fila, e Sete Flechas o saúda, Okê caboclo! Hulú Otávio, nome metade de lenda, metade de gente, Okê. Sete Flechas é dono do terreiro, Salve, filho do Povo da Mata, está longe de casa. Estamos os dois, caboclo. Vim conhecer, as rodas de samba do Porto são até boas, mas preciso de energia da terra.

Traz coisa boa, meu filho, Sete Flechas puxa o fumo, Povo da Mata de lá também está vindo pra cá. A terra muda com a gente que vem de lá pequenininho. A terra ouve sim e aprende. Quem sabe, né? Seu cabelo de fogo não alumia e hoje meu filho vê o que tá procurando, e Hulú Otávio toma o passe. Sete Flechas o convida para ficar na gira, obrigado caboclo, mas não dá não, vou sentar.

Leva consigo as lágrimas. O fogo dentro dos olhos se verte em água, toca na música, marca no ponto. Seu cotovelo bate no dele e as pernas se roçam. Hulú Otávio se vira para pedir desculpa e o encara. Ele, nascido na terra que sou, o encara de volta, olhos escuros e com estrelas. O mundo tem dessas coisas.

*

Diogo fecha a porta. A casa antiga, morada de sua família há tantas gerações, permanece igual desde que os Cocos chegaram em minhas terras. A pedra de sua fundação mantém sua integridade, ainda que minguada diante dos novos prédios da freguesia da Foz. Ninguém se aproxima, ninguém a incomoda. Velhos costumes são difíceis de morrer.

Tira os sapatos e coloca ao lado dos outros dois pares naquele murinho da entrada, antes altar de oferendas, nos tempos em que sua família era te-

mida e procurada pelos seus serviços sombrios, mas que agora só serve de apoio. O cheiro de caldo verde vem da cozinha e Diogo Coco ouve bruxedos, benzas e rezas do bisavô, que mexe a panela de ferro com a colher de pau.

— Nenhuma criança, Diogo?

— Não, biso. Nós não fazemos mais isso.

O bisavô resmunga. Ele já esqueceu. Diogo sobe a escada de pedra da casa, fria, mesmo no verão. Em seu quarto, coloca a playlist do Spotify, abre a janela para entrar o vento do mar, na esperança vã da brisa quente carregada de quase meia-noite adentrar.

Na orla do mar, no calçadão quase vazio, ele passa com uma mochila de entregador. Caminha rápido a pé, rápido demais. Não presta atenção e preciso lhe mostrar onde está, o que ver. Com displicênci, uma folha cruza o caminho dele, rodopia no vento e o faz virar. Ele o vê. E Diogo o vê, iluminando o mar do cais. Seu quarto é mais quente com aquele sorriso.

*

Hulú Otávio cruza a Ponte do Infante, vindo de Gaia. Caminha pela Baixa, percorre ruelas guiado apenas pela morada, sem precisar de GPS. Não se perde nunca, encontra o atalho entre minhas subidas e descidas. Caminha certo, os pés de trás para frente, vai rápido. Toca campainha, mais uma entrega. Preciso do código, senhor. *I don't understand*, o cliente só fala inglês. *The Ubereats sent you a code, sir*. Não é tão difícil. *Oh, of course, one minute*. Ele espera do lado de fora, demora. *Zero, one, nine*, entrega o lanche, sai. Três euros de gorjeta. Nada mal.

A noite vai curta, sinto seu cansaço, e sua voz e vontade se misturam a todas as outras minhas. Logo mais o sol nasce no lado errado para ele. Mais

uma entrega, algum Airbnb na beira do rio, Miragaia. Tanta gente de fora, muita gente de dentro. Faz parte do que sou, ser todas essas pessoas. Ninguém se demora mais para ver, ninguém mais ouve a terra minha. Mas ele para. Na beira do Douro, na área da Ribeira que me cruza e me orgulha, o Rio Doce vem junto na memória da mãe na mata, ensinando-o, tão pequeno ainda, os caminhos, sua herança e natureza, ali nas margens que sobem com a cheia. Sigo seus sentimentos no mesmo correr das águas. Suspira o ar do verão, cheio de pólen de cidade grande. Mas não tão grande, na lembrança é bem maior a Belo Horizonte de seu pai, e sabia cada rua dela. Aqui era mais difícil para ele me encontrar e desvendar, mas terra é terra, e eu aprendi em seus passos sobre mim.

Encerra o aplicativo e é hora de voltar para casa. Uma última caminhada longa e sem pressa. Abre a câmera, uma selfie para os amigos que ficaram do lado de lá. Cabelos vermelhos, a pele erva de jambu, como diz sua bio naquele outro aplicativo. Se reparar bem, tem fogo nos olhos. Mas precisa de muita atenção, pois sua chama quase se apagou.

Passa o prédio da Alfândega, o anúncio da exposição imersiva da Frida Kahlo brilha. O som das gaivotas na beira do rio o guia pelas minhas ruas, e ele avista a pele branca, destacada na iminência do raiar do dia, daquele sentado na beira do Douro. Abre o semáforo. Um carro chama a atenção ao passar veloz, faz ele virar o rosto, sorri surpreso. Hulú Otávio sorri de volta para aquelas estrelas.

- A gente tem que parar de se encontrar assim.
- Pois. Gostava de te encontrar de verdade. Tomas um café?
- Sou brasileiro de Minas Gerais, que acha?
- Não percebi.
- Tomo café, sim, mas que tal uma cerveja? Amanhã vai ter uma roda de samba. Quer ir?

*

Sei das minhas terras que no fado é de se ter alguma pequena alegria. Mas no samba é preciso alguma tristeza, cantam quando Diogo chega. De longe, Hulú Otávio o vê e sorri, o alargador de orelha balança, as argolas no nariz e supercílio brilham. Aproxima-se trazendo dois copos de cerveja, entrega um e pisca, beija Diogo. O hálito alcoólico invade a boca, as línguas dançam juntas feito a gafieira que me trazem. O braço de Hulú Otávio enlaça sua cintura.

— Melhor já beijar no começo, assim a gente já tira isso do caminho. Bom que veio.

— Obrigado eu.

Hulú agarra sua mão e o guia por entre as pessoas que riem, bebem, cantam e dançam. Diogo toma a cerveja, balança a cabeça e arrisca alguns refrões. Hulú o leva para uma mesa. Pessoal, esse é Diogo, aquele da gira. Diogo, pessoal.

Um garoto de gorro vermelho enche seu copo, derramando sobre a mesa vermelha de metal riscado cerveja da garrafa de litrão Super Bock, que escorre e lhe cai sobre a perna mecânica. Na falta de uma Brahma, vai essa mesmo, diz o rapaz em voz aguda. Discutem sobre marcas além-mar, Antarctica, Skol, Itaipava. Alguém elogia a Heineken e os outros vaiam. Diogo não acompanha, segue bebendo, as mãos calorosas de Hulú enlaçadas nas suas.

*

Já vai quase anoitecer, e o pôr do sol da colina da Quinta da Macieirinha é um dos meus orgulhos, o Douro merece o nome que tem quando o admiraram daqui.

— Vai fazer três anos que cheguei em Portugal, aqui no Porto — Hulú deita a cabeça sobre o colo de Diogo — e nunca tinha vindo aqui. Mas também, a gente não para, né não?

Diogo joga os braços para trás, apoiando-se sobre a grama. Um silêncio confortável fica com os dois.

— Tenho que concordar, viu? O jardim aqui tem mesmo uma vista magnífica do rio. Já é quase dez da noite e o sol ainda tá aí, brilhando. — Hulú Otávio se espreguiça todo, esparramado na terra. — Nem parece que no começo do ano eu estava tremendo, congelando na escuridão das cinco da tarde. Tudo errado aqui.

— Tu tremes e congelas?

A pergunta vem com um riso, mas Diogo o encara de soslaio.

— Você sente calor e fica suado? Pois é, então deve ser a mesma coisa. Eu odeio o frio daqui. Bem, nem todo o frio.

Hulú puxa Diogo e o beija, o piercing na língua tilintando na boca do outro.

*

O quarto é alugado, um casarão antigo perto da Igreja da Lapa. Escuro e sem janelas, tem cheiro de mofo. O burburinho do ventilador preenche o vazio, amenizando o calor e o silêncio. Hulú afasta as roupas de cima da cama, e duas cuecas pretas caem no chão. Diogo se abaixa para pegar.

— É pequeno, apertado e sem luz, mas é barato. A dona é uma bruxa, assim, não literalmente uma bruxa, não como você...

— Eu percebi. — Diogo ri, tentando achar um lugar no meio da bagunça para colocar a roupa que ainda está em suas mãos.

— Mas é isso, pago pouco, sobra dinheiro.

Hulú deita na cama, sem camisa, só de short. Diogo admira o corpo maciço, as pernas fortes e grossas, os pés ao contrário, e Hulú gargalhada, pode fechar a boca, vem, deita aqui. Pode tirar a camisa, não tá com calor? Diogo joga as cuecas sobre a cama e tira a camisa, as veias saltam pelo corpo esquelético e pálido. As marcas pretas, os sigilos de seu bisavô, percorrem seu peito e costas. Tatuagens, costuma dizer para os outros, que não sabem. Hulú sabe — marcas místicas de proteção dos Cocos, as marcas que o prendem à sua família.

Na cama, se aninha no peito de Hulú Otávio. Tão gostoso sua pele fria nesse calor, diz de olhos fechados. A mão de Diogo percorre o peito liso, duro. Tu não vais dizer o mesmo no inverno. Riem, se apertam.

— Meu pai deve ligar de Belo Horizonte logo.

Diogo se estica em silêncio, passa a mão nos alargadores da orelha de Hulú.

— Falei para ele daquela Igreja do Carmo que a gente foi, do tanto de sangue que tem lá.

— Ouro.

— O ouro do Brasil é sangue em Portugal.

Dói a verdade, estou banhada em sangue dourado.

— Naquela época dos descobrimentos, Portugal fez cenas ruins.

— Invasões, não descobrimentos. A gente já estava lá, vocês não descobriram nada. E “cenas ruins” nem começa a descrever genocídio e escravidão.

— Mas minhas ancestrais também sofreram aqui em Portugal nas fogueiras. Quase todas as Cocos, muitas até fugiram para o Brasil.

— Sim, gente finíssima, conheci algumas delas. Mas então, Diogo, não existe uma escala de opressão. Agora, garanto que, se tivesse, a gente lá no Brasil estaria ganhando.

A tensão em minhas terras nunca se dissipava por completo — como poderia, mas Hulú e Diogo estão dispostos.

O celular toca. A foto do pai de Hulú Otávio desponta na tela, homem branco de cabelos ralos. Quer conhecer meu pai e irmãos?

*

O bisavô grita com o pai na sala de baixo. A casa reverbera as palavras do patriarca, e não posso impedir que ela obedeça o seu mestre. Indigno e absurdo! Não vou ter brasileiros em minha casa como convidados. Meu bisneto é meu sangue e ossos, como podes concordar com isto, Miguel? O pai rebate, argumenta, pede calma, mas o velho não se lembra mais. Ele é sangue e ossos de Portugal! É um Coco. Há de estar com um português de boa família. O ódio estremece a pedra e, no quarto, Hulú e Diogo acompanham, este constrangido, o outro, furioso.

Tantos atravessam o oceano até mim e, por estes, sinto muito em já ter enxergado os erros do passado como glórias da vitória.

— Vou embora.

— Desculpa — é tudo que tem a dizer — eu falei com ele, ele tinha entendido, mas o biso já se esquece.

— Eu vou embora. Senão vou descer e coloco fogo na sua casa, ou seu bisavô acaba comigo. Não se preocupa. É foda, eu entendo.

Diogo o leva até a porta. Quando fecha, o bisavô cospe no chão. Os sililos de Diogo brilham, os olhos de estrelas crescem. Do lado de fora, Hulú não escuta mais nada. Corre a pé na intensidade de sua raiva e humilhação,

cruza ruas como borrão, em instantes percorre metade de mim, da Foz até a Igreja da Lapa, e se joga na cama. Velhos costumes são difíceis de morrer.

*

A terra que sou muda quando se recusam a ouvir. Hulú Otávio vê a notificação da mensagem de Diogo, mas precisa fazer a entrega. Cruza o Campo Vinte e Quatro de Agosto na direção do Bonfim. O conserto de um cano estourado o obriga a atravessar para o lado da praça, mas esbarra em uma garota loira que também desvia da obra. Ele pede desculpas, e a ouve xingar *putain de merde, brésilien imbécile*, sem sequer encará-lo. Ele exige desculpas, a menina retruca e segue andando, até perceber que não sabe mais onde está. Hulú a desvia, a faz virar nas ruas erradas, por horas e horas, a faz perder seu caminho, mas também perde o horário da entrega, perde cruzar com Diogo saindo pela praça devido ao atraso do metrô, de celular na mão, encarando a mensagem enviada, a terceira não respondida.

*

Diogo abre páginas de anúncios. É sua quinta entrevista, às oito da noite, quando o sol já quase se esconde pelo mar. O verão está acabando. Imagine o calor de Hulú Otávio no inverno. Abre o WhatsApp, a última mensagem um “podemos ver, não sei quando vai ser a próxima roda. Te digo”, de semanas atrás. Arquivou a conversa. Aceita a vaga, ganharia pouco, pagaria barato, sobraria dinheiro. Sai do prédio em Trindade, os semáforos piscam, de repente estragados.

Atravessa a rua seguro, resguardado pelo caos. Na esquina em que Diogo não parou, Hulú Otávio está um pouco bêbado, apoiado nos ombros de

um amigo. Tu tava feliz, mermão, e faz uma porra dessas, sabe como são esses portugueses, principalmente os velhos, e ajeita o gorro vermelho.

*

Eu sussurro no vento que passa, nos carros que correm, nas conversas de bêbados, nos mosquitos do fim de verão, esperando que ouçam. Acordam no meio da noite. As folhas já começam a cair. Hulú Otávio sai do quarto, vai para o jardim de trás do casarão, enrolado na manta. Diogo vai para a varanda, apenas com a calça do pijama. Encaram as estrelas, a lua cheia. São pouco mais de duas da manhã, ainda dez horas onde Hulú deveria ser. Pegam o celular, fazem a chamada de vídeo. O pai atende. Pai, você sente saudade da mãe? Pai, o biso tá bem? Olham para a lua. Saudade é canção que ressoa alto.

*

A terra que sou muda, em consonância com quem a pisa. Hulú pisa descalço, suas pegadas não podem ser seguidas, a bolsa de entregador nas costas. Perto das sete horas, o sol baixa na direção da Avenida da Boavista. O frio vem. Do outro lado da rua, na Casa da Música, Diogo caminha.

Canso de sussurrar. O semáforo fica vermelho para os carros na rotunda, abrindo caminho, a multidão se aglomera na frente e eles param, a revoada dos pombos segue entre eles, chama a atenção. Eis o meu grito, encontrem-se, e eles me ouvem, assustados em estarem frente a frente, desculpa, eu fiquei ocupado, esqueci de responder. Não, está tudo bem. Eu saí de casa.

— Se foi por mim, não sei se deveria.

— Eu amo meu biso, mas ele tem que perceber, o tempo é outro, a cidade está em mudança. Não foi por ti, foi por mim. Está na hora de outra fundação.

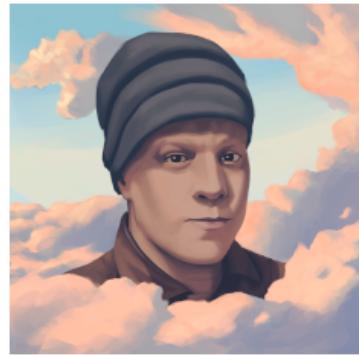
— Fixe, giro, legal.

— Tu te ris. Mas pensei em ti. Minha morada é aqui perto, sempre queres tomar um café?

— Sou brasileiro de Minas Gerais, que acha?

Seguem em sorrisos, mãos dadas ao Bom Sucesso. Velhos costumes morrem, afinal. O mundo tem dessas coisas.

E eu mudo mais um pouco, em suas pegadas.



BRUNO VIAL

Bruno Vial nasceu em Vila Velha - ES, em 1986. Mudou-se para Brasília aos 18 anos e lá fez sua vida, até ir para Portugal, aos 33 anos. Estudou direito, advogou e odiou. Escreve desde a adolescência, especialmente ficção especulativa. Gay, cis, nerd e chato, sonha em ser uma pessoa bem resolvida, mas até lá, vai levando.

Twitter: https://twitter.com/darth_anxious

Instagram: https://www.instagram.com/bruno_vial

heart of others, land of none

WRITTEN BY

Bruno Vial

EDITED BY

Júlia Serrano and Iana A.

TRANSLATED BY

Renata Torres

COPYEDITED BY

Bianca Zamian and Júlia Serrano



It was longing. Hulú Otávio enters the terreiro^[1], and nothing they do will untie that knot, entwined like a vine in his guts ever since he touched his crossed feet on the land that wasn't his. The claps of the trafficked people to that true land of theirs echo beyond, and he sees them as they are, and they see him as he is. Longing, a song that resonates loud, called him

there. In the terreiro, in this land that is neither of one nor the other, the land that I am, they meet. The world will do that.

Don't miss the way, he walks from the back to the front on the line, and Sete Flechas salutes him, Okê caboclo! Hulú Otávio, named half legend, half people, Okê. Sete Flechas is the owner of the terreiro, Greetings, son of The Forest People, you are far from home. We both are, caboclo. I've come to know the place, the samba get-togethers in Porto are quite good, but I need the energy of the land.

You bring goodness, my son, Sete Flechas pulls the smoke, Forest People from there is also coming here. The land changes with the people who come from there while little. The land listens and learns. Who knows, maybe your fiery hair lights up and today my son see what he's looking for, right? And Hulú Otávio then gets his blessing. Sete Flechas invites him to stay, thank you caboclo, but I can't, I'll go sit down.

He takes the tears with him. The fire inside his eyes pours into water, touches the music, marks on the ponto^[2]. His elbow bumps another and legs touch. Hulú Otávio turns to apologize and stares at him. He, born from the land that I am, stares back, dark eyes with stars in them. The world will do that.

*

Diogo closes the door. The old house, his family's household for so many generations, remains the same since the Cocos arrived in my land. The stone of its foundation keeps its integrity, even if it dwindles in front of the new buildings in the parish of Foz. Nobody approaches it, nobody bothers it. Old ways die hard.

He removes his shoes and puts them next to the other two pairs on the low wall at the entrance, formerly an altar for offerings, during the times when his family was feared and sought after for their dark services, but which now serves only as support. The smell of green broth comes from the kitchen and Diogo Coco hears witcheries, blessings and prayers from his great-grandfather, who stirs the iron pot with a wooden spoon.

“No children, Diogo?”

“No, paps. We don’t do that anymore.”

The great-grandfather grumbles. He already forgot. Diogo climbs the stone stairs of the house, cold even during the summer. In his bedroom, he puts on his Spotify playlist, opens the window to let in the sea wind, in the vain hope of the warm midnight-ing breeze entering.

By the seaside, on the almost empty boardwalk, he walks by with a delivery backpack. He walks fast, too fast. He is not paying attention and I need to show him where he is, what to see. Nonchalantly, a leaf crosses his path, twirls in the wind and makes him turn around. He sees him. And Diogo sees him, lighting up the sea from the pier. His room is warmer with that smile.

*

Hulú Otávio crosses Ponte do Infante, coming from Gaia. He walks through the Baixa, through alleys guided only by the written address, no need for a GPS. He never gets lost, finds the shortcuts between my ups and downs. He walks straight, his feet backwards, and goes fast. He rings the doorbell, another delivery. I need the code, sir. *Je ne comprend pas*, the client only speaks French. *Les Ubereats vous ont envoyé un code, monsieur*. It’s not that hard. *Oh, bien sûr, une minute*. He waits outside, it takes a

while. *Zéro, un, neuf*, he delivers the package and leaves. A three euro tip. Not bad.

The night is short, I feel his tiredness, and his voice and determination mix with all my others. Soon the sun will rise on the wrong side for him. Another delivery, some Airbnb by the river, in Miragaia. So many outsiders, so many insiders. It's part of what I am, being all these people. No one takes the time to observe, no one listens to my land. But he does. On the banks of the Douro, in the Ribeira area that crosses me and makes me proud, the Rio Doce comes along in the memory of his mom in the woods, teaching him, still so young, the ways, his heritage and nature, there on the banks that rise with the flood. I follow his feelings in the same flow of the waters. He breathes in the summer air, full of big-city pollen. But not so big, in his memory his father's Belo Horizonte is much bigger, and he knew every street of it. Over here it was harder for him to find me and unravel me, but land is land, and I learned with his footsteps on me.

He closes the app and it's time to go home. One last, long, leisurely walk. He opens the camera, takes a selfie for the friends who stayed on the other side. Red hair, skin like jambu, as says his bio on that other app. You can see there is fire in his eyes. But you have to look closely because his flame is almost out.

Past the Alfândega building, the advertisement for Frida Kahlo's immersive exhibition shines. The sound of seagulls on the riverbank guides him through my streets, and he sees the white skin, highlighted in the imminence of dawn, of the one sitting by the Douro. The traffic light opens. A car draws his attention as it passes quickly, making him turn his head, he smiles surprised. Hulú Otávio smiles back at those stars.

“We have to stop meeting like this.”

“Indeed. I wanted to meet you in person. Fancy a cuppa?”

“I’m Brazilian from Minas Gerais, what do you think?”

“Pardon?”

“I do, yes, but how about a beer? Tomorrow there’s a samba get-together. Wanna go?”

*

I know of my lands that in the fado there’s a little joy. But samba needs a little sadness, they sing when Diogo arrives. From a distance, Hulú Otávio sees him and smiles, his earplug jiggling, the rings on his nose and eyebrow shining. He approaches with two glasses of beer, hands him one and winks, kisses Diogo. The alcoholic breath invades his mouth, their tongues dancing together like the gafieira^[3] they bring me. Hulú Otávio’s arm wraps around his waist.

“Better to kiss first, get it out of the way. It’s good that you came.”

“Cheers.”

Hulú grabs his hand and guides him through the people laughing, drinking, singing and dancing. Diogo drinks the beer, shakes his head and risks singing a line or two. Hulú takes him to a table. Guys, this is Diogo, from the gira. Diogo, the guys.

A guy in a red beanie fills his glass, spilling beer from the Super Bock liter bottle on the scratched red metal table, it drips and lands on his mechanical leg. In the absence of a Brahma, we have this, says the guy in a high-pitched voice. They discuss overseas brands, Antarctica, Skol, Itaipava. Someone compliments Heineken and the others boo. Diogo doesn’t follow, keeps drinking, Hulú’s warm hands clasped in his.

*

It's almost dusk, and the sunset from the hill of Quinta da Macieirinha is one of my prides, the Douro deserves the name it has when admired from here.

"It will be three years since I arrived here in Portugal, here in Porto"—Hulú lies with his head on Diogo's lap—"and I never came here. But then, we never stop, do we?"

Diogo throws his arms back, leaning on the grass. A comfortable silence stays with them.

"I have to agree. The garden here really has a magnificent view of the river. It's almost ten and the sun is out, shining still." Hulú Otávio stretches himself, sprawled on the ground. "It doesn't even feel like I was shivering, freezing in the five o'clock darkness at the beginning of the year. It's all wrong."

"You shiver and freeze?"

The question comes with a laugh, but Diogo looks at him sideways.

"Do you feel hot and sweaty? Then it must be the same thing. I hate the cold here. Well, not all of it."

Hulú pulls Diogo and kisses him, his tongue piercing clinking in the other's mouth.

*

The room is a rental, an old house near the Church of Lapa. Dark and windowless, it smells musty. The noise of the fan fills the void, softening

the heat and silence. Hulú pushes the clothes off the bed, and two black briefs fall to the floor. Diogo bends down to pick them up.

“It’s small, tight and dark, but it’s cheap. The owner is a witch, I mean, not literally a witch, not like you...”

“I see.” Diogo laughs, trying to find a place in the midst of the mess to put the clothes that are still on his hands.

“And that’s it, I pay little, there’s some money left.”

Hulú lies down on the bed, shirtless, wearing only his shorts. Diogo admires the sturdy body, the strong and thick legs, the feet pointing backwards, and Hulú laughs, you can close your mouth, come, lie down here. You can take your shirt off, aren’t you hot? Diogo throws his briefs on the bed and takes off his shirt, the veins showing through his skeletal and pale body. The black marks, his great-grandfather’s sigils, run across his chest and back. Tattoos, he says to the ones who don’t know. Hulú knows—mystical marks that protect the Cocos, the marks that bind him to his family.

In bed, he snuggles on Hulú Otávio’s chest. It’s so nice to feel your cold skin in this heat, he says with his eyes closed. Diogo’s hands travel over his smooth, hard chest. You won’t say the same in winter. They laugh, squeezing each other.

“My father should call from Belo Horizonte soon.”

Diogo stretches out in silence, runs his hand over Hulú’s earplugs.

“I told him about the Carmo Church that we went to, how much blood there is.”

“Gold.”

“The gold from Brazil is blood in Portugal.”

The truth hurts, I’m bathed in golden blood.

“At the time of the discoveries, Portugal did bad things.”

“Invasions, not discoveries. We were already there, you didn’t discover anything. And “bad things” doesn’t even begin to describe the genocide and enslavement.”

“But my ancestors also suffered here in Portugal at the stakes. Almost all the Cocos, many even fled to Brazil.”

“Yes, very fine ladies, I even met some of them. But then, Diogo, oppression isn’t on a scale. Although I guarantee that, if it was, we in Brazil would be winning.”

The tension in my lands never completely dissipates—how could it, but Hulú and Diogo are willing to work through this.

The cell phone rings. The picture of Hulú Otávio’s father appears on the screen, a white man with thinning hair. Want to meet my father and brothers?

*

The great-grandfather yells at his father in the room downstairs. The house echoes the patriarch’s words, and I can’t stop it from obeying its master. Disgraceful and absurd! I won’t have Brazilians in my house as guests. My great-grandson is my blood and bones, how can you agree with that, Miguel? The father replies, argues, asks him to calm down, but the old man no longer remembers. He is bone and blood of Portugal! He is a Coco. He must be with a Portuguese from a good family. Hate shakes the stone and, in his room, Diogo and Hulú hear them, the first, embarrassed, and the second, furious.

So many cross the ocean to me, and for them I’m sorry for once seeing the mistakes of the past as the glories of victory.

“I’m leaving.”

“I’m sorry,” is all there is to be said. “I’d talked to him, he’d understood, but paps forgets.”

“I’m leaving. Otherwise I’m gonna go downstairs and set your house on fire, or you great-grandfather will end me. Don’t worry. It’s a shitty deal, I get it.”

Diogo takes him to the door. When it closes, the great-grandfather spits on the floor. Diogo’s sigils shine, his starry eyes grow. Outside, Hulú no longer hears anything. He runs on foot with the strength of his rage and humiliation, crosses streets like a blur, in an instant crossing half of me, from Foz to the Lapa Church, and throws himself on the bed. Old ways die hard.

*

The land that I am is muted and transmuted when they refuse to listen. Hulú Otávio sees the notification from Diogo’s message, but he needs to make a delivery. He crosses Campo Vinte e Quatro de Agosto towards the Bonfim neighborhood. The repairs of a burst pipe forces him to cross to the other side of the square, bumping into a blond girl who also deviates from the construction work. He apologizes, and hears her curse *putain de merde, brésilien imbécile*, without even looking at him. He demands an apology, the girl retorts and keeps walking, until she realizes she doesn’t know where she is. Hulú diverts her, makes her turn on the wrong streets, for hours and hours, he gets her lost, but he also misses the time of his delivery, misses crossing with Diogo leaving for the square due to a subway delay, cell phone in hand, staring at the message sent, the third unanswered.

*

Diogo flips open the ad pages. It's his fifth interview, at eight in the evening, when the sun is almost hiding by the sea. Summer is ending. He imagines the heat of Hulú Otávio in the winter. He opens WhatsApp, the last message is a "we can try, I don't know when the next get-together will be. I'll let you know" from weeks ago. He archives the chat. He takes the job, earning little, paying cheap, there would be money left. He leaves the building in Trindade, the traffic lights blink, suddenly broken.

He crosses the street safely, protected by chaos. On the corner where Diogo didn't stop, Hulú Otávio is a little drunk, leaning on the shoulder of a friend. You were happy, bro, and then you fucked up, you know how the Portuguese are, especially the old ones, the friend says adjusting his red beanie.

*

I whisper on the passing wind, on speeding cars, on drunken conversations, on the late summer mosquitoes, hoping they will hear. They wake up in the middle of the night. The leaves are already starting to fall. Hulú Otávio leaves his room, goes to the back garden of the old house, wrapped in a blanket. Diogo goes to the balcony, wearing only his pajama pants. They stare at the stars, the full moon. It's just after two in the morning, still ten in the evening where Hulú should be. They pick up their cell phones, starting a video call. The father answers. Dad, do you miss mom? Dad, is paps well? They look at the moon. Longing is a song that resounds loudly.

*

The land that I am is transmuted in harmony with whoever walks it. Hulú walks barefoot, his footsteps can't be followed, with the delivery bag on his back. Around seven o'clock the sun sets in the direction of Boavista Avenue. The cold comes. Across the street, at Casa da Música, Diogo walks.

I tire of whispering. The traffic light turns red for cars on the round-about, making way, the crowd gathers in front and they stop, the flock of pigeons flies away between them, drawing their attention. Here's my cry, find each other, and they listen, scared to be face to face, I'm sorry, I was busy, I forgot to answer. No, it's alright. I left home.

“If it was for me, I’m not sure you should have.”

“I love my paps, but he has to realize that the times are different, the city is changing. It wasn’t for you, it was for me. It’s time for another foundation.”

“Brill, smashing, cool.”

“You jest. But I thought of you. My place is nearby, do you always fancy a cuppa?”

“I’m Brazilian from Minas Gerais, what do you think?”

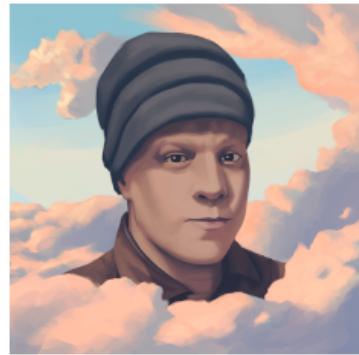
They go on smiling, holding hands towards Bom Sucesso. Old ways do die, after all. The world will do that.

And I change a little more, in their footsteps.

[1] T.N: Terreiro is the place where Candomblé or Umbanda (religions of African descent) ceremonies are held.

[2] T.N.: Pontos are songs used to praise, call and say goodbye during ceremonies. They are usually accompanied by percussion instruments such as the atabaque and can have different, marked rhythms.

[3] T.N.: The word originally comes from Brazilian Portuguese slang, meaning honky-tonk. Samba de gafieira is a partner dance like ballroom dance, but with different rhythms of samba.



BRUNO VIAL

Bruno Vial was born in Vila Velha - ES, in 1986. He moved to Brasília at the age of 18 and made his living there until moving to Portugal, at 33. Bruno went to Law school, practiced law, and hated it. A writer since his teen years, Bruno writes mostly speculative fiction. He is gay, cis, nerd, and obnoxious, and dreams about becoming a better, more balanced person, but until then, he's managing.

Twitter: https://twitter.com/darth_anxious

Instagram: https://www.instagram.com/bruno_vial

demônios

ESCRITO POR

Aluísio de Azevedo

EDITADO E TRANSCRITO POR

André Colabelli

PREPARADO POR

Rayane Sátiro

Nota do Tradutor

Acorda, Pedrinho, que hoje tem ficção weird apocalíptica de 1891.

Quando encontramos a história Demônios, de Aluísio de Azevedo, nós sabíamos que tínhamos que publicá-la na nossa edição de Cidades. Há várias razões para isso.

Um dos motivos pelos quais publicamos contos de autores clássicos na Eita! é para mostrar que a literatura fantástica nacional tem uma história mais longa do se pensa – e, não raro, pela pena de autores que geralmente são considerados parte de movimentos mais próximos do realismo, como o Naturalismo e, bem, o Realismo. Na nossa primeira edição publicamos Machado de Assis, que é geralmente considerado um autor realista, mas cuja produção é na verdade extremamente eclética, tendo até fábulas sob seu nome. Da mesma forma, conhecemos Azevedo principalmente por livros como O Cortiço, considerado (não sem motivo) uma das principais obras do movimento naturalista; isso aumentou nossa surpresa ao ler um texto tão abertamente fantástico do mesmo autor.

E que conteúdo fantástico! Demônios é um conto apocalíptico, descrevendo um bizarro fim do mundo pelo fim da entropia, em que todas as vidas se apagam como velas. Este tipo de ficção é famoso hoje em dia, mas era praticamente inédito na época. O podcast estadunidense The Apoculist (talvez a coisa mais próxima de uma fonte acadêmica que estamos confortáveis

em usar) está lendo todos os livros apocalípticos que já foram lançados, e na lista deles somente dois aparecem antes do conto de Azevedo: *Le Dernier Homme* (Jean-Baptiste Cousin de Grainville, 1805) e *The Last Man* (Mary Shelley, 1826). (A tradução do nome dos dois é *O Último Homem*.) Mesmo assim, o apocalipse trazido por Azevedo está além mesmo do que se vê na ficção hoje em dia, não girando em torno da mera destruição da humanidade ou do planeta, mas de uma mudança nas próprias leis da natureza que regem o universo.

Demônios também se aproxima bastante da ficção weird. Apesar de poder ser confortavelmente caracterizado como um conto gótico, ele tem muitos dos temas da ficção weird: nas causas insondáveis do súbito cataclismo, no mundo sendo coberto por lodo e bolor, nos fungos luminescentes brotando de corpos apodrecidos. Isso faria de nosso Azevedo anterior à maioria das obras consideradas como precursoras do weird, como o *Rei de Amarelo* de Robert Chambers (1895) ou *Os Salgueiros* de Alderson Blackwood (1907).

Por causa disso, não conseguimos resistir a publicar este conto na Eita!. Mas temos um problema. Este é um conto longo, tão longo que, se fôssemos publicá-lo por inteiro, ele seria maior que todo o resto da revista. Apesar de acharmos que os autores clássicos são importantes, eles não são mais importantes que os autores contemporâneos que são o foco de nossa publicação. Além disso, nosso trabalho é quase que completamente voluntário, e precisaríamos efetivamente do dobro da força de trabalho para poder publicar e traduzir o conto completo. Por isso, apesar de quebrar nosso coração, fomos forçados a publicar um fragmento do conto. Consistindo dos capítulos III a VI da obra completa, não pudemos mostrar o momento de desespero em que o autor percebe que o universo inteiro está envolto em trevas, nem o desfecho progressivamente mais psicodélico em que o autor e sua

amada ‘desevolvem’ até retornarem à sopa primordial. Ainda assim, esperamos passar uma breve sensação do que nos cativou tanto nessa história.



Imédico estava estendido em sua cama, embrulhado no lençol. Tinha contraída a boca e os olhos meio abertos.

Chamei-o; segurei-lhe o braço com violência e recuei aterrado, porque senti o corpo rígido e frio. Aproximei, trêmulo, a minha vela contra seu rosto imóvel; ele não abriu os olhos; não fez o menor gesto. E na palidez das

faces notei-lhe as manchas esverdeadas de carne que vai entrar em decomposição.

Afastei-me.

E o meu temor cresceu. E apoderou-se de mim o medo do incompreensível; o medo do que não se explica; o medo do que se não acredita. E saí do quarto, querendo pedir socorro, sem conseguir ter voz para gritar, e apenas resbunando uns vagidos guturais de agonizante.

E corri aos outros quartos, e já sem bater, fui arrombando as portas que encontrei fechadas. A luz da minha vela, cada vez mais lívida, parecia, como eu, tiritar de medo.

Oh! que terrível momento! que terrível momento! Era como se em torno de mim o nada insondável e tenebroso escancarasse, para devorar-me, a sua enorme boca viscosa e sôfrega. Por todas aquelas camas, que eu percorria como um louco, só tateava corpos enregelados e hirtos.

Não encontrava ninguém com vida; ninguém!

Era a morte geral! a morte completa! uma tragédia silenciosa e terrível, com um único espectador, que era eu. Em cada quarto havia um cadáver pelo menos! Vi mães apertando contra os seios os filhinhos mortos, tão mortos como elas mesmas; vi casais abraçados, dormindo aquele derradeiro sono, enleados ainda pelo último delírio de seus amores; vi brancas figuras de mulher estateladas no chão, decompostas na impudênciada morte; estudantes cor de cera debruçados sobre a mesa de estudo, os braços dobrados sobre o compêndio aberto, defronte da lâmpada para sempre extinta. E tudo frio! e tudo imóvel, como se aquelas vidas fossem de improviso apagadas pelo mesmo sopro; ou como se a terra, sentindo de repente uma grande fome, enlouquecesse e devorasse de uma só vez todos os seus filhos.

Percorri os outros andares da casa: sempre o mesmo abominável espetáculo!

Não havia mais ninguém! não havia mais ninguém! Tinham todos deserto em massa!

E por que? E para onde tinham fugido aquelas almas, num só voo, arribadas como um bando de aves forasteiras?

Estranha greve!

Mas por que não me chamaram, a mim também, antes de partir? Por que me abandonaram sozinho entre aquele pavoroso despojo nauseabundo?

Que teria sido, meu Deus? que teria sido tudo aquilo? Por que toda aquela gente fugia em segredo, silenciosamente, sem a extrema despedida dos moribundos, sem os gritos da agonia? E eu, execrável exceção! por que continuava a existir, acotovelando os mortos e fechado com eles dentro da mesma catacumba!

Então, uma ideia fuzilou rápida no meu espírito, pondo no coração um sobressalto horrível.

Lembrei-me de Laura. Naquele momento, estaria ela, como os outros, também inanimada e gélida; ou, triste retardatária! ficaria à minha espera, impaciente por desferir o misterioso voo? Em todo caso era para lá, junto dessa adorada e virginal criatura, que eu devia ir sem perda de tempo; junto dela, viva ou morta, é que eu devia esperar a minha vez de mergulhar também no tenebroso pélago!

Morta?! Mas por que morta... se eu vivia, era bem possível que ela também vivesse ainda!

E que me importava o resto, que me importavam os outros todos, contanto que eu a tivesse viva e palpante nos meus braços?!

Meu Deus! e se nós ficássemos os dois sozinhos na terra, sem mais ninguém, ninguém? Se nos vissemos a sós, ela e eu, estreitados um contra o outro, num eterno egoísmo paradisíaco, assistindo recomeçar a criação em torno do nosso isolamento? Assistindo, ao som dos nossos beijos de amor,

formar-se de novo o mundo; brotar de novo a vida, acordando toda a natureza, estrela por estrela, asa por asa, pétala por pétala?

Sim! sim! Era preciso correr para junto dela!

Mas a fome torturava-me cada vez com mais fúria. Era impossível levar mais tempo sem comer. Antes de socorrer o coração era preciso socorrer o estômago.

A fome! O amor! Mas, como todos os outros morriam em volta de mim e eu pensava em amor e eu tinha fome? A fome, que é a voz mais poderosa do instinto da conservação pessoal, como o amor é a voz do instinto da conservação da espécie! A fome e o amor, que são a garantia da vida; os dois inalteráveis polos do eixo em que, há milhões de séculos, gira misteriosamente o mundo orgânico!

E, no entanto, não podia deixar de comer antes de mais nada. Quantas horas teriam decorrido depois da minha última refeição? Não sabia; não conseguia calcular sequer. O meu relógio, agora inútil, marcava estupidamente doze horas. Doze horas de quê? Doze horas! isto o que vinha a ser. Doze horas! Que significaria esta palavra?

Arremessei o relógio para longe de mim, despedaçando-o contra a parede.

Ó meu Deus! se continuasse para sempre aquela incompreensível noite, como poderia eu saber os dias que se passavam? Como marcar as semanas e os meses? O tempo é o sol; se o sol nunca mais voltasse, o tempo deixaria de existir; só haveria eternidade!

E eu me senti perdido em um grande nada indefinido, vago, sem fundos e sem contornos.

Meu Deus! meu Deus! quando terminaria aquele suplício?

Desci ao andar térreo da casa, apressando-me agora para aproveitar a mesquinha luz da vela, que, pouco a pouco, me abandonava também.

Oh! só a ideia de que era aquela a derradeira luz que me restava! A ideia da escuridão completa que seria depois fazia-me gelar o sangue. Trevas e mortos, que horror!

Penetrei na sala de jantar. À porta tropecei no cadáver de um cão; passei adiante. O criado jazia estendido junto à mesa, espumando pela boca e pelas ventas; não fiz caso. Do fundo dos quartos já vinha um bafo enjoativo de putrefação ainda recente.

Arrombei o armário, apoderei-me da comida que lá havia e devorei-a, como um animal, sem procurar talher. Depois, bebi, sem copo, uma garrafa de vinho. E, logo que senti o estômago reconfortado, e logo que o vinho me alegrou o corpo, foi-se-me enfraquecendo a ideia de morrer com os outros, e foi-me nascendo a esperança de encontrar vivos lá fora, na rua. O diabo era que a luz da vela minguara tanto que agora brilhava menos que um pirlampo. Tentei acender outras. Vão esforço! a luz ia deixar de existir.

E antes que ela me fugisse para sempre, comecei a encher as algibeiras com o que sobrou da minha fome.

Era tempo! era tempo! Porque a miserável chama, depois de espreguiçar-se um instante, foi-se contraindo, a tremer, a tremer, bruxuleando, até sumir-se de todo, como o extremo lampejo do olhar de um moribundo.

E fez-se, então, a mais completa e a mais cerrada escuridão que é possível conceber. Era a treva absoluta; treva de caos; treva, como devia ter sido antes de existir no firmamento a primeira nebulosa.

Foi terrível o meu abalo, fiquei espavorido, como se ela me apanhasse de surpresa. Inchou-me por dentro o coração, sufocando-me a garganta; gelou-se-me a medula e secou-se-me a língua. Senti-me como entalado ainda vivo no fundo de um túmulo estreito; senti desabar sobre minha pobre alma, com todo o seu peso de maldição, aquela imensa noite negra e devoradora.

Imóvel, arquejei por algum tempo nesta agonia.

Depois estendi os braços e, arrastando os pés, procurei tirar-me dali às apalpadelas. Atravessei o longo corredor, esbarrando em tudo, como um cego sem guia. E conduzi-me lentamente até o portão de entrada.

Saí.

Lá fora, na rua, o meu primeiro impulso foi olhar para o espaço. Estava tão negro e tão mudo como a terra. A luz dos lampiões apagara-se de todo, no céu já não havia o mais tênue vestígio de uma estrela.

Treva! Treva! E só treva!

Mas eu conhecia muito bem o caminho da casa da minha Laura, e havia de lá chegar, custasse o que custasse!

Dispuse-me a partir, tateando o chão com os pés, sem despregar das paredes as minhas duas mãos abertas na altura do rosto.

Passo a passo, venci até a primeira esquina. Esbarrei com um cadáver, encostado nas grades de um jardim; apalpei-o; era um policial. Não me detive; segui adiante, dobrando para a rua transversal.

Começava a sentir frio. Uma densa umidade saía da terra, tornando aquela maldita noite ainda mais dolorosa. Mas não desanimei, prossegui pacientemente, medindo meu caminho palmo a palmo, e procurando reconhecer pelo tato o lugar em que me achava.

E seguia, seguia lentamente.

Já não me abalavam os cadáveres com que eu topava pelas calçadas. Todo o meu sentido concentrava-se nas minhas mãos; a minha única preocupação era não me desorientar e me perder na viagem.

E lá ia, lá ia, arrastando-me de porta em porta, de casa em casa, de rua em rua, com a silenciosa resignação dos cegos desamparados.

De vez em quando, era preciso deter-me um instante, para respirar mais à vontade. Doíam-me os braços de os ter continuamente erguidos. Secava-me a boca. Um enorme cansaço invadia-me o corpo inteiro. Há quanto tem-

po durava já esta tortura? não sei; apenas sentia claramente que, pelas paredes, o bolor principiava a formar altas camadas de uma vegetação aquosa, e que meus pés se encharcavam cada vez mais no lodo que o solo ressumbrava.

Veio-me então o receio de que eu, dali a pouco, não pudesse reconhecer o caminho e lograsse por conseguinte chegar ao meu destino. Era preciso, pois, não perder um segundo; não dar tempo ao bolor e à lama de escondrem de todo o chão e as paredes.

E procurei, numa aflição, aligeirar o passo, a despeito da fadiga que me acabrunhava. Mas, ah! era impossível mais do que arrastar-me penosamente, como um verme ferido.

E o meu desespero crescia com a minha impotência e com o meu sobressalto.

Miséria! Agora já me custava até distinguir o que meus dedos tateavam, porque o frio os tornara dormentes e sem tato.

Mas arrastava-me, arquejante, sequioso, coberto de suor, sem fôlego; mas arrastava-me.

Arrastava-me.

Afinal, uma alegria agitou-me o coração: minhas mãos acabavam de reconhecer as grandes do jardim de Laura. Reanimou-se-me a alma. Mais alguns passos, alguns passos somente, e eu estaria à sua porta!

Fiz um extremo esforço e rastejei até lá.

Enfim!

E deixei-me cair prostrado naquele mesmo patamar em que eu, dantes, tantas vezes atravessara ligeiro e alegre, com o peito a estalar-me de felicidade.

A casa estava aberta. Procurei o primeiro degrau da escada e ali caí de roxo, sem forças ainda para galgá-la.

E resfoleguei, com a cabeça pendida, os braços abandonados ao descanso, as pernas entorpecidas pela umidade. E, todavia, ai de mim! as minhas esperanças feneciam ao frio sopro de morte que vinha lá de dentro.

Nem um rumor! Nem o mais leve murmurúrio! Nem o mais ligeiro sinal de vida! Terrível desilusão aquele silêncio pressagiava!

As lágrimas começaram a correr-me pelo rosto, também silenciosas.

Descansei longo tempo; depois ergui-me e pus-me a subir a escada, lentamente, lentamente.

Ah! Quantas recordações aquela escada me trazia! Era ali, nos seus últimos degraus, junto às grades de madeira polida, que, todos os dias, ao despedir-me de Laura, trocava com esta o silencioso juramento do nosso olhar. Foi ali que eu pela primeira vez lhe beijei a sua formosa e tão pequenina mão de brasileira.

Estaquei, todo vergado lá para dentro, escutando.

Nada!

Entrei na sala de visitas, vagarosamente, abrindo caminho com os braços abertos, como se nadasse na escuridão.

Reconheci lá os primeiros objetos em que tropecei; reconheci o velho piano de armário, onde ela costumava tocar as suas peças favoritas; reconheci as estantes, pejadas de partituras, onde nossas mãos muitas vezes se encontraram, procurando a mesma música; e depois, avançando, alguns passos de sonâmbulo, dei com a poltrona, a mesma poltrona em que ela, reclinada, de olhos baixos e chorosos, ouviu corando o meu protesto de amor, quando, também pela primeira vez, me animei a confessá-lo.

Oh! como tudo isso agora me acabrunhava de saudade! Conhecemo-nos havia coisa de cinco anos; Laura então era ainda quase uma criança, e eu ainda não era bem um homem. Vimo-nos um domingo, pela manhã, ao sair-

mos da missa. Eu ia ao lado de minha mãe, que nesse tempo ainda existia, e...

Ah! mas para que estava agora a reviver semelhantes recordações?

Acaso tinha eu o direito de pensar em amor? Pensar em amor, quando, em torno de mim, o mundo inteiro se transformava em lodo?

Esbarrei contra uma mesinha redonda, tateei-a, achei sobre ela, entre outras coisas, uma bilha d'água; bebi sequiosamente. Em seguida procurei achar a porta, que comunicava com o interior da casa; mas vacilei. Tremiam-me as pernas e arquejava-me o peito.

Oh! Já não podia haver o menor vislumbre de esperança! Aquele canto sagrado e tranquilo, aquela habitação da honestidade e do pudor, também foram varridos pelo implacável sopro da morte!

Mas era preciso decidir-me a entrar. Quis chamar por alguém; não consegui articular mais do que o murmúrio de um segredo indistinguível.

Fiz-me forte; avancei às apalpadelas. Encontrei uma porta; abri-a. Pentrei numa saleta; não encontrei ninguém. Caminhei para diante; entrei na primeira alcova, tateei o primeiro cadáver.

Pelas barbas reconheci logo o pai de Laura. Estava deitado no seu leito; tinha a boca úmida e viscosa, e o muco que me sujou os dedos cheirava mal.

Limpei as mãos na roupa e continuei a minha tenebrosa revista.

No quarto imediato, a mãe de minha noiva jazia ajoelhada defronte do seu oratório, ainda com as mãos postas, mas o rosto já pendido para a terra. Corri-lhe os dedos pela cabeça; ela desabou para o lado, dura como uma estátua. A queda não produziu ruído.

Continuei a andar.

O quarto que se seguia era o de Laura; sabia-o perfeitamente. O coração agitou-se-me sobressaltado; mas fui caminhando sempre, com os braços es-

tendidos e a respiração convulsa.

Nunca houvera ousado penetrar naquela casta alcova de donzela, e um respeito profundo imobilizou-me junto à porta, como se me pesasse profanar, com a minha presença, tão puro e religioso asilo do pudor.

Era, porém, indispensável que eu me convencesse de que Laura também me havia abandonado como os outros; que me convencesse de que ela consentira que a sua alma, que era só minha, partisse com as outras almas desertoras; que eu disso me convencesse, para então cair ali mesmo a seus pés, fulminado, amaldiçoando a Deus e a sua loucura!

E havia de ser assim! Havia de ser assim, porque, antes, mil vezes antes, morto com ela do que vivo sem a possuir! Que me importava o resto, contanto que ela vivesse?

Entrei no quarto. Apalpei as trevas. Não havia sequer o rumor da asa de uma mosca.

Adiantei-me.

Achei uma estreita cama, castamente velada por ligeiro cortinado de cambraia. Afastai-o, e, continuando a tatear, encontrei um corpo, mimoso e frouxinho, todo fechado num roupão de flanela. Reconheci aqueles formosos cabelos sedosos; reconheci aquela carne delicada e virgem; aquela pequenina mão, e também reconheci a aliança, que eu mesmo lhe colocara em um dos dedos.

Mas, oh! Laura, a minha estremecida Laura, estava tão fria e tão inanimada como os outros!

E um fluxo de soluços, abafados e sem eco, saiu-me do coração.

Ajoelhei-me junto à cama e, tal como fizera com as minhas violetas, debruçei-me sobre aquele pudibundo rosto já sem vida, para respirar-me o bálsamo da alma. Longo tempo meus lábios, que as lágrimas ensopava, àque-

les frios lábios se colaram, no mais sentido, no mais terno e profundo beijo que se deu sobre a terra.

— Laura! — balbuciei tremente. — Ó minha Laura! Pois será possível que tu, pobre e querida flor, casta companheira das minhas esperanças! será possível que tu também me abandonasses, sem uma palavra ao menos, indiferente e alheia como os outros? Para onde tão longe e tão precipitadamente te partiste, doce amiga, que do nosso mísero amor nem a mais ligeira lembrança me deixaste?

E, cingindo-a nos meus braços, tomei-a contra o peito, a soluçar de dor e de saudade.

— Não; não! — disse-lhe sem voz. — Não me separarei de ti, adorável despojo! Não te deixarei aqui sozinha, minha Laura! Viva, eras tu que me conduzias às mais altas regiões do ideal e do amor; viva, era tu que davas asas ao meu espírito, energia ao meu coração e garras ao meu talento! Eras tu, luz de minha alma, que me fazias ambicionar futuro, glória, imortalidade! Morta, hás de arrastar-me contigo ao insondável pélago do nada!

Sim! Desceremos ao abismo, os dois, abraçados, eternamente unidos, e lá ficaremos para sempre, como duas raízes mortas, entretorcidas e petrificadas no fundo da terra!

Sim! Sim, minha esposa e minha sombra querida, se tua alma impaciente não esperou por minha alma, teu corpo será na morte o companheiro inseparável do meu corpo! Meus braços não te deixarão nunca mais! nunca mais! Aqui, neste peito, onde repousas agora o teu formoso rosto já sem vida, tens tu o teu túmulo! Meus últimos pensamentos e meus últimos beijos serão as flores da tua sepultura!

E, em vão tentando falar assim, chamei-a de todo contra meu corpo, entre soluços, osculando-lhe os cabelos.

Ó meu Deus! Estaria sonhando? Diria que a sua cabeça levemente se movera, para melhor repousar sobre meu ombro... não seria ilusão do meu próprio amor despedaçado?

— Laura! — tentei dizer, mas a voz não me passava da garganta.

E colei de novo os meus lábios contra os lábios dela.

— Laura! Laura!

Oh! Agora sentira perfeitamente. Sim! sim! não me enganava. Ela vivia! Ela vivia ainda, meu Deus!

E comecei a bater-lhe na palma das mãos, a soprar-lhe os olhos, a agitar-lhe o corpo entre meus braços, procurando chamá-la à vida.

E não haver uma luz! E eu não poder articular palavra! E não dispor de recurso algum para lhe poupar ao menos o sobressalto que a esperava quando recuperasse os sentidos!

Que ansiedade! Que terrível tormento!

E, com ela recolhida ao colo, assim prostrada e muda, continuei a murmurar-lhe ao ouvido as palavras mais doces que toda a minha ternura conseguia descobrir nos segredos do meu pobre amor.

Ela começou a reanimar-se; seu corpo foi pouco a pouco recuperando o calor perdido.

Seus lábios entreabriam-se já, respirando de leve.

— Laura! Laura!

Afinal, senti as suas pestanas roçarem-me na face. Ela abria os olhos.

— Laura!

Não me respondeu de nenhum modo, nem tão pouco se mostrou sobressaltada com a minha presença. Parecia sonâmbula, indiferente à escuridão e ao fedor nauseabundo que vinha dos outros quartos.

Meu Deus! Laura teria enlouquecido?

— Laura! minha Laura!

Aproximei os lábios de seus lábios ainda frios, e senti um murmúrio suave e medroso exprimir meu nome.

Oh! ninguém, ninguém pode calcular a comoção que se apossou de mim! Todo aquele tenebroso inferno por um instante se alegrou e sorriu.

E, nesse transporte de todo o meu ser, não entrava, todavia, o menor contingente da sensualidade. Nesse momento todo eu pertencia a um delicioso estado místico, alheio completamente à vida animal. Era como se me transportasse para outro mundo, reduzido a uma essência ideal e indissolúvel, feita de amor e bem-aventurança. Compreendi então esse voo etéreo de duas almas aladas na mesma fé, deslizando juntas pelo espaço em busca do paraíso. Senti a terra mesquinha para nós, tão grandes e tão elevados no nosso sentimento. Compreendi a divinal e suprema volúpia do noivado de dois espíritos que se unem para sempre. Compreendi o dulcíssimo enlevo de Eloísa; compreendi o êxtase das virginais esposas de Jesus, que quando queimadas em vida, sorriam tranquilamente para o céu.

— Minha Laura! Minha Laura!

Ela passou-me os braços em volta do pescoço e uniu sua boca à minha, para dizer que tinha sede.

Lembrei-me da bilha d'água. Ergui-me e fui, às apalpadelas, buscá-la de onde estava.

Depois de beber, Laura perguntou-me se a luz e o som nunca mais voltariam. Respondi vagamente, sem compreender como podia ser que ela não se assustava naquelas trevas e não me repelia do seu leito de donzela.

Era bem estranho o nosso modo de conversar. Não falávamos, apenas movíamos com os lábios. Havia um mistério de sugestão no comércio das nossas ideias; tanto que, para nos entendermos melhor, precisávamos às vezes unir as cabeças, fronte com fronte. E semelhante processo de dialogar em silêncio fatigava-nos a ambos em extremo. Eu sentia distintamente, com

a testa colada à testa de Laura, o esforço que ela fazia para compreender bem meu pensamento.

Por esse meio deu-me conta dos últimos eventos de sua vida; disse-me que, ao despertar aquela interminável noite, encontrara o pai já morto; pusera-se então a rezar ao lado de sua mãe, defronte do oratório, e que ao cabo de muitas horas, quando saiu da concentração da súplica, notou que estava ao lado de um cadáver. Quis pedir socorro, sair à rua para chamar alguém, mas fora detida por uma vertigem que a prostrara no leito.

Entretanto, não me parecia revoltada contra tamanhos infortúnios. E a sua tranquila resignação fez-me corar do meu desespero tão cerrado até ali.

Mais calmo, contei-lhe por minha vez o que presenciara. Disse-lhe que todos, todos, à exceção de nós dois somente, tinham morrido.

E interrogamos um ao outro, ao mesmo tempo, o que seria então de nós, perdidos e abandonados no meio daquele tenebroso campo de mortos? Como poderíamos sobreviver a todos os nossos semelhantes? Como poderíamos existir sem luz, sem voz e sem ter o que comer?

Emudecemos por longo espaço, de mãos dadas e com as frontes unidas.

Resolvemos morrer juntos.

Sim! Era tudo o que nos restava! Mas, de que modo realizar esse intento? Que morte descobriríamos capaz de arrebatar-nos aos dois de uma só vez?

Calamo-nos de novo, ajustando melhor as frontes, cada qual mais absorto pela mesma preocupação.

Ela, por fim, lembrou o mar. Sairíamos juntos à procura dele, e abraçados pereceríamos no fundo das águas.

Concordei, mas disse-lhe quanto seria difícil andar agora pelas ruas. Descrevi-lhe a luta que tive para conseguir chegar até ali. Era tudo lodo e era tudo trevas!

Mas também não podíamos ficar naquela casa por mais tempo. Os cadáveres tresandavam peste.

Em todo caso, era preferível ir procurar a morte lá fora.

Laura ajoelhou-se e rezou, pedindo a Deus por toda aquela humanidade que partira antes de nós. Depois ergue-se, passou-me o braço na cintura, e começamos juntos a tatear a escuridão, dispostos a cumprir nosso derradeiro voto.

Ao atravessarmos um dos quartos, nossos olhos tiveram uma grande surpresa: viram alguma coisa.

Sim! Vimos! Vimos, ali mesmo, a alguns passos de nós, um estranho e belo objeto luminoso, cercado de chama azul e verde, e com uma linda luz de pedras preciosas. Dir-se-ia uma caprichosa baixela refulgente, de prata e ouro, toda cravejada de diamantes, safiras e rubis.

Aproximamo-nos avidamente para observar de mais perto o que seria aquilo tão bonito que resplandecia nas trevas. Mas, ao tocar-lhe, levantou-se um mortífero fedor de podridão e fez-se defronte de nós um ondular de fogos fátuos, com todas as gamas do verde luminoso.

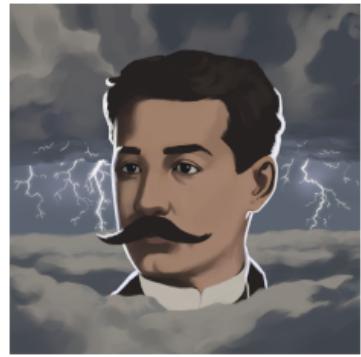
Enorme esmeralda flamejante, cuja fulguração oscilava em ondas fosforescentes, derramando uma lívida claridade, em que nos contemplamos os dois, aterrados e trêmulos.

Era, que horror! o cadáver o pai de Laura, resplandecendo no auge da sua decomposição. Aqueles lindos fogos cambiantes saíam-lhe do ventre espocado.

Fugimos espavoridos, sem desprender os braços um do outro, a correr, tropeçando em tudo, e alumados, como dois demônios, por aquela pira da podridão, numa infernal apoteose de sabá.

E, atropeladamente, ganhamos a escada, cujos degraus a lama e o bolor vitoriosos tinham já invadido por tal modo, que nos despenhamos juntos,

rolando até cair lá fora, na rua, abraçados e arquejantes.



ALUÍSIO DE AZEVEDO

Aluísio de Azevedo (1857-1913) foi um escritor e diplomata nascido em Maranhão, conhecido principalmente por ser um precursor do Naturalismo brasileiro com a obra abolicionista *O Mulato*, de 1881.

devils

WRITTEN BY

Aluísio de Azevedo

TRANSLATED BY

André Colabelli

COPYEDITED BY

Renata Torres

Translator's Note

Wake up babe, an apocalyptic weird fiction from 1891 just dropped.

When we ran into Aluísio de Azevedo's short story *Demônios*, we knew we had to publish it in our Cities issue. There are many reasons for that.

One of our goals in publishing short stories by classical authors in Eita! is showing that Brazilian fantastic literature has a longer lineage than it is often believed – and, often, by the quills of authors generally considered part of literary movements closed to realism, like Naturalismo and, well, Realismo. On our first issue we published Machado de Assis, who is often considered a realist author, but who in fact has quite an eclectic output, having penned even fables. On the same note, Azevedo is best known for novels like *O Cortiço*, considered (justly) one of the most important works of the Naturalismo movement; that increased our surprise upon finding such an openly fantastic story coming from that same author.

And how fantastic that story is! *Demônios* is an apocalyptic tale, describing a bizarre end of the world via the end of entropy, in which all lives blink out like candles. This kind of fiction is common nowadays, but it was practically unheard of during its time. The US-based podcast *The Apocalist* (which might be the closest thing to an academic source we're comfortable using) is reading every apocalyptic novel ever released, and their list contains only two works earlier than Azevedo's story: *Le Dernier Homme*

(Jean-Baptiste Cousin de Grainville, 1805) e *The Last Man* (Mary Shelley, 1826). (Grainville's novel title also translates to *The Last Man*.) And yet, Azevedo's apocalypse lies far beyond what is seen in fiction even today, consisting not only of the mere destruction of humankind or planet Earth, but of a change in the very rules of the universe.

Demônios also approaches weird fiction. Even though it can be comfortably characterized as a gothic tale, it contains many themes that weird fiction would cherish: the unfathomable causes of the sudden cataclysm, the world being covered in moss and sludge, the fluorescent fungi sprouting from rotting corpses. This would make our Azevedo earlier than most work considered as precursors to weird, such as Robert Chambers' *The King in Yellow* (1895) or Aldernon Blackwood's *The Willows* (1907).

That is why we could not resist publishing this story on Eita!. But we had a problem. This story is long enough that, if we published it in its entirety, it'd be larger than every other work in the magazine put together. Although we think the classic authors are important, they are not more so than the contemporary authors our publication focuses on. Besides, all of our work is voluntary, and we'd need effectively twice the work-hours in order to publish and translate the complete piece. That is why, even though it breaks our heart, we were forced to publish a fragment of the story. Including chapters III to VI, we had to skip the moments of despair in which the author realizes the entire universe is covered in darkness, as well as the progressively more psychedelic ending in which the author and his beloved "devolve" until returning to primordial soup. We still hope we can deliver a small sense of what captivated us so much in this story.



The doctor was lying on his bed, wrapped in the sheets. His mouth was contracted, and his eyes were half-open.

I called for him; I violently held his arm and fell back in terror, for I felt his body rigid and cold. I shakily brought my candle closer to his motionless face; he did not open his eyes, nor made the slightest gesture. And in

his pale face I noticed the green spots of flesh that is about to start decomposing.

I stepped back.

And my fear grew. And it seized my soul, the fear of the incomprehensible; a fear of what cannot be explained; a fear of what cannot be believed. I walked out of the room, desiring to call for help, lacking the voice to scream, growling the guttural cries of a dying man.

And I ran to the other rooms, no longer bothering to knock, and broke down the doors I found closed. My candle's light, getting more and more livid by the moment, seemed, like myself, to shake in fear.

Oh! what a terrible moment! what a terrible moment! It was as if around me the unfathomable, tenebrous nothingness had gaped open, to devour me, its enormous, viscous, greedy mouth. Throughout all those beds that I ran through like a madman, I felt nothing but cold, rigid corpses.

I found no one living; no one!

It was the death of all! the full death! a silent and terrible tragedy, to which I was the sole spectator. In each room there was at least one corpse! I saw mothers pressing against their bosoms their dead children, as dead as themselves; I saw couples holding each other, sleeping their final sleep, still tangled in the final frenzy of their loves; I saw white female figures sprawled on the ground, decomposed in the impudence of death; wax-colored students bent over their studies, their arms folded over the open compendium, before a lamp forever extinguished. And all was cold! and all was motionless, as if those lives had been snuffed out by the same breath; or as if the land, suddenly feeling a great hunger, had gone insane and devoured at once all its children.

I ran through the other stories of the house: always the same abominable display!

There was no one else! there was no one else! All had deserted in mass!

And why? And where had those souls ran to, on a single flight, landed like a flock of foreign birds?

What a strange strike!

But why was I not called as well before that departure? Why was I abandoned alone amongst these terrifying, foul spoils?

What could there have been, my God? what could have been all this? Why did all these people escape secretly, silently, without the last farewell of the dying, without the screams of agony? And I, a miserable exception! Why did I still exist, tangling with the dead and closed in with them in the same catacombs? It was then that an idea shot quickly through my spirit, leaving my heart terrifyingly startled.

I remembered Laura. At that moment, would she be, like the others, also inanimate and gelid; or a sad laggard! would she still await me, impatient to take on the mysterious flight? In any case it was there, towards that beloved, virginal creature, that I should wait my turn to also dive in the tenebrous depths!

Dead?! But why dead... if I lived, it was quite possible that she might live as well!

And why should I care about the rest, what mattered to me all the others, as long as I had her alive and breathing in my arms?

My God! what if we were left alone on this land, with no one else, no one? If we were to be alone, her and I, pressed against each other, in eternal, heavenly egoism, watching creation be reborn around our isolation? Watching as, by the sounds of our love's kisses, the entire world sprung up again; as life grew anew, awakening all of nature, star by star, wing by wing, petal by petal?

Yes! yes! I had to run to her!

But hunger tortured me with increasing fury. It was impossible to carry on any longer without eating. Before I could aid my heart, I had to aid my stomach!

Hunger! Love! But how is it that, as all died around me, I thought of love and felt hunger! Hunger, which is the most powerful voice of the individual preservation instinct, just as love is the voice of the specie's preservation instinct! Hunger and love, guarantees of life; the two unchanging poles of the axis around which, for millions of centuries, the organic world has mysteriously spun!

And yet, I could do naught else before I ate. How long had passed since my last meal? I didn't know; I had no way to calculate. My watch, now useless, stupidly had its hands at twelve hours. Twelve hours of what? Twelve hours! whatever could this be. Twelve hours! What could be the meaning of that word?

I threw the watch away from me, shattering it against the wall.

Oh my God! was that incomprehensible night to last forever, how could I know about the passing of days? How would I mark weeks and months? Time is sun; if the sun never returned, time would cease to exist; there would be only eternity!

And I felt lost in a great undefined nothing, vague, without ends and without contours.

My God! my god! when would this ordeal end?

I descended to the house's ground floor, hurrying now to make use of the stingy candlelight that, little by little, abandoned me as well.

Oh! the mere idea that such was the last light I had left! The thought of the complete darkness that would fall afterwards chilled my blood. The dark and the dead, what horror!

I stepped into the dining room. By the door I tripped over the corpse of a dog; I kept on moving. The servant lied by the tableside, foaming through his mouth and nostrils; I minded him not. From the back of the rooms already rose a nauseating air of recent putrefaction.

I broke into the pantry, taking possession of the food therein, and devoured it, like an animal, without searching for any cutlery. Afterwards I drank, without a glass, a bottle of wine. And as soon as I felt my stomach recomforted, and the wine cheered my body, the idea of dying with the others weakened in me, and instead grew the hope of finding more living folks, out in the streets. The devil was that the candlelight had faded so much it now shone less than a firefly. I tried to light other candles. In vain was that effort! the light would soon cease to exist.

And before it escaped me forever, I started to fill my pouches with what my hunger had spared.

Just in time! just in time! for the miserly flame, after stretching languidly for a moment, contracted, trembling, trembling, flickering, until it faded entirely, like the final glow in the eyes of the dying.

And it fell, then, the most complete and heavy darkness one can conceive. It was the absolute dark; the chaotic dark; the dark there must have been before there was the first nebula in the firmament.

I was terribly shaken, breathless, as if it had caught me by surprise. My heart swelled in my chest, choking my throat; my marrow froze and my tongue dried. I felt as if trapped yet living in a narrow grave; I felt crashing over my poor soul, with its entire cursed weight, that immense, black, devouring night.

Motionless, I gasped in agony for some time.

Afterwards I stretched my arms and, dragging my feet, tried to feel my way out of there. I crossed the long hallway, bumping into everything, like

a blind man without a guide. And I slowly led myself to the entry gate.

I walked out.

Outside, in the street, my first impulse was to look up at the heavens. It was as dark and mute as the land. The light of the gas lamps had faded entirely and, in the sky, there was not any more even the most tenuous vestige of a star.

Dark! Dark! And only the dark!

But I knew very well the way to my Laura's home, and I would make it there, no matter the cost!

I departed, feeling the ground with my feet, never letting my hands, opened at face height, stray from the walls.

Step by step, I made it to the first corner. I bumped into a corpse, leaning against a garden railing; I felt it, it was a police officer. I did not stop; I carried on, turning the corner to the cross street.

I started to feel cold. A dense humidity seeped from the earth, turning that accursed night even more painful. But I did not falter, I carried on patiently, measuring my path foot by foot, and trying to recognize by touch the place where I found myself.

And I moved, forward, forward, slowly.

The corpses I found on the sidewalks no longer phased me. All my senses were focused on my hands; my sole concern was to not become disoriented and lose myself in the journey.

And there I went, there I went, dragging myself from door to door, from house to house, from street to street, in the silent resignation of the helpless blind.

Every once in a while, it was necessary to stop for a moment, to breathe more easily. My arms hurt from having them continuously raised. My mouth dried. An enormous weariness invaded my entire body. For how long

had this torture lasted? I couldn't tell; I just clearly felt that, over the walls, the mold started to form thick layers of aqueous vegetation, and that my feet became more and more drenched in the sludge that pooled from the ground.

And thus, came to me the fear that I would shortly become unable to recognize the way and therefore arrive at my destination. Therefore, there was not a second to lose; no time ought to be given to the mold and sludge to hide the floor and walls in their entirety.

And I attempted, woefully, to hasten my steps, despite the fatigue that threatened to overwhelm me. But, ah! it was impossible to do more than to drag myself pitifully, like a wounded vermin.

And my despair grew alongside my powerlessness and my fright.

What misery! Now it pained me even to distinguish what my fingers felt, for the cold had turned them dormant and insensitive.

But I dragged on, gasping, thirsty, sweaty, breathless; but I dragged on.
I dragged on.

Finally, joy leapt within my heart: my hands had just recognized the fence around Laura's garden. A few more steps, only a few more, and I'd be at her door!

It took me an extreme effort to crawl up to it.

At last!

And I let myself fall, prostrate, in that same threshold that I had before so many times crossed quickly and joyfully, with my chest bursting with happiness.

The house was open. I searched for the first step of the stairs and there I fell to my knees, still lacking the strength to climb it.

I snorted, my head heavy, my arms abandoned to rest, my legs numb by humidity. And yet, poor me! my hopes withered by death's cold breath that

blew from inside.

Not a noise! Not the softest murmur! Not the slightest sign of life! What terrible disillusion that silence foretold!

Tears ran down my face, also silent.

I rested for a long time; then I rose and made myself climb the stairs, slowly, slowly.

Oh! How many memories those stairs brought me! It was there, on its final steps, by the polished wood railings, that, every day, as I said to Laura my farewells, our eyes exchanged a silent oath. It was there that, for the first time, I kissed her small, shapely, Brazilian hand.

I stood still, leaning inside, listening.

Nothing!

I walked into the living room, slowly, opening my way with open arms, as if I was swimming through the darkness.

I recognized the first objects I ran into; I recognized the old standing piano, where she used to play her favorite pieces; I recognized the shelves, heavy with music sheets, where our hands would often meet, searching the same song; and afterwards, taking a few sleepwalker's steps, I ran into the high chair, the same chair where, leaning back, her tearful eyes looking down, she first heard, blushing, my declarations of love, when I, for the first time, also brought myself to confess them.

Oh! how all that now overwhelmed me with longing! We had met some five years ago; Laura was still almost a child, and I was not quite yet a man. We met on a Sunday morning, walking out of the church services. I was walking by my mother, who at that time still lived, and...

Ah! but what was I reliving such memories for?

Perchance had I any right to think of love? To think of love, when, around me, the entire world turned to sludge?

I bumped into a small, round table, and feeling it, I found lying on it, amongst other things, a pitcher of water; I drank from it thirstily. Next, I endeavored to find the door that led to the inside of the house, but I faltered. My legs shook and my chest sagged.

Oh! There could not exist the slightest glimpse of hope! That holy, quiet corner, that house of honesty and modesty, had also been blown over by the merciless breath of death!

But I had to decide to enter. I tried to call for someone; I could not articulate more than the murmur of an indistinguishable secret.

I braced myself and felt my way forward. I found a door and opened it. I stepped into a small room and found no one. I walked forward; I entered the first alcove and felt the first corpse.

By its beard I quickly recognized Laura's father. He laid on his bed; his mouth was wet and viscous, and a foul-smelling mucus that stained my fingers.

I wiped my hands in my clothes and continued my tenebrous inspection.

In the contiguous room, my fiancé's mother laid kneeling in front of her oratory, her hands still placed in prayer, but her face already pending towards the earth. I ran my fingers through her head; she fell to the side, hard like a stone. The fall produced no noise.

I marched on.

The next room was Laura's; I knew that all too well. My heart stirred; but I kept on walking steadily, my arms extended and my breath convulsive.

Never had I dared to penetrate chaste maiden's alcove, and a deep sense of respect stopped me by the door, as if it weighed on me to profane with my presence such a pure and religious refuge of modesty.

It was, however, indispensable that I convinced myself that Laura had also abandoned me like the others; that I convinced myself that her soul,

that was mine alone, had departed along with the other deserter souls; that I become convinced of such, so that I could fall at her feet right there, struck, cursing God and his madness!

And so it should be! So it should be, for a thousand times better it would be to be dead with her than alone without her! What did I care for anything else, as long as she lived?

I entered the room and felt the darkness. There was not even the noise of a fly's wing.

I stepped forward.

I found a narrow bed, chastely veiled by cambric curtains. I pushed it aside and, continuing to feel, I found a body, tender and thin, closed in a flannel robe. I recognized that beautiful, silky hair; I recognized that delicate virgin flesh; that small hand and, also, the ring I had placed myself in one of her fingers.

But, oh! Laura, my shook Laura, was as cold and inanimate as the others!

And a flow of cries, muffled and without echo, poured out of my heart.

I knelt by the bed and, much like I had done to my violets, I leaned over that pudibund face, already lifeless, to breathe in the balsam of a soul. For a long time, my tear-drenched lips were bound to those cold lops, in the most heartfelt, sweet, and deep kiss that there had ever been over this earth.

“Laura!” I muttered shakily. “Oh, my Laura! Is it possible that you, oh poor dear flower, chaste companion of my hopes! is it possible that you have also abandoned me, without a single word, as indifferent and alien as all others? Where have you so suddenly gone, sweet friend, that you’d leave not even the smallest memory of our pitiful love?”

And, holding her in my arms, I pressed her against my chest, weeping in pain and longing.

“No; no!” I told her voicelessly. “I shall not be apart from you, lovely spoils! I shall not leave you alone here, my Laura! Living, it was you who led me to the highest regions of ideal and love; living, it was you who gave wings to my soul, energy to my heart and power to my talent! It was you, light of my soul, who made me crave future, glory, immortality! Dead, you shall drag me with you to the unfathomable depths of nothingness!”

“Yes! We shall descend this abyss, the two of us, held together, eternally united, and there we shall remain forever, like two dead roots, saddened and petrified at the bottom of the earth!”

“Yes! Yes, my wife and my dear shadow, if your impatient soul wouldn’t wait for mine, then your body shall be, in death, an inseparable companion to my own! My arms will not leave yours ever again! ever again! Here, on this chest, where now rests your kindly lifeless face, you see your headstone! My final thoughts and my final kisses shall be the flowers by your grave!”

And, in trying in vain to speak to her in this manner, I pulled her against my body, wailing, shaking her hair.

Oh my God! Would I be dreaming? I seemed to feel that her head had moved slightly, to better rest over my shoulder... was that not an illusion caused by my own shattered love?

“Laura!” I tried to say, but my voice nary left my throat.

Once more I glued my lips to hers.

“Laura! Laura!”

Oh! Now I felt perfectly. Yes! Yes! I had not been wrong. She lived! She lived still, my God!

And I started to clap her hands, blow her eyes, and shake her body in my arms, trying to bring her to life.

And there being no light! And me being unable to utter any word! And me possessing no recourse to at least spare the shock that awaited her when she regained her senses!

What anxiety! What terrible torment!

And, having her in my lap, thus prostrate and silent, I continue to murmur in her ear the sweetest words that my tenderness could uncover from the secrets of my sweet love.

She started to come to her senses; her body slowly recovered the lost heat.

Her lips parted, and she breathed softly.

“Laura! Laura!”

Finally, I felt her eyelashes rub against my face. She opened her eyes.

“Laura!”

She did not respond to me in any way, nor did she appear shocked by my presence. She felt like a sleepwalker, indifferent to the darkness and to the fetid smell that wafted from the other rooms.

My God! Had Laura gone insane?

“Laura! my Laura!”

I brought my lips closer to hers, still cold, and felt a soft, timid murmur express my name.

Oh! no one, no one could ever calculate the commotion that took hold of me! The entirety of that tenebrous hell, for an instant, felt like a joyous smile.

And in that transport of all my being, there was not, however, the slightest contingent of sensuality. At that moment I belonged entirely to a delicious mystic state, completely foreign to animal life. It was as if I had transported myself to a different world, reduced to an ideal, indissoluble essence, made of love and goodwill. I understood, then, this ethereal flight of two

souls winged by the same faith, sliding together through space in search of paradise. I felt the earth too greedy for us, so great and formidable in our feelings. I understood the divine, supreme lust in the engagement of two spirits that are joined forever. I understood the sweet rapture of Heloise; I understood the ecstasy of the virginal wives of Jesus, that, burned alive, smiled calmly to the heavens.

“My Laura! My Laura!”

She wrapped her arms around my neck and brought her mouth to mine, to tell me she felt thirsty.

I remembered the pitcher of water. I rose and felt my way back to the living room, to fetch it.

After drinking, Laura asked me if light and sound would never return. I responded vaguely, not quite understanding how she was not frightened by the dark, nor drove me off her maiden’s bed.

Our manner of conversing was rather strange. We did not speak; we only moved our lips. There was a mystery of suggestion in the trade of our ideas; to such a point that, to better understand each other, we would sometimes bring our heads together, forehead to forehead. And such a process of silent dialogues left us both extremely fatigued. I felt distinctly, with my forehead touching hers, the effort she made to understand my thoughts well.

Through these means she gave me an account of the last events of her life; she told me that, upon awakening in that endless night, she found her father already dead; she started to pray by her mother, in front of the oratory, and by the course of many hours, when she left the suppliant’s focus, she noticed she knelt next to a corpse. She wanted to call for help, go to the streets to call for someone, but was stopped by a bout of vertigo that forced her to lie in bed.

However, she did not seem revolted by such misfortune. And her quiet resignation brought me shame of my despair, so thick up to that moment.

Calmer now, I told her in turn what I had witnessed. I told her that everyone, except for us both, had died.

And we questioned each other, at the same time, what would be our end, lost and abandoned amidst that tenebrous field of the dead. How could we survive all our kin? How could we exist without light, voice, or nourishment?

We were silent for a long time, holding hands and pressing our foreheads together.

We decided to die together.

Yes! That was all we had left. But how could we execute that intent? What death could we discover that would be able to strike us both in one blow?

We were silent again, better adjusting our heads, each one deeper in thought on the same concern.

She finally remembered the sea. We'd walk out towards it and, in an embrace, we'd perish at the bottom of the waters.

I agreed but told her how difficult it would be to walk through the streets now. I described the struggle I had to make it to her house. All was sludge and all was darkness!

But neither could we remain in that house for longer. The corpses reeked of pestilence.

In any case, it was preferable to seek death outside.

Laura knelt and prayed, petitioning to God in the name of all of humankind that had departed before us. Then she rose, placed her arm around my waist, and together we started to feel around the darkness, willing to accomplish our final vow.

As we crossed one of the rooms, our eyes had a great surprise: they saw something.

Yes! We saw! We saw, right there, only a few steps out from us, a strange and beautiful luminous object, surrounded by blue and green fire, and with a beautiful light like glittering stones. It looked like a fancy, shiny serving set, made of gold or silver, engraved with diamonds, sapphires, and rubies.

We greedily approached to better observe what would be such a beautiful thing that shone in the dark. But, upon touching it, a deadly stink of rot rose and before us waved marsh fire, in all the tones of luminous green.

An enormous flaming emerald, flaring in fluorescent waves, spilling livid brightness that we both contemplated, terrified and shaken.

It was, what horror! the corpse of Laura's father, resplendent in the height of its decomposition. Those beautiful changing fires spewed out from its burst abdomen.

We ran away terrified, holding each other's arms, tripping over everything, illuminated, like two devils, by that pyre of rot, in the apotheosis of a hellish sabbath.

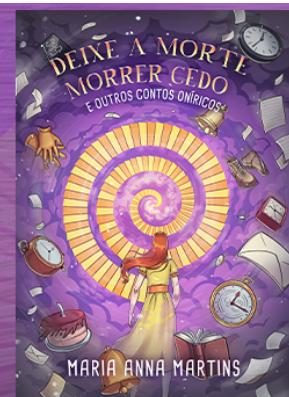
And, trampling over each other, we made it over the stairs, the steps of which the victorious sludge and mold had invaded to such an extent that we crashed together, rolling until we fell in the street, in a panting embrace.



ALUÍSIO DE AZEVEDO

Aluísio de Azevedo (1857-1913) was a Maranhão-born writer and diplomat, better known for being a precursor to the Naturalismo school in Brazil after the publication of the abolitionist novel *O Mulato*, in 1881.

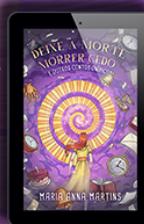
Quer lançar seu livro ou planejar seu financiamento coletivo? Envie um e-mail para:
ligiacolares@gmail.com



O onírico é a porta para a liberdade, o abraço ao imaginário, instiga a criatividade e os desejos mais profundos. E todos têm a chave para esse mundo: basta fechar os olhos...

ou abrir o livro.

Disponível na
amazon
e no Kindle
Unlimited



(lack of)
SEX
(a few)
DRUGS
(less known genres, but some)
ROCK N ROLL



The Revelry is a detailed account of a Brazilian developer-designer-writer living in Germany.

Musical journeys, philosophical ramblings, psychedelic experiences, plus the usual oversharing.

Grab your glass and take part in
The Revelry
angelodias.substack.com



UM LÓBISOMEM COM PROBLEMAS
MUITO MAIORES QUE UMA LUA CHEIA

LOBONAUTA

HQ DIGITAL POR:

FELIPE CASTILHO

: ORDEM VERMELHA
: SERPENTÁRIO

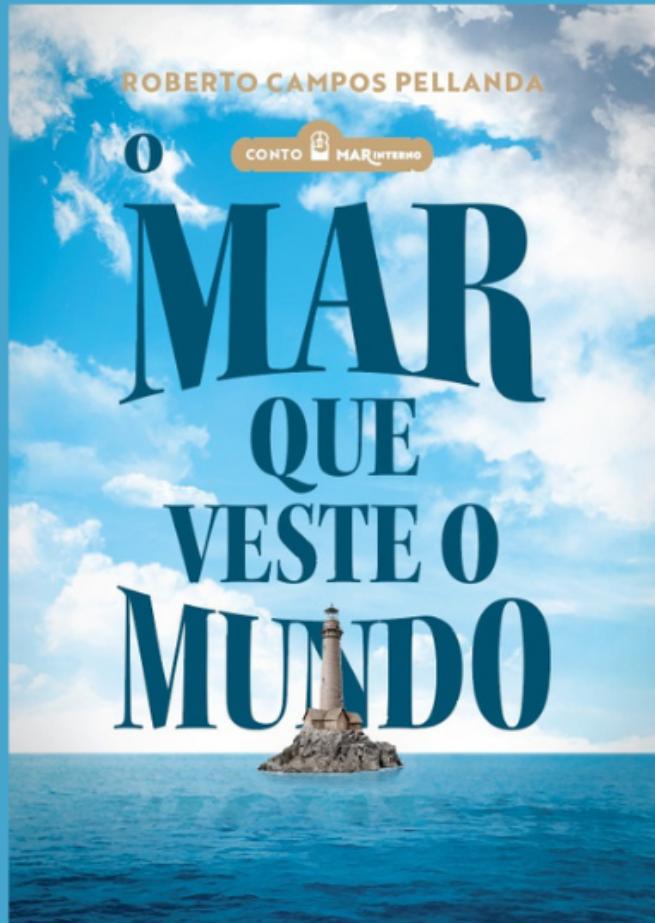
TIAGO HOLSI

: ESPINHELA CAÍDA
: ENTARDECER DOS MORTOS

A PARTIR DE R\$ 7 VOCÊ TEM ACESSO
A ESTA E MUITAS OUTRAS HQS E CONTOS,
EXCLUSIVOS E COMPLETOS!

CATARSE.ME/FELIPECASTILHO





Um conto no universo
de Mar Interno



MAR INTERNO

a grade- cimientos acknow- ledgments

Agradecimentos / Acknowledgments

Our Beloved Patrons:

Meu Chapa!

André Elias, Cirilo Lemos, Diego Guerra, James Ditaranto, Mayra Vendramim

Gente Boa! / Good Person!

Amanda Pavani, Lucas Schapira, Michel Peres, Thiago Floreste

Camarada! / Comrade!

Andrew Hatchell, Bruno Vial, Di Toledo, Eliana M. Ugarte, Gabriela Colicigno, Giu Domingues, Janayna Pin, Jonas Dias, Leo Melo, Lisandro Gaertner, May Barros, Nicholas Davies, nirev, Pablo Oliveira Souza, Rodrigo Pastori Lara, Santiago Santos, Thiago Ambrosio Lage

Beloved!

Illimani Ferreira, Interzone, Laura Moynihan, Lisa Hunt, Milena Araujo

Consagrated!

Caesar Ralf Franz Hoppen

Nossos amados apoadores no catarse:

Tnl Belisario, Adam Mattos, Alexandre Aguiar de Castro, Ana Carolina de Magalhães, Ana Rüsche, André Colabelli Manaia, André da Cunha Melo, Andrew Hatchell, Angelo Dias, Ariel Ayres, Arthur Breccio Marchetto, Basilio Belda, Beatriz Hildebrand Comin Alves de Oliveira, Bruno Amâncio Martins Vial, Bruno Fiуza, Bruno Peixoto, Caesar Ralf Franz Hoppen, Camillo José, Carola Rodrigues, Celia Lemos, Coral Gabani, Cristina Silveira Melo, Daniel Prestes da Silva, Deleon Stu, Dianne Di Celio, Eduardo Ronqui da Silva, Elisa de Magalhães e Guimarães, Elvis Soriano Rodrigues, Eric David Gondim Figueiredo Hart, Erika Saadi, Eulidiane Morais da Silva, fabricio, Felipe Castilho, Felipe Neves, Francine Emilia Costa, Gabriel Rocha Gonçalves, Gabriela Cabral, Gabriela Colicigno, Gabriella de Jesus Moreira, Giuliana Yukari Murakami da Paixão, Gustavo Colombini, Humberto Fraga Ribeiro Júnior, Iana Serensky, Illimani Ferreira, Iracema Costa Magalhães, Isabela Lima, Janayna Bianchi Bruscagin Pin, João Marco Vieira da Rosa, João Victor Burgos Fernandes, José Eduardo Rios, Júlia Medeiros, Júlia Viegas Alves, Juliana Paula Almeida Cordeiro, Junio Oliveira Silva, Kali de los Santos, Laércio Lima Pilla, Laura Vieira, Leonardo Coutinho, Lícia Mayra, Lígia Colares, Lina Machado, Lis Bittencourt Vilas Boas, Lisandro Gaertner, Lívia Sant'Angelo Mariano, Luana Caroline Cruz da Costa, Lucas N. Santana, Lucas Rafael Ferraz, Luísa Monte negro, Luisa Peixoto, Luiz Eduardo Correia Vila Nova Junior, Lygia Carneiro de Sousa Amador, Marcel Oliveira, Marcelo Lopes de Almeida, Marelly Zanon Boito, Márcio Moreira, Maria Anna Leal Martins, Maria Anna Leal Martins, MARIA F C CASTRO, Maria Renata da Silva Eloy, Mariana Barbosa, Mariana da Silva Vita, Marina Melo, Marina Oliveira, Marina Oliveira Rocha, Mathaus Ramos, Mayara Barros, Mayra Vendramim, Mirela Paes, MOACIR MARCOS DE SOUZA FILHO, Naíza Alves, Nessa Gue-

des, Paola Lima Siviero, Paulo Vinicius F. dos Santos, Pedro Antunes Elias, Pedro Henrique Pereira Pires, Pedro Henrique Pereira Pires, PeKs, Priscila Morais dos Santos, Raquel Geribello Setz, Roberto Pellanda, Rodrigo Castilho Freitas, Sofia Soter Henriques, Stíphanie Silva, Terrie Hashimoto, Thiago A L, Tiago Reul, Tiago Valença, Victor Almeida, Viviane de Almeida, Wilson Júnior, Yuri Melchiades Mattoso

Obrigada, gente linda!

